Álvaro Estrada

a sábia dos cogumelos

Martins Fontes

Relato autobiográfico de Maria Sabina, a Sábia dos Cogumelos Sagrados

"Naquela tarde, vendo minha irmã estirada, pensei que estivesse morta. Minha única irmã. Não... ela não podia morrer. Eu sabia que os meninos santos tinham o poder. Eu sabia que nossa gente os comia para curar doenças. Então, tomei uma decisão; naquela mesma noite, eu comeria os cogumelos santos...
Fiz a velada em que curei minha irmã Maria Ana como os antigos mazatecos. Usei velas de cera pura; flores, açucenas e gladíolos...
Queimei o copal num braseiro e com a fumaça defumei os meninos santos que tinha nas mãos. Antes de comê-los, falei com eles, pedi-lhes favor. Que nos abençoasse, que nos indicasse o caminho, a verdade, a cura. Que nos desse o poder de rastrear as pegadas do mal, para acabar com ele. Eu disse aos cogumelos: "Tomarei seu sangue. Tomarei seu coração. Porque minha consciência é pura, é limpa como a sua. Dêem-me a verdade. Que me acompanhem São Pedro e São Paulo..."
Ao sentir-me enjoada, apaguei as velas. A escuridão serve de fundo para o que se vê ali."

Relato autobiográfico de María Sabina,

a Sábia dos Cogumelos Sagrados

"Naquela tarde, vendo minha irmã estirada, pensei que estivesse morta. Minha única irmã. Não... ela não podia morrer. Eu sabia que os meninos santos *tinham o poder. Eu sabia que nossa gente os comia para curar doenças. Então, tomei uma decisão; naquela mesma noite, eu comeria os cogumelos santos... Fiz a velada em que curei minha irmã María Ana como os antigos mazatecos. Usei velas de cera pura; flores, açucenas e gladíolos...*

Queimei o copal num braseiro e com a fumaça defumei os meninos santos que tinha nas mãos. Antes de comê-los, falei com eles, pedi-lhes favor. Que nos abençoasse, que nos indicasse o caminho, a verdade, a cura. Que nos desse o poder de rastrear as pegadas do mal, para acabar com ele. Eu disse aos cogumelos: "Tomarei seu sangue. Tomarei seu coração. Porque minha consciência é pura, é limpa como a sua. Dêem-me a verdade. Que me acompanhem São Pedro e São Paulo..." Ao sentir-me enjoada, apaguei as velas.

A escuridão serve de fundo para o que se vê ali."

Álvaro Estrada

a vida de Maria Sabina

a sábia dos cogumelos

Martins Fontes

INDICE

Apresentação de R. Gordon Wasson

Introdução

A vida de María Sabina

Cantos xamânicos de María Sabina

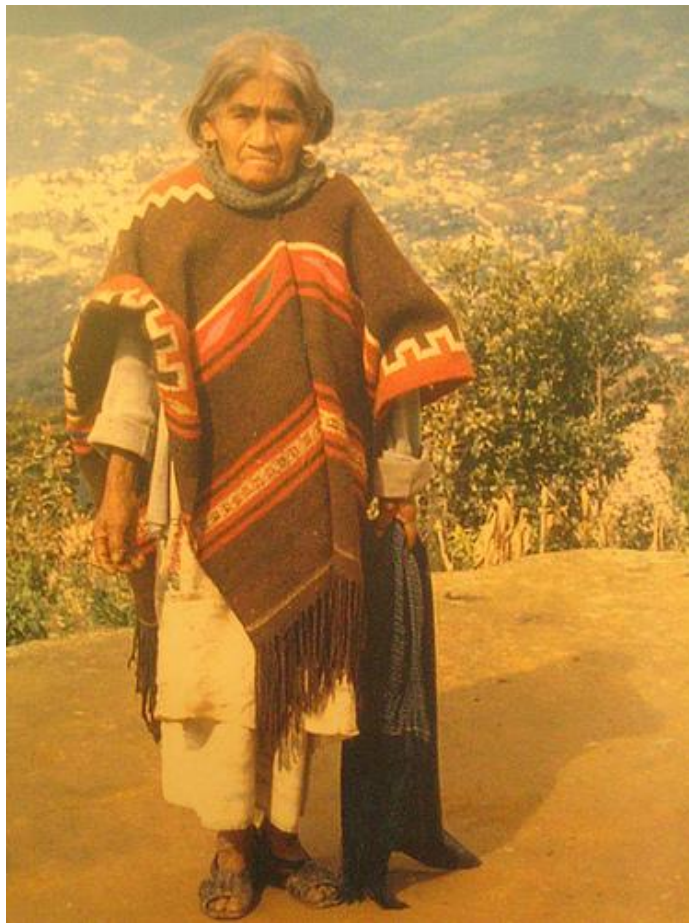
Cantos xamânicos de Román Estrada

Apêndice: balanço de uma vida

A VIDA DE
MARÍA SABINA
A SÁBIA DOS COGUMELOS

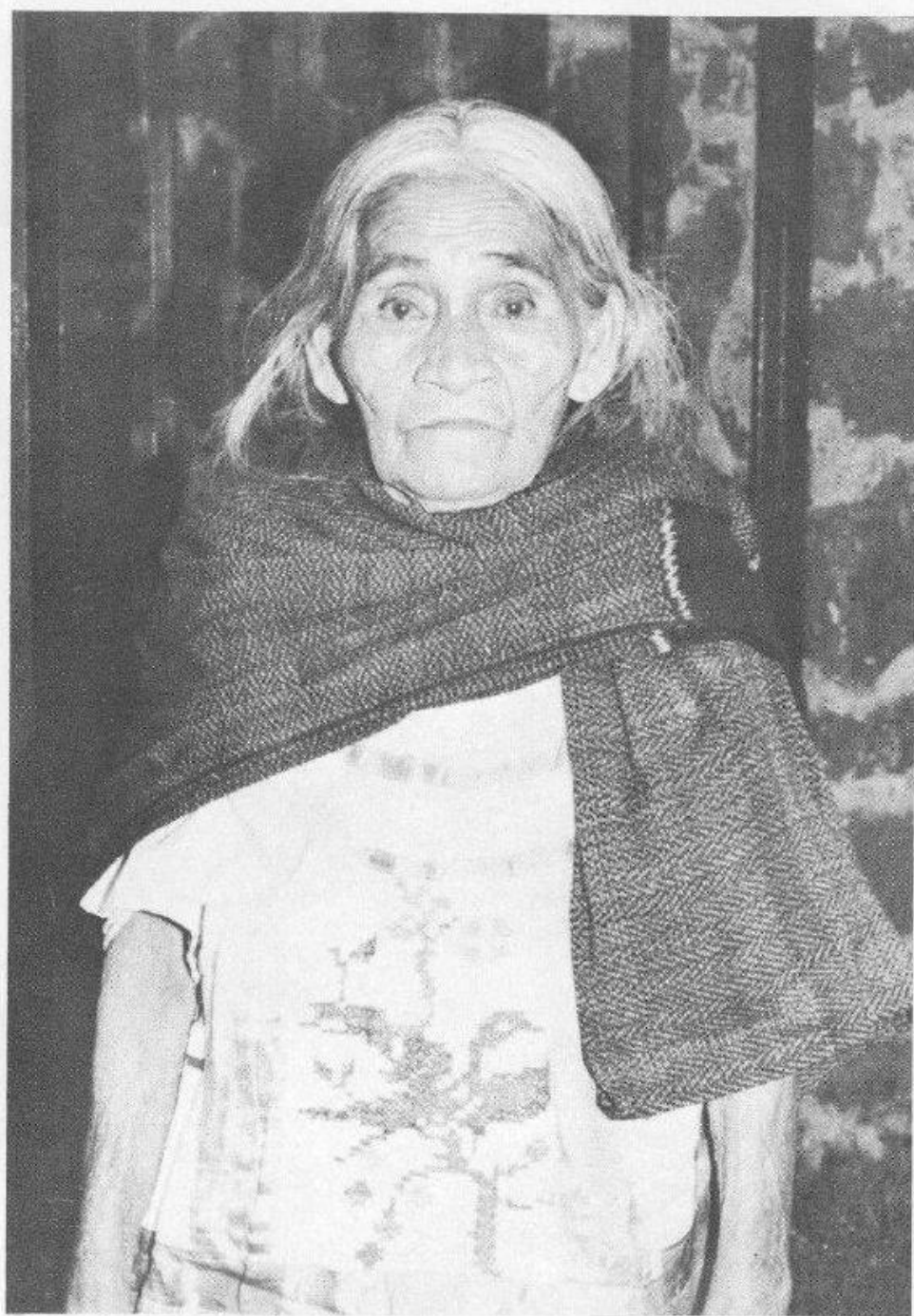
POR

ÁLVARO ESTRADA

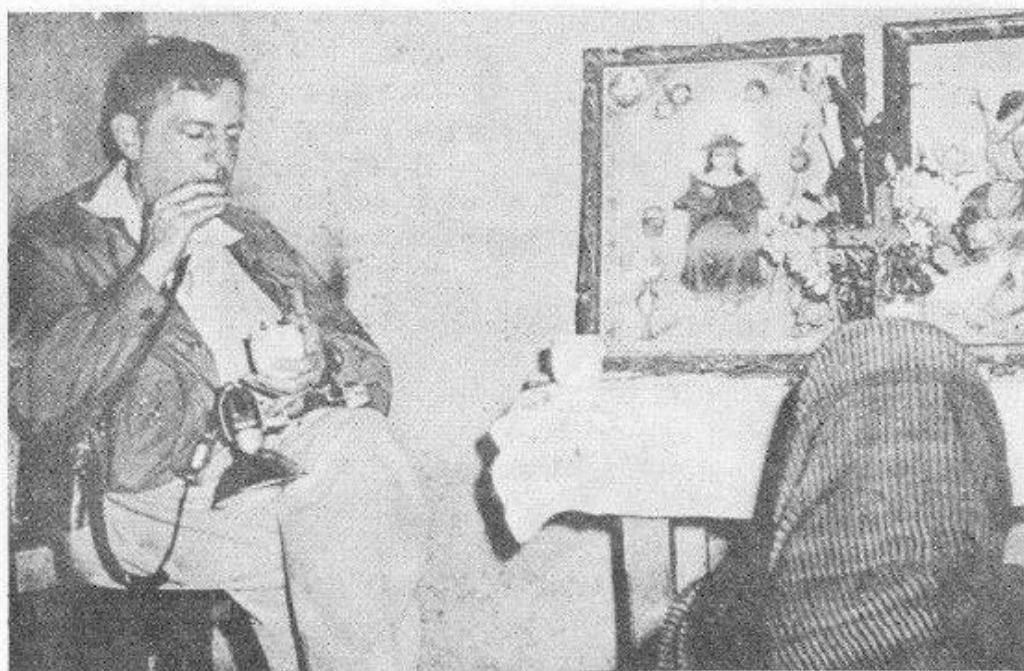
com cantos xamânicos
mazatecos, cantados por María Sabina,
traduzidos para o português a partir
da versão em castelhano feita por
Álvaro Estrada.

Fonte: Mundo dos Cogumelos (não faz parte do livro)

Livro encontrado na internet no http://etnobotanicos.com
em formato jpg (figuras). Também é encontrado
no mundodoscogumelos.com

Digitalizado, revisado e formatado por

LAVRo – *Luis Antonio Vergara Rojas*

María Sabina, "a sábia dos cogumelos"

Huautla de Jiménez, na serra mazateca

A casa de Maria Sabina

R. Gordon Wasson numa velada

María Sabina conta sua vida a Álvaro Estrada

APRESENTAÇÃO

Na noite de 29 para 30 de junho de 1955, quando assisti, pela primeira vez, a uma "velada" cantada por María Sabina, em Huautla de Jiménez, e, a convite dela, ingeri pela primeira vez os cogumelos divinos, fiquei pasmo. Foi no andar de baixo da casa de Cayetano García e sua esposa Guadalupe. A modesta hospitalidade de nossos anfitriões, de seus filhos e parentes, todos vestindo suas melhores roupas, o canto de María Sabina e de sua filha María Apolonia, a arte percutiva de María Sabina e sua dança nas trevas, combinados com os mundos distantes que eu via, com clareza visual jamais atingida pelos olhos em pleno dia — meu corpo estendido na esteira e respondendo a meu tato como se pertencesse a outra pessoa: — todos esses efeitos, compartilhados por meu fotógrafo, Allan Richardson, sacudiam-nos até o âmago de nosso ser. Minhas indagações etnomicológicas tinham-me levado longe, mas nunca esperei uma experiência extraterrena como aquela.

Eis uma cerimônia religiosa, disse a mim mesmo naquele momento e durante os meses que se seguiram, que deve ser apresentada ao mundo de uma maneira digna, sem sensacionalismos, sem simplificações e sem torná-la grosseira, com sobriedade e veracidade.

Somente minha esposa, Valentina Pavlovna, e eu podíamos fazer-lhe justiça, no livro que estávamos escrevendo, e em revistas sérias. Mas, em vista da vulgaridade que reina na imprensa de nosso tempo, era inevitável que se

espalhassem pelo mundo inteiro todos os tipos de narrações deformadas. Previmos tudo isso, e assim foi, a ponto de os "federais" terem de empreender uma limpeza a fundo em algumas aldeias indígenas das terras altas da América Central, no final da última década, para deportar uma turba de perdidos que andavam por ali fazendo das suas.

Minha esposa e eu levamos adiante nosso programa e, após sua morte, em 1958, continuei sozinho. Nosso livro, *Mushrooms Russia and History*, foi lançado em maio de 1957, por um preço indigesto, esgotou-se rapidamente, e nunca foi reimpresso. Publicamos artigos em *Life* e *Life em espanhol*, em *This Week* e em várias revistas especializadas.

Precisávamos urgentemente de ajuda referente à micologia, e de imediato nos dirigimos ao professor Roger Heim, então diretor do Laboratoire de Cryptogamie do Muséum National d'Histoire Naturelle, de Paris. Avaliou rapidamente o significado de nossa descoberta. Entregou-se de corpo e alma a nossos planos de trabalho de campo, viajou várias vezes para o México, e foi conosco até aldeias remotas nas montanhas do sul do México. Roger Cailleux, seu competente assistente, conseguiu, felizmente, cultivar em laboratório várias espécies dos cogumelos divinos, a maioria novas para a ciência. O professor Heim entregou-os ao doutor Albert Hofmann, de Basiléia, descobridor do LSD, para análise química. Ele e seus colegas, os doutores Arthur Brack e Hans Kobel, conseguiram isolar os princípios ativos, que chamaram de psilocibina e psilocina. O doutor Aurelio Cerletti iniciou as investigações farmacológicas, e o professor Jean Delay, de Paris, os estudos psiquiátricos sobre a psilocibina e a psilocina. Foi assim que Valentina Pavlovna e eu tivemos a sorte de reunir uma equipe de primeira, que cooperou conosco; em 1958, o Musêum publicou um grande volume, ricamente ilustrado, *Les champignons hallucinogènes du Mexique*, em cuja página de rosto figuramos Roger Heim e eu, enquanto os outros contribuíram com seus respectivos capítulos.

Espantou-nos o interesse despertado por nossas atividades, não somente na imprensa (inclusive livros e história em quadrinhos) como também entre os micólogos, dos quais um nos fez o favor de realizar uma viagem-relâmpago, de uma semana, no México, onde nunca tinha estado, entrevistar nossos próprios informantes e apressar-se (em função das publicações de Roger Heim) em ter seu trabalho impresso, a fim de obter uma espúria prioridade.

Em 1958, gravamos em fita uma velada completa, impressionante, de María Sabina, e uma equipe nossa trabalhou com as fitas até 1974, quando finalmente publicamos nosso *María Sabina Sings her Mazatec Mushroom Velada*. Os Cowan — George e Florence — reduziram as fitas a um texto em mazateco, escrito nos caracteres que os linguistas entendem; traduziram o texto para o espanhol e para o inglês, e foi publicado em três colunas paralelas: George acrescentou um capítulo acerca da língua mazateca; a notação musical de uma velada inteira foi preparada sob a supervisão de Willard Rhodes, etnomusicólogo de renome, que acrescentou um capítulo sobre a música; todos contribuímos para as notas, e eu escrevi também o prólogo e um índice analítico; o conjunto era ilustrado com mapas e fotografias da mesma velada, tiradas por Allan Richardson. Harcourt Brace Jovanovich mostraram a amplitude de sua visão e seu empenho na publicação, acompanhada da música, em cassetes e discos. A impressão ficou a cargo dos incomparáveis Mardersteig de Verona.

Tive a impressão de ter atingido, finalmente, a meta a que nos propuséramos em 1955 — tratar devidamente a velada de María Sabina —, exceto num ponto essencial. Havia entre María Sabina e nós uma boa vontade recíproca, mas, para nós, ela estava além de uma barreira linguística intransponível, impenetrável. Sua *persona* estava fora de nosso alcance. Não tive outro remédio senão resignar-me a esse vácuo em nossa apresentação ao mundo daquele soberbo expoente da antiga religião, por não saber como avançar.

Imaginem, pois, minha surpresa e minha alegria ao conhecer no México, em 1975, Álvaro Estrada, índio mazateco, de língua materna mazateca, e ao saber que ele já estava colhendo dos lábios de María Sabina o relato de sua própria vida! Aqui, no livro de Estrada, esta "sábia" octogenária, ágrafa[1], conta como foi sua vida, fala de seus antepassados e de sua dura infância, de seus dois maridos que se foram, de como conheceu os cogumelos e estes se revelaram a ela num acontecimento tão dramático quanto o que ocorreu com Saulo a caminho de Damasco, como nós, os Wasson, entramos em sua vida, e tudo o que aconteceu desde então, até agora, quando sua peregrinação neste mundo chega ao fim. O relato que María Sabina fez a Estrada, traduzido por ele, é (o que não é pouco) exato, até onde posso ver, na medida em que é possível considerar exata a memória de qualquer pessoa ágrafa. María Sabina pertence à pré-história, à proto-história, quase sem fontes documentais que permitam verificar sua memória sem ajuda. O que diz, até onde estou em condições de julgar, é exato no essencial, mas tudo está um pouco desgastado nas bordas — é ligeiramente inexato. Tendo em conta sua idade avançada e o fato de ser ágrafa, parece-me um feito notável, sem dúvida. E mais: destas páginas desprende-se algo de valor incalculável para todos nós, o retrato de uma pessoa que teve uma genuína vocação religiosa e a levou adiante até o fim de seus dias. Quem sabe? Talvez María Sabina não esteja mal situada para tornar-se a mais famosa entre os mexicanos de seu tempo. Muito tempo depois das personagens do México contemporâneo terem afundado no abismo esquecido o passado morto, talvez deu nome e o que representou mantenham-se gravados na mente dos homens. Ela merece. Ela não é, provavelmente, excepcional entre os xamãs de primeira categoria no México, a não ser por ter

---

[1] Devo advertir o leitor de que María Sabina é *ágrafa,* não *analfabeta*. Os poetas que compuseram a *Ilíada* e a *Odisséia*, os hinos védicos e o canto de Débora eram todos ágrafos. O mundo inteiro era ágrafo naqueles tempos, e regiões inteiras continuam a sê-lo. María Sabina nunca encontrou a palavra escrita na sociedade em que cresceu. "Analfabeto", com seu tom pejorativo, se aplica melhor àqueles que, num mundo invadido pela escrita, não se propuseram a aprender a ler e a escrever.

permitido que pessoas não pertencentes ao seu séquito pessoal em terra mazateca a conhecessem. Gostaria que os pintores e escultores famosos do México a procurassem e fizessem o seu retrato, e que os compositores tomassem nota de seus cantos tradicionais. O drama da sua passagem por este mundo precisava ser assentado em letra impressa. Pelo menos isso foi feito, de modo admirável, por nosso amigo Estrada.

Na história de sua vida, María Sabina não tem nada a dizer acerca das fontes de seus versos, de seus cantos. Para nós, do mundo moderno, perguntas desse tipo se impõem. Para ela, não existem. Quando é interrogada a esse respeito, sua resposta é simples: as *coisinhas* (cogumelos sagrados) lhe dizem o que dizer, como cantar.

O avô e o bisavô de María Sabina foram grandes xamãs, assim como sua tia e seu tio-avô. Recentemente, repassando minha coleção de slides tirados durante as muitas veladas a que assisti, chamou-me a atenção a presença constante de crianças de todas as idades, rodeando-a com reverência e adoração. Se vão dormir, adormecem com seus cantos ressoando nos ouvidos. María Apolonia canta sua parte na velada de 1958 com uma criança no colo, apertada contra o corpo da mãe: além de ouvi-la, a criaturinha, desde o princípio, *sente* a mãe cantar. Não há dúvida acerca de onde a sábia aprendeu seus cantos, sem esforço. Desde a infância, suas melodias e seus versos são a trama e a urdidura de seu ser.

Em 1955, depois de assistir a duas veladas (minhas duas primeiras) com María Sabina, meu programa levou-me à serra costeira, a San Agustín Loxicha, ao sul de Miahuatlán, em companhia do engenheiro Roberto Weitlaner. Passamos ali alguns dias com Aristeo Matias, sábio de primeira categoria, e na terça-feira, 21 de julho, assistimos a uma velada presidida por ele. Cantava baixinho, mas pareceu-me indiscutível que os cantos eram os mesmos que cantava María Sabina.

Cantava em zapoteco, linguisticamente afastado do mazateco, tão distante quanto podem estar duas línguas, mas as duas culturas são da área mesoamericana. Registrei em meu diário o que me pareceu uma semelhança musical e divulguei essa minha impressão em *Mushrooms Russia and History.*

Mas isso não é tudo. Em 1967, o licenciado Alfredo López Austin, emérito nahuatlato, publicou em *Historia mexicana* (vol. XVII, n° 1, julho-setembro) seus "Termos do nahuallatolli", onde apresentou a seus leitores uma lista dos termos reunidos por Ruiz de Alarcón, em 1619, em seu Tratado de las supersticiones de los naturales de esta Nueva España. Qual não seria minha surpresa ao descobrir nesse Tratado, que versa sobre a cultura nahuatl, notáveis correspondências com as veladas de María Sabina, segundo o texto da velada que divulguei em 1974. Eis aqui alguns dos paralelismos:

1. Tanto María Sabina quanto o sábio nahuatl fazem uma longa auto-apresentação (para usar o termo de López Austin), que, no caso de María Sabina, começa com profissões de humildade e chega a afirmações de poder e de capacidade de falar com seres sobrenaturais quase em termos de igualdade.

2. Ruiz de Alarcón assinala que o sábio nahuatl insiste no *amoxtli*, "livro", como procedimento para chegar ao conhecimento secreto que utiliza. María Sabina emprega a palavra espanhola *libro*, que não tem atualmente correspondente em mazateco. Conta muito em seu mundo místico. Os *amoxili* de Ruiz de Alarcón são os códices dos nahuas, pintados à mão, que eram vistos com imensa reverência no momento da conquista. Como assinalou Henry Munn, a Biblia e outros livros litúrgicos da igreja paroquial de Huautla substituíram os códices de outros tempos como foco de adoração, mas na mente de María Sabina gerou-se um "livro" místico, que pertence exclusivamente a ela e que pode proceder dos *amoxtli* de tempos anteriores à conquista.

3. María Sabina refere-se duas vezes, com admiração, a um jovem forte, atlético, viril, uma espécie de Apolo mesoamericano, chamando-o de Jesus Cristo (espantosa confluência de ideias!). Seu colega nahuatl, mais de três séculos antes, introduzia uma divindade semelhante em seu canto, mas essa divindade era Pilizintecujtli, o Novilíssimo Infante, que, como nos informa o doutro Alfonso Caso, em seu ensaio "Representação dos cogumelos nos códices" (Estudios de la cultura nahuatl, vol. IV), recebe o dom dos cogumelos divinos das mãos de Quetzalcóatl, no Códice vindobonese, especialmente importante para nós por fornecer a origem mítica dos cogumelos milagrosos. Na consciência de María Sabina, e, provavelmente, de outros sábios que surgem hoje em dia, há uma síntese completa do cristianismo e das religiões anteriores à conquista.

Se nas palavras de María Sabina descobrimos traços que Ruiz de Alarcón recolheu nos textos nahuas de seu tempo, há mais de três séculos, traços que já deviam ser translinguisticos, na América Central, os cantos em mazateco contidos em nossas fitas, e que também escutamos[2] no zapoteco de San Agustín Loxicha, devem ter sido tradicionais já naquela época, legados de tempos muito anteriores à conquista. Quão anteriores? Para esse cálculo, dispomos de três *points de repère*[3] que permitem triangular até o passado remoto: dois contemporâneos nossos, mas distantes no espaço — San Agustín Loxicha e Huautla —, e o terceiro distante, no tempo e no espaço — a cultura nahuatl do início do século XVII. Devemos ter em mente que, lentamente, no ritmo de um caracol, as culturas evoluíram na proto e na pré-história, antes do aperfeiçoamento da arte da escrita. Devemos lembrar o quanto deve ser antigo o culto dos cogumelos divinatórios na América Central: a habilidade dos índios como ervanários não era novidade quando Cortez caiu

[2] Estou convencido de que os cantos eram musicalmente idênticos, mas, como não os gravei e, consequentemente, não posso prová-lo, devo dizer que tal gravação está por fazer.
[3] Em francês no original (N. da T.)

sobre eles. Conheciam empiricamente as propriedades de todas as plantas que estavam a seu alcance, com uma precisão que nos causa vergonha. O homem antigo dependia desse conhecimento para sobreviver. No que se refere à Sibéria, onde, entre as tribos mais isoladas, as veladas com cogumelos sobreviveram até nossos dias, há duas semelhanças notáveis em pontos específicos do culto dos cogumelos: 1. em ambos os casos o cogumelo "fala" pela boca do sábio, que serve unicamente de veículo para a voz do cogumelo; 2. os cogumelos são visualizados como pequenos seres, machos, fêmeas ou ambos, do tamanho de cogumelos, "duendes", "polichinelos", dados a todos os tipos de artimanhas simpáticas e travessas — *triksters*, no vocabulário dos antropólogos. O culto mesoamericano certamente remonta, em parentesco genético direto, à Sibéria, à migração através do Estreito de Bering ou da ponte terrestre da última época glacial.

María Sabina sempre esteve de bem com a Igreja. Embora ela não saiba sua própria idade, graças à diligência de Estrada sabemos que, segundo os registros paroquiais de Huautla[4], nasceu a 17 de março de 1894, e foi batizada María Sabina oito dias depois[5]. Parece que, até onde é possível recordar, não tem havido conflito entre a Igreja e as práticas habituais dos curandeiros nativos. O padre Alfonso Aragón, que foi encarregado da paróquia durante cerca de vinte anos, até 1960, e que deu um forte impulso à Igreja em Huautla, sempre manteve contato com os sábios de sua paróquia. Numa entrevista a Estrada, em 1970, o padre Antonio Reyes disse sobre sua paróquia em Huautla:

A Igreja não é contra esses ritos pagãos, se é que podem ser chamados assim... Isso não acontece, a própria María Sabina é membro da Associação do Apostolado da Oração, e

---

[4] Cf. reprodução da certidão de batismo p. 24.

[5] Sua mãe sempre chamou-a de "Bi", e seu primeiro marido de "Sabi", confirmando assim o nome que consta no registro da paróquia e invalidando a lenda de que teria adotado o nome de "Sabina" quando ficou "sábia".

vem à missa toda primeira sexta-feira de cada mês... É uma pessoa humilde, pelo que me consta, e não prejudica ninguém... Os sábios e curandeiros não competem com a nossa religião, nem mesmo os feiticeiros. Todos eles são muito religiosos e vêm à missa. Não fazem proselitismo e, portanto, não são considerados hereges, e é remota a possibilidade de lhes serem lançados anátemas, nem em pensamento!

Progredimos muito desde os tempos de Motolinía e do Santo Ofício da Inquisição do início do século XVII!

Há vislumbres interessantes neste livro de Álvaro Estrada. Veja-se, por exemplo, o capítulo XV. Conta em detalhes como María Sabina e um tal Apolonio Terán, há uns trinta anos, dedicaram-se à organização da irmandade do Sagrado Coração de Jesus e da primeira confraria. Ambos eram sábios, e cada um estava a par da vocação do outro. Mas ela assinala que, enquanto trabalhavam juntos, não falavam de suas "sabedorias", nem mesmo entre eles. Só falavam de assuntos relacionados às irmandades e confrarias. "Os sábios não devem andar fazendo alarde do que são, porque é um assunto delicado." Aí está, em suas próprias palavras, o obstáculo que tive de vencer há mais de vinte anos, quando eu, um forasteiro loiro, um estranho, irrompi naquele círculo secreto. Embora ela diga que obedece à Igreja e às autoridades municipais, e afirme que, quando acolheu favoravelmente meu pedido, simplesmente satisfazia os desejos do delegado municipal Cayetano García, não deixou de duvidar. Diz ainda que teria inclusive me concedido uma velada sem o patrocínio das autoridades. Não fosse por Cayetano, eu nunca a teria conhecido e, se a tivesse encontrado por acaso, teria ela feito uma velada para mim? Isto é certamente discutível.

"É verdade" — diz — "que antes de Wasson ninguém falava com tanta desenvoltura acerca dos *meninos*. Nenhum mazateco revelava o que sabia sobre esse assunto. Os *meninos* são o sangue de Cristo. Quando nós, mazatecos, falamos das veladas, fazemos isso em voz baixa, e para não pronunciar o

nome que têm em mazateco (ndi^{1}xi^{3}tjo^{3})[6] nós os chamamos de *coisinhas* ou *santinhos*. Assim eram chamados por nossos antepassados" (cap. XVI).

O relato que María Sabina nos faz de sua vida, com Estrada como maieuta, é extraordinário. Em 1971, Irmgard Witlaner Johnson e eu voltamos a visitar Huautla. Sabíamos o que tinha ocorrido desde minha última visita, em 1962, e temíamos que o tumulto do mundo exterior tivesse mudado María Sabina radicalmente. Ficamos atônitos ao ver que, contrariamente ao que esperávamos, María Sabina continuava a mesma. Isto é amplamente confirmado pelo livro que agora apresentamos ao público. Não se vangloria. O governador de Oaxaca deu-lhe dois colchões para a primeira cama que teve na vida. Visitou os "seres principais" das cidades de Oaxaca e México, e, por sua vez, os grandes do mundo foram procurá-la em sua humilde cabana, no alto do passo entre Huautla e San Miguel. Um bispo visitou-a, não há a menor razão para duvidar disso. Ele queria provar os cogumelos, mas não era época de cogumelos. Pediu-lhe que ensinasse sua sabedoria à geração mais jovem de seus descendentes, e sua réplica de ágrafa foi memorável:

> Disse-lhe que se pode herdar a cor da pela ou dos olhos, e até o modo de chorar ou de sorrir, mas com a sabedoria não se pode fazer o mesmo. A sabedoria está dentro da pessoa desde o nascimento. Minha sabedoria não pode ser ensinada, é por isso que digo que ninguém me ensinou minha Linguagem, porque é a Linguagem que os meninos santos falam ao entrarem em meu corpo. Quem não nasce para ser sábio não pode alcançar a Linguagem, mesmo que faça muitas veladas. (p. 11)

Nem uma vez María Sabina me censurou por ter revelado ao mundo os cogumelos e deus dons como ministrante. Mas não é sem angústia que leio suas palavras:

---

[6] Este nome em mazateco, por sua vez, é, evidentemente, um eufemismo usado no lugar de uma palavra mais antiga, esquecida atualmente. Significa simplesmente "os queridinhos que chegam pulando".

Antes de Wasson, eu sentia que os *meninos santos* me elevavam. Já não sinto o mesmo... Se Cayetano não tivesse trazido os estrangeiros, os *meninos santos* conservariam seu poder... Desde o momento em que chegaram os estrangeiros... os *meninos santos* perderam a pureza. Perderam a força, foram estragados. De agora em diante, não servirão mais. Não tem remédio. (pp. 110-111)

Estas palavras me fazem tremer: eu, Gordon Wasson, sou considerado responsável pelo fim de uma prática religiosa milenar na América Central. “[Os cogumelinhos] não servirão mais. Não tem remédio.” Temo que esteja dizendo a verdade, exemplificando sua sabedoria. Uma prática realizada em segredo durante séculos foi trazida à luz, e a luz anuncia o fim.

Quando de minha primeira velada com María Sabina, em 1955, tive de optar entre ocultar minha experiência e apresentá-la dignamente ao mundo. Não hesitei nem por um segundo. Os cogumelos sagrados e o sentimento religioso que contêm pelas serras do México meridional tinham de ser revelados ao mundo, como mereciam, custasse o que custasse. Se eu não fizesse isso, a “consulta ao cogumelo” duraria mais alguns anos, mas sua extinção seria inevitável. O mundo saberia vagamente que tal coisa tinha existido, mas não qual a sua importância. Por outro lado, dignamente apresentada, manteria seu prestígio, assim como o de María Sabina. Álvaro Estrada estabeleceu o capítulo final de meus esforços; agradeço-lhe por isso, e também a María Sabina, por sua cooperação.

R. GORDON WASSON

Danbury, Connecticut, 1 de dezembro de 1976

Parroquia

San Juan Evangelista

El día 25 de Marzo de 1894
Fué bautizada en esta Parroquia una niña a quien se le puso por nombre María Sabina

Nació el día 17 de Marzo de 1894
en Huautla de Jiménez, Oax. hija Legítima
del Sr. Lauriano Feliciano
y de la Sra María Concepción

Padrinos: el Sr. Patricio José
y la Sra María Rosalia

El Párroco, P. Arturo García
El Bautizante, P. Pablo Manzano.

NOTAS MARGINALES:
L=5
F=12
P=68

Es copia fiel tomada de su original, expedida el día 25 de Agosto de 1976

Los Ud. las advertencias de la vuelta.

A resenha do uso místico das drogas mais importantes do material médico do curandeiro colonial é uma tarefa apaixonante que, mais cedo ou mais tarde, será certamente realizada...

GONZALO AGUIRRE BELTRÁN, Medicina y Magia: el "zu" de la medicina, México, Instituto Nacional Indigenista, 1963

INTRODUÇÃO

Com certeza não foram unicamente o ouro e as riquezas naturais do Anáhuac, ou a cultura e a arte mesoamericanas que surpreenderam os religiosos e conquistadores espanhóis que chegaram a esta terra no século XVI. Também os remédios aborígines ("maravilhosa coleção" de vegetais e plantas alucinógenas) chamaram a atenção, foram estudados — e condenados — por escritores, botânicos e médicos do Ocidente, na época colonial do México.

A repressão do Tribunal do Santo Ofício, no princípio, àqueles que ingeriam o *ololiuhqui*, o *peyotl* ou o *teonanácatl* (sementes, cactus e cogumelos, respectivamente, e todos alucinógenos) e, mais tarde, as condenações que partiram do púlpito durante séculos, fizeram com que os médicos indígenas tornassem privado — pode-se dizer secreto — o rito e a adoração das plantas mágicas.

Em nossos dias, essas práticas "demoníacas" dos índios foram desaparecendo à medida que a cultura ocidental avançava no México. Um fenômeno parecido foi extinguindo costumes similares em outras regiões asiáticas e americanas. Mas foi em Huautla — povoado situado na serra mazateca de Oaxaca — que os investigadores encontraram uma mina desse tipo de práticas nativas, nas quais o cogumelo — ao qual os investigadores acrescentaram o adjetivo alucinógeno — é parte central da religião indígena. Nela, diz-se que o antigo *teonanácatl* — Carne dos Deuses na época pré-hispânica — tem o poder de curar todas as doenças, e também proporciona

a força mística, que cria a linguagem elevada, esotérica, do xamã[7].

Durante o transe, o *sábio* (nome que os mazatecos dão ao xamã) *fala*, invocando as divindades tribais, assim como as cristãs. Sincretismo inevitável de nosso tempo.

Alguém já terá escrito sobre as plantas alucinógenas e seu uso? "As referências que encontramos no México" — dizia-nos o etnomicólogo Robert Gordon Wasson[8] — "acerca do uso particular do *teonanácatl* pelos indígenas mexicanos são valiosas, mas incompletas. Sahagún, Motolinía, Diego Durán, o padre De la Serna, Ruiz de Alarcón, *Tezozomoc*, e o botânico e médico de Felipe II, dom Francisco Hernández, escreveram sobre o assunto. Sem dúvida, os informantes dos cronistas não disseram tudo o que sabiam acerca das várias plantas alucinógenas que conheciam e utilizavam, devido ao princípio de não revelar a ninguém estranho à comunidade os segredos religiosos. E atualmente sabe-se que a ingestão de tais plantas sempre esteve legada à religião. Toda religião tem segredos; a própria religião cristã fala em *mistérios*."

O doutor Gonzalo Aguirre Beltrán escreve, em seu livro sobre *Medicina e Magia*, que "a falsa visão que ostentam tratadistas tão célebres quanto [Hernando Ruiz de] Alarcón, [Jacinto de la] Serna e [Pedro] Ponce, ao tocar nesse aspecto fundamental da medicina indígena, é fácil de explicar em indivíduos cujos princípios religiosos impedem de ver algo que não seja obra do demônio o indefeso e caluniado demônio na mística aborígine."

Em suma, vemos que nem os indígenas revelaram tudo o que sabiam e nem os cronistas foram capazes de despojar-se de seus preconceitos para deixar um testemunho imparcial e

---

[7] Xamã (também chamado por alguns de *Shaman*), palavra de origem siberiana que identifica o Homem-Deus-Medicina. Vide Mirces Eliade, *El chamanismo y las técnicas arcaicas del éxtasis*, México, Fondo de Cultura Económica, 1960.
[8] Entrevista inédita, realizada na Cidade do México, em junho de 1975.

objetivo do culto que os antigos mexicanos ofereciam à Carne dos Deuses.

Os motivos que nos levaram a escrever *A Vida de María Sabina* foram: 1. a intenção de deixar um testemunho do pensamento e da vida da *sábia* mazateca, que jornalistas e escritores de vários países não souberam apreciar em profundidade; 2. que seja um documento útil para etnólogos, etnomicólogos, estudiosos dos costumes e outros especialistas; 3. que o publico em geral tenha uma ideia mais precisa acerca dos costumes nativos e que a juventude trate com mais respeito os elementos da religião indígena.

Tampouco descartamos a possibilidade de que este trabalho seja um estímulo para que os jovens escritores — principalmente indígenas tomem contato com esses costumes nativos para resgatá-los de sua agora próxima e definitiva extinção.

O presente manuscrito é o resultado de uma série de entrevistas que efetuamos periodicamente, entre setembro de 1975 e agosto de 1976, alternando o trabalho técnico profissional, que nos obriga a residir temporariamente na Cidade do México, com as visitas a Huautla, para falar com María Sabina. Não foi um trabalho fácil o nosso, embora quem escreve isto seja natural de Huautla e fale a língua nativa dos mazatecos.

Para facilitar a leitura, omitimos as perguntas do questionário que apresentamos a María Sabina, mas conservamos as fitas onde estão gravadas as palavras da sábia mazateca.

Na redação final do texto, assim como em cada momento, estivemos conscientes da responsabilidade de escrever a biografia de uma pessoa que, por motivos circunstanciais, não sabe escrever, ler ou falar castelhano, e, portanto, nunca poderá saber exatamente se o que se escreveu a seu respeito é correto ou não.

Não posso deixar de mencionar a ajuda que, de uma forma ou de outra, me foi dada por amigos e familiares e não

devo esquecer o auxílio desinteressado de Robert Gordon Wasson e Henry Munn, pessoas que dedicaram parte de suas vidas à procura, por meio de uma apurada investigação, de uma maior compreensão desse *homo religiosus* que no passado usou o cogumelo divino.

A todos eles, meu agradecimento infinito.

ÁLVARO ESTRADA

México, D.F., 4 de setembro de 1976

I

Não sei em que ano nasci, mas minha mãe, María Concepción, disse-me que foi na manhã do dia em que se celebra a Virgem Madalena, lá em Río Santiago, município de Huautla. Nenhum de meus antepassados jamais soube sua própria idade[9].

Minha mãe nasceu e criou-se num lugar perto de Huautla, na direção de San Andrés Hidalgo. Meu pai, Crisanto Feliciano, nasceu e criou-se em Río Santiago. Quando se juntaram — não se casaram — ela devia ter uns catorze anos, e ele, vinte. Havia três anos que minha mãe vivia com o seu homem quando eu nasci. Logo fui batizada. Meus padrinhos de batismo chamavam-se Juan Manuel e María Sebastiana, família

---

[9] A certidão de batismo de María Sabina (ver p. 24) foi lavrada pelo pároco Arturo García, a 25 de agosto de 1976, com base nos dados originais que se encontram no arquivo da igreja de Huautla. Pode-se observar que os nomes dos padrinhos de batismo, constantes no documento não conferem com aqueles fornecidos por María Sabina. No entanto, cabe aqui esclarecer que, até hoje, é difícil saber com exatidão o nome de alguns mazatecos, devido à dificuldade que têm em pronunciar os nomes de origem ocidental. Um exemplo pode ilustrar isso. Durante a entrevista, María Sabina os disse que tinha tido um tio-avô de nome N'dosto. Reconheceu que desconhecia as palavras "em castelhano", mas Evaristo G. Estrada nos disse que no nome corresponde ao de Antonio Justo. "É provável disse-nos outro informante que aqueles que escreveram documentos desse tipo no início do século tenham os nomes das pessoas, porque estas não sabiam como se chamavam." Note-se ainda que nenhum dos nomes tem sobrenome, porque "antigamente não eram usados". Neste documento, aparece também a não-coincidência da data que María Conceição deu à filha María Sabina: "dia da Virgem Madalena" (22 de julho). Quanto aos nomes dos pais, a única variação está em Crisanto Feliciano, dito pela sábia, e que aparece como Lauriano na certidão de batismo.

camponesa que tinha muita afeição por meu pai. Minha mãe pariu María Ana, minha irmã, depois de eu ter completado dois anos de idade. Só nascemos nós duas. Não conheci bem meu pai, porque morreu quando eu tinha três anos. Sei que era muito trabalhador; plantava milho e feijão em terras que tinha conseguido comprar com seu trabalho. Vendia suas colheitas no mercado de Huautla ou nos povoados vizinhos. Nossa casa, em Río Santiago, era uma chocinha com paredes de barro misturado com carriço e com cobertura de hastes de folha de cana. Minha mãe fazia as *tortillas* e punha no fogo a panela de feijão, que depois servia. Na hora de comer, tomávamos água com farinha de milho, adoçada com açúcar mascavo, quente. Naquela época não havia café, poucas pessoas o cultivavam. Deitávamos antes do anoitecer. Meu pai saía para a lavoura muito cedo, pouco depois de cantar o primeiro galo. Dormíamos no chão, sobre esteiras, e vestidos. Dormíamos todos assim.

Quando minha irmã María Ana nasceu, meu pai já estava doente. Sua doença não tinha cura, porque a origem de seu mal não era assunto deste mundo, era castigo do poderoso Senhor dos Trovões que cuida dos campos e lhes dá fertilidade. e meu pai, quando ainda era solteiro, tinha provocado a ira desse Senhor grande e poderoso. A história é a seguinte:

Certa madrugada, o jovem Crisanto Feliciano dirigiu-se à sua lavoura para fazer a limpeza; era preciso tirar as folhas e o mato que havia no terreno. Levava sua enxada e seu machete. Como todos os homens de seu tempo, usava calça e camisa de algodão puro. Nos dias de festa, vestia um *cotón*[10] que chegava até os joelhos, e era amarrado com um cinto de seda na cintura.

---

[10] Abrigo de lã de forma retangular com um corte na parte central para introduzir a cabeça.

Crisanto Feliciano trabalhou dois dias em seu terreno, para juntar as folhas, o mato e toda a sujeira que impedia a boa semeadura, e, em seguida, fez de tudo aquilo um montículo, num lugar próximo a uma lavoura vizinha e alheia. Por fim, ateou fogo ao montículo. As varas, as folhas secas e o mato arderam facilmente. Era de tarde, e o final do dia se aproximava. O vento soprava forte, os dias tinham sido muito quentes e o ar estava seco. As chamas do montículo se avivaram e o vento brincou com elas, até aproximá-las do terreno vizinho; tanto que chegaram a queimar alguns pés de milho. Crisanto apressou-se em sufocar as chamas que ardiam no milharal alheio. Não foi muito o que queimou, mas Crisanto sabia que o fato de ter danificado a lavoura, ainda que o estrago fosse pequeno, podia causar-lhe a morte. Sabia que todos os campos estavam protegidos pelo Senhor dos Trovões: se alguém roubasse espigas, morria. Se um burro comesse um pé de milho, também morria. Uma lavoura assim protegida não pode ser atacada nem pelos ratos, nem pelas cutias, nem pelos pássaros. Uma lavoura protegida pelo Senhor dos Trovões cresce bonita e abundante. Crisanto estava condenado a morrer, tinha queimado um milharal sagrado. Só alguns pés, sim, mas era o suficiente para atrair a maldição do Senhor dos Trovões. As pessoas que, deliberada ou imprudentemente, danificam uma lavoura sagrada, sofrem de gânglios que brotam no peito e no pescoço. Os gânglios arrebentam quando estão maduros, e se transformam em caroços purulentos e repugnantes. Então as pessoas morrem. O dano causado a uma lavoura sagrada não pode ser pago com nada; nem repondo os pés destruídos, nem pagando o prejuízo em dinheiro ao proprietário.

Crisanto sabia que estava perdido, mas tinha uma esperança. Seu avô e seu pai eram homens sábios:[11] usavam

---

[11] Este é um termo que aparece com frequência no texto. É o nome que se dá ao xamã mazateco. As palavras são *Chotá-a Tchi-née* (pessoa sábia). Entre os mazatecos, há três categorias de "curandeiros". No plano inferior se situa o feiticeiro (*Tji-ée*) que dizem, pode transformar-se em animal (nagual) durante a noite. Tem grande capacidade de fazer o mal e transformar outras pessoas em naguais. No plano intermediário, situamos

meninos santos[12] para falar com os Senhores donos dos montes. Os sábios podem falar com os seres que são donos de todas as coisas do mundo. E eles podiam falar com o Senhor dos Trovões. Podiam pedir-lhe que perdoasse Crisanto, que, por imprudência, tinha queimado pés de milho *protegidos*.

Assim pensou Crisanto, e isso lhe deu esperança para viver. E não contou a ninguém o que tinha acontecido, não quis alarmar seus familiares. "Mais tarde direi a eles...", pensou.

Passaram-se os meses e o jovem Crísanto Feliciano continuou ocultando sua pena. Mas, numa certa ocasião, seu pai, Pedro Feliciano, despertou para comer os *meninos santos*. Ali, durante a noite, o sábio *viu* que seu filho morreria logo, por causa dos caroços. No dia seguinte, ao amanhecer, disse-lhe: "Crisanto, meu filho, tive uma visão terrível. Ví-o transformado em peru. O *pequeno que brota* revelou-me que você está condenado a morrer. Também sei o motivo, o mesmo *pequeno que brota* me contou..."

Deste modo, Crisanto viu-se obrigado a contar ao pai o episódio do milharal queimado.

---

o curandeiro (*Chotá-a-xi-bendáa*) propriamente dito, que usa massagens. beberagens e artifícios como sua própria Linguagem no momento de proceder à cura, na qual invoca os *donos* dos lugares das montanhas, das nascentes. Essas duas categorias são muito conhecidas no campo mexicano, mas aqui em Huautla, existe ainda uma terceira categoria, superior, que é a do sábio e módico (*Chotá-a Tchi-née*), que não faz o mal e não usa beberagens para curar. Sua terapêutica é e ingestão do cogumelo, e esse médico-sábio adquire o poder de diagnosticar e curar o doente, ao qual também dá vários pares de cogumelos.

[12] *Nixti-santo* (meninos santos). Ndi-xi-tjo (pequeno que brota, sinônimo de cogumelinho), *Ndi-santo* (santinhos) e *Ndi-tzoimi* (coisinhas), são quatro termos eufemisticos que designam os cogumelos na língua mazateca. María Sabina chama-os de *meninos santos*, ou simplesmente *meninos*. Na língua mazateca o "x" tern uma pronúncia de "sh" e a pronúncia correta é mais forte, uma combinação de s, j e h. O respeito tradicional que os mazatecos têm pelos cogumelos mágicos faz com que os distingam dos cogumelos comestíveis. conhecidos como *Tjain-T'xua* (cogumelo branco; *nanacate* em nahuatl) ou *Tjain-ni* (cogumelo vermelho), designados pela cor, e que são duas variedades muito apreciadas por seu sabor "parecido com o da carne de frango quando se cozinha em tezmole". O tezmole é um caldo amassado e picante. Os cogumelos venenosos são designados por Tjain-zca (cogumelo-loucura). Fica claro que os mazatecos têm perfeito conhecimento dos diferentes tipos de cogumelos.

Seu pai consolou-o dizendo: "Lutaremos contra a força do Senhor dos Trovões. Despertaremos com o *pequeno que brota*. Pediremos aos Senhores que o perdoem." Mais tarde, o sábio Pedro Feliciano junto com seu pai, Juan Feliciano, despertaram várias vezes com os *meninos santos*, mas não conseguiram nada. Também chamaram feiticeiros e chupadores[13], sem resultado.

Depois, numa certa noite, enquanto Crisanto tentava adormecer, passou uma mão sobre o peito e seus dedos se detiveram ao sentir pontos inchados acima das tetas. "Que será?", perguntou-se. De repente compreendeu tudo: eram os gânglios da maldição que começavam a brotar. Sentiu medo e muita preocupação. Naquela noite, pensou sobre a sua vida. Pensou que era muito jovem (tinha uns vinte anos de idade) e a preocupação não o deixou dormir o resto da noite.

Na manhã seguinte, decidido, Crísanto disse ao pai: "Quero uma mulher para mim. Vi uma moça na estrada de Huautla, vive com os pais, adiante de San Andrés. Você poderia pedi-la para que ela viva comigo."

Algum tempo depois, os pais pediram a moça e, um dia. Crisanto foi buscar sua mulher, chamada María Concepción. Levou-a para viver com ele em Río Santiago.

Meu pai sofria de seu mal e minha mãe compreendia. Os primeiros gânglios arrebentaram, formando bolhas purulentas que acabaram cobrindo o pescoço e parte do peito.

Com o passar dos anos, meu pai foi piorando. Quando eu tinha uns três anos, imagino, e minha irmã María Ana apenas quatro ou cinco meses de idade, ele morreu. Nem os feiticeiros, nem os curandeiros e nem os sábios puderam

---

[13] *Chupador* é uma variedade de curandeiro. O doutor Aguirre Beltrán trata do tema substituindo a palavra *chupar* pela palavra *sucção*: "A sucção é feita aplicando a boca diretamente sobre a região supostamente doente, ou então colocando entre as duas um caniço oco. Em todos os casos o médico agoureiro extrai a doença, digamos, o espírito da doença, materializada em diversos objetos pequenos que, segundo a região e o grupo étnico, podem ser lascas de quartzo, pedaços de papel, pequenos insetos, etc." Aguirre Beltrán, *Medicina y Magía*. México, INI), 1943. *Medicina indígena*, p. 52.

curá-lo. O coitado morreu transformado em peru. A maldição mortal do Senhor dos Trovões faz com que se adoeça pouco a pouco. A pessoa maldita fica anos sofrendo, podem ser quatro, cinco, seis ou sete, e durante esse tempo os gânglios se transformam em bolhas repugnantes. Algumas pessoas condenadas a sofrer desse modo resignam-se a morrer, outras lutam contra a maldição do Senhor dos Trovões. Os feiticeiros falam onde está o eco, onde há montanhas e encostas. Lá pedem ajuda ao Senhor do Chicón Nindó[14]. Mas pouco se pode fazer, e diante da maldição do Senhor dos Trovões não há nada a fazer. O pescoço dos doentes se assemelha ao de um peru. E é assim porque o Senhor dos Trovões tem a seu serviço um peru que é sagrado. E esse peru que se encarrega de castigar as pessoas e animais que se atrevem a estragar as plantações. O peru transforma as pessoas ou animais em perus. Por isso morrem com bolhas no pescoço. Os feiticeiros sacrificam galinhas, entregam moedas (cacau) e ovos de peru ao Chicón Nindó[15].

---

[14] Chicón Nindó (Homem da Montanha). Ser mitológico entre os mazmecos. Diz-se que é Senhor e Dono das Montanhas, que é um homem branco e que tem o poder de encantar os espíritos e conjurar as más influências ou espirítos que provocam a doença. Algumas pessoas identificam-no com Quetzalcóatl.

[15] Das versões que encontramos em Huautla, fornecidas por anciões, o procedimento seguido pelos feiticeiros para efetuar esse rito é o seguinte:
Quando o milho começa a amadurecer, no principio de julho, os lavradores ficam atentos, ao nascer do sol, para escutar o "glu-glu" de um peru, que vem do horizonte leste. É como se um peru enorme estivesse gorgolejando nos domínios do Senhor dos Trovões. Diz-se que este poderoso Senhor envia o peru para avisar os lavradores de que chegou a hora de fazer o rito no qual a semeadura lhe é entregue. Os vizinhos ajudam cada lavrador a semear, sem receber pagamento por isso. São voluntários que prestam serviço a um indivíduo da comunidade. Assim, a família proprietária da roça convida os lavradores a participar do ritual da fertilidade e da proteção da semeadura, depois de se ter “escutado" o aviso do peru sagrado. Para isso, os lavradores se reúnem, de madrugada, em torno de um feiticeiro experiente, poderoso por seus conhecimentos, que inicia o ritual enviando os lavradores ao local do plantio para que tragam de volta treze pés de milho completamente arrancados, “com raiz e tudo". De volta à choça, o feiticeiro recebe os pés e desprende os grãos para colocá-los entre as cinzas do chamado braseiro cerimonial. Em seguida escolhe um peru, o maior, se a família contar com vários, ou se conforma com o único que há. As famílias mantêm os perus "em engorda", durante o ano compreendido entre o plantio e o plantio dos pés de milho.

O feiticeiro pega o peru escolhido e sacrifica-o cortando-lhe a cabeça com um golpe de machete. Esvazia o sangue do peru numa xícara, na qual põe também treze grãos dc cacau moído. Feita a mistura, o feiticeiro borrifa as enxadas, as estacas de plantio, os *mecapales* (faixas dc couro usadas para levar cargas), os machetes, os balaios e todos os utensílios da lavoura que foram usados no plantio O feiticeiro invoca o poder do Senhor dos Trovões, pede-lhe que proteja o milharal ao qual a cerimónia é dedicada. Pede que caia a maldição sobre aquele que estragar ou roubar uma espiga: que brotem bolhas em seu pescoço. Que nada possa curá-lo. Que não haja cura sobre a Terra para quem ousar estragar o plantio. O feiticeiro e os lavradores dirigem-se à roça, e pelos caminhos continuam aspergindo o sangue do peru misturado com cacau. Vão para os cantos do terreno, as curvas do caminho, os lugares que podem servir de acesso aos ladrões. Concluída a aspersão, a comitiva volta à Casa do proprietário, onde o feiticeiro extrai as treze sementes da cinza cerimonial. Essas sementes, assadas junto com os pés de milho, são enterradas; posteriormente, no centro da plantação.

Enquanto isso a carne do peru é preparada em *tezmole*, para que os lavradores comam. Também se preparam *tamales amargos* em forma de bola e feitos de massa fermentada (de milho). Os lavradores se reúnem e se preparam para comer. O feiticeiro preside a mesa e diz: "Todos vocês devem lembrar-se de que não deve sobrar nem uma migalha do que vão comer, porque é um manjar sagrado, que nem os cães devem tocar. Se isso acontecesse, invalidaria a cerimônia que efetuamos. Não devem esquecer que a partir deste momento, devem respeitar o jejum sexual durante *cinquenta e dois dias*. Nesses dias de abstinência não deve haver raiva nem maus sentimentos nos participantes. Se, durante a nossa refeição, surgir algum visitante inesperado, não devem oferecer-lhe nada, porque todo o alimento que há nesta casa é, neste momento, sagrado. A água, o tezmole, os tamalaes, o café, pertencem ao Senhor dos Trovões. E não se deve convidá-lo porque o visitante, alheio ao nosso ritual, poderia profanar nossa cerimônia com uma mulher. O ato sexual elimina a pureza de toda a cerimônia. Mas aquele que profanar desse modo nosso rito será castigado: seus testículos apodrecerão."

Os lavradores e a família do dono da lavoura comem, tomando muito cuidado, colocando um prato fundo debaixo do queixo, para não desperdiçar nenhuma migalha dos *tamales* e nenhuma gota do *tezmole*, até deixarem os pratos completamente limpos. O *tezmole* deve ser completamente consumido. Assim, os comensais não deixam vestígios daquilo que foi o seu alimento. Além disso, nenhum deles sente que comeu. Têm a sensação de estômago vazio. "porque, na verdade, quem se alimentou foi o Senhor dos Trovões".

Além disso, se um lavrador ou um visitante inoportuno for convidado, invalida a cerimónia da fertilidade e proteção do plantio, e os perus que foram mantidos "na engorda" para a colheita seguinte de milho crescem magros e são pouco dignos de tornar parte no ritual.

O dono do milharal coloca uma cruz, feita com as folhas da planta, nos lugares visíveis do campo. A plantação também pode ser de cana ou de feijão.

II

Minha mãe, ao ficar viúva, viu que não devia esperar nada da parte de seus sogros, e decidiu voltar a viver com os pais. Viveu seis anos com Crisanto Feliciano. Ela ainda era jovem, tinha uns vinte anos. Meu pai tinha morrido aos vinte e cinco ou vinte e seis, não sei exatamente com que idade ele morreu.

Meus avós maternos eram muito pobres. Minha mãe nos trouxe para viver com eles e esqueceu Río Santiago completamente.

Meu avô, Manuel Cosme, quase um ancião, trabalhava como peão para os fazendeiros, e minha avó, María Estafanía, cuidava da casa e do terreno em volta da chocinha, onde se plantava milho e feijão. Também havia cabaças e chuchus. O lugar onde viemos morar — e onde contínuo morando — chama-se Cerro Fortín, fica acima do bairro mixteco, bem perto do Nindó Tocoxbo[16]. Meus avós tinham abandonado a chocinha da estrada de San Andrés, à qual meu pai tinha ido um dia para buscar sua mulher. Passaram a viver nesta parte alta, de onde se via, lá embaixo, o pequeno povoado de Huautla. Havia poucas casinhas de palha. Tudo estava coberto de árvores e mato, mas a igreja já estava construída.

---

[16] Montanha situada em frente a Huautla. Também conhecida como *Cerro de Adoración*. Diz a 1enda que ali mora o Chicon Nindó.

Meus avós me disseram que, quando eram jovens, tinham trabalhado como servos para o cura Catarino García[17]. Esse cura viveu muitos anos em Huautla. Teve filhos com algumas indígenas. Ao morrer pediu — e foi feito — que o enterrassem debaixo do altar da igreja de Huautla.

A vida com meus avós foi difícil. Geralmente, levantávamos de madrugada, e, à luz de um galho de *ocote*[18] aceso, minha avó, minha mãe e minha tia Juaníta trabalhavam a lã, a seda ou o algodão. Meus avós criavam bichos-da-seda dentro da choça; os bichos-da-seda demoravam quase um ano para crescer. Primeiro as mariposas punham seus ovinhos sobre esteiras, nasciam lá pelo mês de março. Aos cinco meses os bichinhos saíam de seus ovinhos e nós lhes dávamos alimento, as folhas de amora, que comiam ruidosamente. Escolhíamos os bichinhos, e os separávamos dos mais crescidos, para que não lhes fizessem mal. Os bichos-da-seda cresciam até ficarem do tamanho de um dedo. Três meses depois de abrirem os vinhos, começavam a babar, nós arrumávamos varas nas paredes, e eles depositavam a seda nessa cama de varas. Não era fácil criar o bicho-da-seda. Exigia muito cuidado. Durante o dia ou à noite limpava-se a seda, tirando os dejetos dos bichos. Era preciso alimentá-los bem, se não os bichos não davam seda suficiente nem de boa qualidade...

Por fim, limpava-se e juntava-se a seda, que era usada para fazer as faixas que os varões utilizavam em sua vestimenta. Com a lã e o algodão faziam-se os panos com que nos vestíamos. Nossa vida não mudava: despertar quando a luz do dia ainda estava longe. Quando o primeiro galo da madrugada cantava, já estávamos sorvendo nossa água de farinha adoçada com açúcar mascavo para aliviar a fome e o frio. De vez em quando tomávamos chá de folhas de limão ou laranja e, raramente, café. Minha mãe fazia as *tortillas* e bordava. Minha avó ou minha tia trabalhavam no tear rústico,

---

[17] Originário da Sierra de Ixtlán. Oaxaca. Contemporáneo de Benito Juárez.
[18] Espécie de pinheiro, com muita retina. (N. da T.)

meu avô sempre alugava seu braço de lavrador, assim como um tio nosso, chamado Emilio Cristino.

Conforme minha irmã e eu crescíamos, nossas tarefas na casa iam aumentando. Cuidávamos das galinhas no monte ou recolhíamos varas que eram usadas para fazer o fogão em que se cozinhava a comida.

Eu tinha uns onze anos e minha irmã nove quando nosso avô nos levou para plantar milho; ele fazia pequenas estacas de plantar para nós. Com as estacas fazíamos um buraco na terra, onde depositávamos os grãos de milho. A família toda ia para o plantio. María Ana e eu, sentadas, escavávamos com dificuldade; acho que os grãos de milho caíam à flor da terra, em desordem, éramos muito pequenas. Os adultos, ao contrário, semeavam em fileiras perfeitas, deixando os grãos na profundidade certa. Quando se aproximava a colheita, os pés eram altos, mais altos do que Marta Ana e eu, e isso nos fazia rir de alegria.

Se não era tempo de trabalhar no campo, mandavam-nos cuidar das galinhas no monte, ou das duas ou três cabras que, depois, eram vendidas. Aproveitávamos esse tempo para brincar com nossas bonecas, que nós mesmas fazíamos. A uma de minhas bonecas dei o nome de Florencia José. Era de trapo; fiz para ela um *huipil*[19] de seda. Em casa não podíamos brincar, porque meu avô e minha tia Juanita eram muito severos. Não gostavam de nos ver brincar, era só trabalhar e trabalhar.

Para o plantio do feijão, nos chamavam. Para plantar milho, nos levavam. Na semeadura assim como na colheita.

Nos dias normais, comíamos feijão, se houvesse, ou nos conformávamos com simples *tortillas* salpicadas de pimenta, mas podíamos comer verduras, erva-moura ou *guasmole*[20] nos dias de Finados. Nos dias de festa, meu avô comprava carne

---

[19] Vestido de mulher, sem mangas; no México e na América Central. (N. da T.)

[20] O *guasmole* é um fruto de regiões sub-tropicais, abundante somente no outono, que se cozinha em *tezmole*.

de gado ou de carneiro, que minha avó preparava em caldo picante.

O pouco alimento que minha avó servia de madrugada acalmava a fome contida durante muito tempo. Acho que nossa vontade de viver era muito grande, maior do que a de muitos homens. A vontade de viver nos mantinha lutando, dia após dia, para, finalmente, conseguir alguma coisa que aliviasse a fome que María Ana e eu sentíamos. Tia Juanita escondia a comida e quando minha mãe nos dava alguma coisa, a fome logo voltava a incomodar. Fazíamos um esforço para ter no estômago um só bocado, cada tarde, cada manhã.

Vários homens souberam que minha mãe tinha ficado viúva e vieram pedi-la. Tinham boas intenções; como é de costume, chegavam de madrugada, com aguardente e galinhas, que davam de presente ao meu avô, Manuel Cosme. Minha mãe nunca aceitou. "Meu único compromisso de agora em diante será criar minhas filhas" — era a sua resposta, apesar de ter ficado casada somente por seis anos.

Ela vivou comigo, solteira, pelo resto de sua vida.

III

Uma vez, meu tio Emilio Cristino ficou tão doente que já não podia se levantar. Eu tinha uns cinco, seis ou sete anos, e não soube qual era a sua doença. Minha avó, María Estefanía, preocupada, saiu à procura de um sábio chamado Juan Manuel, para que ele curasse meu tio.

O sábio Juan Manuel não era um homem muito velho, chegou à nossa choça após o anoitecer. Trazia um embrulho de folhas de bananeira, que tratava com extremo cuidado. Aproximei-me para ver o que havia dentro do embrulho, mas, rapidamente, o sábio Juan Manuel pegou-o e impediu-me de chegar mais perto, lançando-me um olhar autoritário: "Ninguém pode ver agora o que trago aqui, não é bom. Um olhar curioso pode estragar o que trago aqui..." — disse. A curiosidade me manteve acordada. Vi como o sábio Juan Manuel desembrulhou as folhas de bananeira. Dali tirou vários cogumelos frescos e grandes, do tamanho de uma mão. Eu estava acostumada a ver esses cogumelos no monte onde cuidava das galinhas e das cabras. Havia muitos cogumelos, sua cor de café contrastava com o verde dos pastos.

O sábio Juan Manuel tinha vindo para curar meu tio. Emílio Cristino; pela primeira vez, eu presenciava uma velada[21] com os *meninos santos*. Compreendi isto mais tarde. Vi como o sábio Juan Manuel acendia as velas e falava com os donos dos montes e com os donos dos mananciais. Vi

---

[21] Velada. Nome com que se designa a cerimônia.

como repartia os cogumelos, contando-os por pares, e os entregava a cada um dos presentes, incluindo o doente. Mais tarde, na completa escuridão, falava, falava e falava. Sua linguagem era muito bonita. Eu gostei dela. Às vezes o sábio cantava, cantava e cantava. Não compreendia exatamente suas palavras, mas me agradavam. Era uma linguagem diferente da que falamos todos os dias. Apesar de não compreendê-la, aquela linguagem me atraía. Falava de estrelas, de animais, de outras coisas, desconhecidas para mim.

Fazia tempo que tinha anoitecido, e eu não sentia sono. Sentadinha, bem quieta, na minha esteira, seguia com atenção aquela velada. Compreendia muito bem que os cogumelos tinham feito o velho Juan Manuel cantar. Depois da meia-noite, o sábio acendeu uma vela e fincou-a no solo. Vi que dançava enquanto dizia "ver" animais, objetos e personagens. Não, eu não podia compreender tudo o que dizia. O sábio falava sem parar. Queimava incenso e esfregava "São Pedro"[22] nos antebraços do doente.

De madrugada, meu tio já não parecia tão doente, ia-se recuperando lentamente. O sábio Juan Manuel lhe dava ânimo com sua linguagem estranha. Meu tio se levantou. Não ficava de pé há vários dias, devido à doença.

Meu tio Emilio Cristino recuperou-se por completo duas semanas depois.

Alguns dias depois da velada em que o sábio Juan Manuel curou meu tio, María Ana e eu cuidávamos de nossas galinhas no monte, para que não fossem vítimas de gaviões ou raposas. Estávamos sentadas sob uma árvore quando de repente vi, perto de mim, ao alcance de minha mão, vários cogumelos. Eram os mesmos cogumelos que o sábio Juan Manuel tinha comido, eu os conhecia bem. Minhas mãos arrancaram

---

[22] São Pedro, assim é designado o tabaco (nicotiana rústica) moído, misturado com cal, e às vezes também com alho. Seu uso é cerimonial e atribui-se a ele poder contra as más influências da feitiçaria. Pode ser carregado numa bolsinha de pano ou como um escapulário. Esse tabaco é identificado como *piciete ou piziate*, e a palavra é, certamente, uma deformação da expressão dos antigos mexicanos: *Picietl* (nahuatl).

suavemente um cogumelo, e depois outro. Observei-os bem de perto. "Seu eu comê-los, você e você, sei que vão me fazer cantar bonito..." — disse-lhes. Lembrei-me de que meus avós falavam desses cogumelos com grande respeito. Por isso eu sabia que não eram maus.

Não pensei muito, levei os cogumelos à boca e mastiguei-os. Seu sabor não era agradável, ao contrário, eram amargos, com sabor de raiz, de terra. Comi-os inteiros. Minha irmã, María Ana, observando-me, tinha feito o mesmo.

Depois de comermos os cogumelos, sentimo-nos enjoadas, como se estivéssemos bêbadas, e começamos a chorar: mas o enjôo desapareceu e então ficamos muito contentes. Mais tarde nos sentimos bem. Isso foi como um novo alento para nossa vida. Eu senti isso.

Nos dias seguintes, quando sentíamos fome, comíamos os cogumelos. E não só sentíamos o estômago cheio, como também o espírito contente. Os cogumelos nos faziam pedir a Deus que não nos fizesse sofrer tanto, nós lhe dizíamos que sempre tínhamos fome, que sentíamos frio. Não tínhamos nada: só fome, só frio. Eu não sabia se os cogumelos eram bons ou eram maus, na verdade. Nem sequer sabia se eram alimento ou veneno. Mas sentia que falavam comigo. Depois de comê-los, ouvia vozes. Vozes que vinham de outro mundo. Era como a voz de um pai que aconselha. As lágrimas escorriam por nossas bochechas, abundantemente, como se chorássemos pela pobreza em que vivíamos.

Um outro dia, comemos os cogumelos e eu tive uma visão: apareceu um homem bem vestido, era grande como uma árvore.. Escutei a voz misteriosa, que disse: "Este é seu pai, Crisanto Feliciano..." Meu pai... tinha morrido há anos, agora me alegrava conhecê-lo. O homem imenso, meu pai, falou. Apontou para mim e disse estas palavras: "María Sabina, ajoelhe-se. Ajoelhe-se e reze..." Eu me ajoelhei e rezei. Falei com Deus, que sentia cada vez mais familiar. Mais perto de mim. Eu sentia que tudo o que me cercava era Deus. Agora, sentia que falava muito e que minhas palavras eram bonitas.

María Ana e eu continuamos comendo os cogumelos. Comemos cogumelos muitas e muitas vezes, não lembro quantas. Algumas vezes chegavam ao monte meu avô, ou minha mãe, e nos recolhiam do chão, deitadas ou ajoelhadas. "Que fizeram...?", perguntavam. Carregavam-nos para casa. Nos braços deles, continuávamos rindo, cantando ou chorando. Nunca nos repreenderam ou surraram por comermos cogumelos. Porque eles sabiam que não é bom repreender uma pessoa que comeu as *coisinhas* porque se pode provocar nela sentimentos desencontrados e é possível que enlouqueça.

No período de chuvas seguinte, quando os cogumelos voltaram, voltamos a comê-los.

Tempos depois, soube que os cogumelos eram como Deus. Que davam sabedoria, que curavam as doenças e que nossa gente comia-os há muitos e muitos anos. Que tinham poder, que eram o sangue de Cristo.

Anos mais tarde, quando fiquei viúva pela segunda vez, entreguei-me para sempre à sabedoria, para curar as doenças das pessoas e para ficar sempre perto de Deus. Deve-se respeitar os cogumelinhos. No fundo, sinto que são meus parentes. Como se fossem meus pais, meu sangue. Na verdade, eu nasci com meu destino. Ser *sábia*. Ser filha dos *meninos santos*.

E nunca fui à escola, onde poderia aprender a ler, a escrever ou a falar castelhano. Meus pais só falavam mazateco. Nunca aprendi outra língua. Além disso, não sabia o que era a escola, nem sabia se existia; e se tivesse existido eu não teria ido, porque não havia tempo. Antigamente trabalhava-se muito.

IV

Ao terminar nossa infância, a carga de trabalho tinha aumentado para María Ana e eu. Tínhamos aprendido a fazer “tortillas”, cozinhar, lavar e varrer.

Certo dia, de madrugada, chegaram umas pessoas que falaram por muito tempo com minha mãe e meus avós. As pessoas se foram e minha mãe me disse que tinham vindo pedir minha mão. Queriam que eu me unisse em vida marital com um jovem. As pessoas vieram outras vezes, mas eu não via nenhum jovem casadouro entre eles. No entanto, conheci aquele que seria meu marido no dia em que veio buscar-me. Não houve casamento. Minha mãe, sem me consultar, mandou-me juntar a roupa dizendo que, a partir daquele momento, eu já não lhes pertencia: "Agora, você pertence a este jovem, que será seu marido. Vá com ele. Sirva-o bem. Você já é uma mulherzinha...", foram suas palavras. Esse é o costume. Eu tinha uns quatorze anos. Nos primeiros dias de minha nova vida, senti medo, porque não sabia o que estava acontecendo. Depois resignei-me, Com o passar do tempo, comecei a gostar muito de meu marido. Chamava-se Serapio Martínez. Era um jovem de vinte anos. Gostava de andar com roupas limpas e não parecia um esfarrapado. Mais tarde comprovei que tinha bom coração. Tomava pouca aguardente, quase nada: e não gostava do trabalho no campo. Digo, com orgulho, que sabia ler e escrever. Dedicava-se ao comercio de fios vermelhos e

negros, usados para bordar os *huipiles*[23] que nós, mulheres, vestimos. Também vendia panelas, pratos e copos. Viajava a Córdoba, Veracruz, Tehuacán e Puebla, para comprar as mercadorias, que vendia em Huautla ou nos povoados vizinhos. No princípio viajava a pé, e transportava a mercadoria nas costas. Levava oito dias para ir e voltar de Puebla. Depois conseguiu comprar animais de carga para transportar o que ali comprava.

Quando eu lhe disse que estava grávida, encarou o fato com naturalidade. Não demonstrou nenhum sentimento, nem de alegria nem de tristeza; simplesmente balbuciou: "Então prepare-se para ser mãe...". Ao regressar de suas viagens, falava comigo sobre as condições da estrada ou sobre os novos preços do fio ou das panelas.

Certa vez, não falou como de costume. Quando lhe perguntei porque estava calado, respondeu: "Sei que em Huautla estão reunindo as pessoas para lutarem com armas. Uns se chamam carrancistas e outros zapatistas. Andam com rifles e cavalos. Logo virão buscar-me. Receberei meu rifle; se virem que sou bom, vão me dar um cavalo."

As palavras de Serapio se cumpriram. Os homens da guerra levaram-no. Ele não opôs resistência.

Foi-se quando Cataríno, meu primeiro filho, tinha apenas dez dias de idade. "Não se preocupe, Sabí.. " — disse-me Serapio — "encontrarei um meio de mandar algum dinheiro para você...". Fiquei olhando para ele até perdê-lo de vista na estrada. Partiu com uns homens que vieram buscá-lo. Chorei muito. Mas os dias foram passando e eu me conformei com o pensamento de que voltaria logo. Fiquei com minha mãe em minha cabaninha. Meus avós já tinham morrido, tio Emilio e tia Juanita também tinham morrido.

Os novos soldados ficaram aquartelados em Huautla durante vários dias. Depois partiram. Serapio foi nomeado

---

[23] *Huipile* – nome mexicano dos trajes regionais usados pelas mulheres indígenas.

corneteiro, inicialmente. Um ano mais tarde era major do exército, e trabalhou sob as ordens do general Adolfo Pineda[24], que sei, Álvaro, era seu avô. Durante o tempo em que Serapio estava na guerra, chegava dinheiro para mim, que ele enviava irregularmente. Um soldado ia de casa em casa, levando notícias verbais, cartas e dinheiro. Serapio não me escrevia porque eu não sabia ler, somente uma vez me enviou um recado; procurei alguém que soubesse ler para dizer-me o que estava escrito ali. Mandava dizer que eu não devia me preocupar com ele, que estava bem. Mas, em outras ocasiões, não havia recado nem dinheiro, só uma notícia cruel: "Serapio morreu em combate..." Eu chorava. Chorava sobre o corpinho de meu filho Catarino recém-nascido.

Naquele tempo o povo vivia assustado: nós, que tínhamos familiares na guerra, estávamos sempre angustiados. Chegava um homem e dizia: "Sabí, não se aflija. Serapio está vivo..." Pouco depois, a versão mudava: “Serapio está perdido, ninguém sabe dele. Vamos esperar que ele apareça logo." Em seguida, uma esperança: "Serapio já apareceu..." e, logo, outra desilusão: "Não. já morreu..." Acabei me acostumando a essa vida de sobressaltos e houve momentos em que já não me importava se Serapio ainda estava vivo ou já estava morto. Os rumores que chegavam à minha porta recebiam unicamente um frio agradecimento.

Mas senti que meu coração encheu-se de alegria quando, depois de seis meses, Serapio apareceu diante de mim. À primeira vista, não o reconheci. Tinha um rifle pesado, um uniforme e uma coisinha que se põe na cabeça[25]. Falou pouco de sua vida de soldado, disse-me apenas que tinha sido escolhido para corneteiro e que, quando seu superior morreu em combate, deixou o clarim e passou a carregar o fuzil do soldado morto. Viram que ele era ágil. Para testá-lo, uma vez fizeram-no correr junto com um cavalo, e viram que aguentou muito. Os ágeis tinham mais chance de promoção. Os ágeis e

---

[24] Personagem do movimento carrancista em Huautla, de origem mazateca.
[25] Quepe.

os valentes. A valentia vinha em primeiro lugar. E Serapio era valente, sua juventude ajudava.

Serapio partiu novamente para a guerra e eu já não me preocupei tanto. Voltou oito meses depois, para ficar. Nessa época meu filho Catarino já começava a andar.

Serapio tomava pouca aguardente e trabalhava muito, mas gostava de mulheres. Trouxe varias mulherzinhas para minha casa. Éramos três sob o mesmo teto quando isso acontecia. As mulheres iam embora de minha casa quinze ou trinta dias depois de terem chegado. Eu não era ciumenta porque me sentia a verdadeira mulher de Serapio. Tive três filhos com ele: Catarino, Viviano e Apolonia. Cada um deles nasceu a intervalos de um ano e meio.

O gosto de meu marido pelas mulheres fez com que nossas relações não fossem tão boas quanto eu gostaria. Sentia amor por ele e me doía saber que estava apaixonado por uma jovem de Tierra Caliente. Foi-se afastando de mim porque preferiu a outra.

Serapio contraiu a doença de vento[26] em Tierra Caliente e morreu depois de três dias de agonia. Seus animais de carga e seu dinheiro ficaram com a outra mulher. Assim terminou minha vida de casada. Tive marido durante seis anos, o mesmo tempo que meu pai viveu com minha mãe. Como ela, enviuvei aos vinte anos de idade.

---

[26] *Tchíin-tjao* (broncopneumonia). "Esta doença é trazida pelos ventos de furacão. Se as nuvens de uma tormenta próxima são escuras, trazem *Tchíin-tjao*". Ricardo García Enríquez. Xochitonalco, Agencia Municipal de Huautla.

V

Nunca comi os *meninos santos* enquanto vivia com Serapio, pois, de acordo com nossas crenças, a mulher que toma cogumelos não deve ter contato com os homens. Os que vão despertar não devem ter contato sexual durante quatro dias antes e quatro dias depois da velada. Os que assim o quiserem podem completar cinco e cinco. Eu não tomava os *meninos santos* porque temia que meu homem não compreendesse. A condição deve ser cumprida à risca.

Em meus primeiros anos de viuvez, senti as moléstias de meus partos. A cintura e os quadris doíam. Mandei chamar uma massagista, que não me aliviou muito. Também tomei banhos de vapor sem obter um bom resultado. Chamei também um curandeiro e um chupador, mas não me aliviaram nada. Finalmente, decidi voltar a tomar os *meninos santos*. Tomei-os sozinha, sem recorrer a nenhum sábio.

Essas *coisinhas* trabalharam em meu corpo, mas lembro que minhas palavras não foram boas. Tomei-as somente para apertar com suavidade minha cintura. Fiz massagem em todas as partes do meu corpo que doíam. Passaram os dias e sarei. E tinha decidido tomá-los, porque estava limpa. Não tinha marido. No fundo eu sabia que era mulher doutora. Sabia qual era o meu destino. Sentia bem no fundo de mim. Sentia que tinha um grande poder, um poder que despertava em mim durante as veladas.

Mas havia fome em casa. Assim, comecei a trabalhar para manter minha mãe e meus três filhos. O trabalho árduo,

constante, não me assustava. Eu sabia arar a terra e cortar lenha com o machado, sabia semear e colher espigas. Trabalhava tanto quanto um homem forte, às vezes viajava a Teotitlán, onde comprava panelas, que revendia no mercado de Huautla. A criação do bicho da seda e o difícil trabalho de juntar a lã e o algodão diminuíram quando os comerciantes de Huautla trouxeram tecidos da cidade. Então conhecemos as mantas e os tecidos de cor.

Nesses anos de viuvez, plantei milho e feijão. Também colhi café. Nos dias em que trabalhava no campo, cavava pequenas fossas onde punha meus filhos pequenos, para que não me atrapalhassem. Às vezes, revendia pão e velas nas fazendas e povoados vizinhos como San Miguel, Tenango e Río Santiago.

VI

Vários anos, não sei quantos, depois de eu ter ficado viúva pela primeira vez, minha irmã María Ana adoeceu. Sentia dores no ventre: eram pontadas agudas que a faziam dobrar-se e gemer de dor. Eu via que ia ficando cada vez mais grave. Quando ela se sentia mais ou menos aliviada, voltava aos afazeres domésticos; mas, sem que ela pudesse se controlar, uma vez desmaiou na estrada.

Seus desmaios ocorreriam frequentemente mais tarde.

Temendo por sua saúde, contratei curandeiros para tratá-la, mas pude ver, com angústia, que seu mal aumentava. Certa manhã, não se levantou da cama; tremia e gemia. Fiquei preocupada como nunca. Chamei vários curandeiros, mas foi inútil. Eles não puderam curar a minha irmã.

Naquela tarde, vendo minha irmã estirada, pensei que estivesse morta. Minha única irmã. Não, isso não podia acontecer. Ela não podia morrer. Eu sabia que os *meninos santos* tinham o poder. Eu os tinha comido quando criança, e me lembrava de que não faziam mal. Eu sabia que nossa gente os comia para curar doenças. Então, tomei uma decisão; naquela mesma noite, eu comeria os cogumelos santos. Fiz isso. Dei a ela três pares. Eu comi muitos, para que me dessem poder imenso. Não posso mentir, devo ter comido trinta pares de "derrumbe"[27].

[27] Variedade de cogumelo. *Psilocybe Caerulescen* Murril var. *Mazatecorum Heim.*

Quando os *meninos* estavam trabalhando dentro de meu corpo, rezei e pedi a Deus que me ajudasse a curar María Ana. Pouco a pouco, senti que podia falar cada vez com mais facilidade. Aproximei-me da enferma. Os *meninos santos* guiaram minhas mãos para apertar seus quadris. Suavemente, fui fazendo massagem onde ela dizia que doía. Eu falava e cantava. Sentia que cantava bonito. Dizia o que os *meninos* me obrigavam a dizer.

Continuei apertando minha irmã, no ventre e nos quadris; finalmente, veio muito sangue. Água e sangue, como se estivesse parindo. Nunca me assustei, porque sabia que o *pequeno que brota* a estava curando através de mim. Os *meninos santos* aconselhavam, e eu executava. Fiquei com minha irmã até que o sangue parou de sair. Logo ela parou de gemer e dormiu. Minha mãe sentou-se junto dela para socorrê-la.

Eu não pude dormir. Os *santinhos* continuavam trabalhando em meu corpo. Lembro que tive uma visão: apareceram uns personagens que me inspiraram respeito. Eu sabia que eram os Seres Principais de que falavam meus ascendentes. Eles estavam sentados atrás de uma mesa sobre a qual havia muitos papéis escritos. Eu sabia que eram papéis importantes. Os Seres Principais eram vários, uns seis ou oito. Alguns me olhavam, outros liam os papéis da mesa, outros pareciam procurar logo entre os mesmos papéis. Eu sabia que não eram de carne e osso. Sabia que não eram seres de água ou de *tortilla*. Sabia que era uma revelação que os *meninos santos* me entregavam. Logo escutei uma voz. Uma voz doce mas autoritária ao mesmo tempo. Como a voz de um pai que gosta dos filhos mas cria-os com firmeza. Uma voz sábia que disse: “Esses são os Seres Principais...”. Compreendi que os cogumelos falavam comigo. Senti uma felicidade infinita. Na mesa dos Seres Principais apareceu um livro, um livro aberto que foi crescendo, até ficar do tamanho de uma pessoa. Em suas páginas havia letras. Era um livro branco, tão branco que resplandecia.

Um dos Seres Principais falou comigo, e disse: “María Sabina, este é o Livro da Sabedoria. É o Livro da Linguagem. Tudo o que nele está escrito é para você. O Livro é seu, pegue-o para trabalhar...”. Eu exclamei, emocionada: “Isso é para mim! Recebo-o...”.

Os Seres Principais desapareceram e me deixaram só diante do imenso Livro. Eu sabia que era o Livro da Sabedoria.

O Livro estava diante de mim, eu podia vê-lo, mas não tocá-lo. Tentei acariciá-lo, mas minhas mãos não tocaram nada. Limitei-me a contemplá-lo e, então, comecei a falar. Então me dei conta que estava *lendo* o Livro Sagrado da Linguagem. Meu Livro. O Livro dos Seres Principais.

Eu tinha atingido a perfeição. Já não era mais uma simples aprendiz. Por isso, como um prêmio, como uma nomeação, o Livro me tinha sido outorgado. Quando se tomam os *meninos santos* se pode ver os Seres Principais, de outro modo não[28]. É que os cogumelos são santos; dão Sabedoria. A Sabedoria é a Linguagem. A Linguagem está no Livro. O Livro é outorgado pelos Principais. Os principais aparecem com o grande poder dos *meninos.*

Eu aprendi a sabedoria do Livro. Depois, em minhas visões posteriores, o Livro já não aparecia, porque eu já guardava seu conteúdo na memória.

Fiz a velada em que curei minha irmã María Ana como os antigos Mazatecos. Usei velas de cera pura; flores, açucenas e

---

[28] De acordo com explicações que nos deram os anciãos de Huautla, os Seres Principais são personagens que encabeçam um cargo municipal, ou é o título que se dá a pessoas que têm cargos importantes. Em mazateco se diz *Chotáa-tjí-tjón*. No que diz respeito às visões de María Sabina, os Seres Principais são a personificação dos cogumelos que ela comeu. Os cogumelos se transformam em “personagens que manuseiam papéis importantes”. Outra pessoa em Huautla, disse-nos que os Seres Principais são como *sombras* ou *pessoas* que se “veem” vestidas como camponeses, mas com roupas brilhantes e coloridas quando vistas durante o transe.

gladíolos (pode-se usar qualquer tipo de flor desde que tenha cheiro e cor). Também se usa *copal* [29] e São Pedro.

Queimei o *copal* num braseiro e com a fumaça defumei os *meninos santos* que tinha nas mãos. Antes de comê-los falei com eles, pedi-lhes favor. Que nos abençoasse, que nos indicasse o caminho, a verdade, a cura. Que nos desse o poder de rastrear as pegadas do mal, para acabar com ele. Eu disse aos cogumelos: “Tomarei seu sangue. Tomarei seu coração. Porque minha consciência é pura, é limpa como a sua. Deem-me a verdade. Que me acompanhe São Pedro e São Paulo...”. Ao sentir-me enjoada, apaguei as velas. A Escuridão serve de fundo para o que se vê ali.

Nessa mesma velada, logo que o Livro desapareceu, tive outra visão: vi o Supremo Senhor dos Montes, o Chicon Nindó. Vi que era um homem a cavalo que vinha até minha choça. Eu sabia, a voz me dizia, que aquele ser era um personagem. Sua cavalgadura era bela: um cavalo branco, tão branco quanto à espuma. Um belo cavalo.

O personagem parou sua cavalgadura diante da porta de minha choça. Eu podia vê-lo através das paredes. Eu estava dentro da casa, mas meus olhos tinham o poder de ver além de qualquer obstáculo. O personagem esperava que eu saísse.

Com decisão, saí ao seu encontro. Parei junto dele.

Sim, era o Chicon Nindó, o que mora no Nindó Tocoxho, o que é dono das montanhas. O que tem poder para encantar os espíritos. E que, assim mesmo, cura os doentes. Para o qual sacrificam perus e ao qual os curandeiros entregam moedas (cacau), para que cure.

Parei junto dele e me aproximei mais. Vi que não tinha rosto, embora usasse um chapéu branco. Seu rosto, sim, era como uma sombra.

---

[29] Resina que pode ser extraída de vários tipos de árvores, queima-se como incenso. (N. da T.)

A noite era negra, as nuvens cobriam o céu, mas o Chicon Nindó era como um ser coberto com um halo. Emudeci.

O Chicón Nindó não disse nem uma palavra. Logo fez sua cavalgadura andar para seguir seu caminho. Desapareceu pela estrada, rumo a sua morada: o enorme Monte da Adoração. O Nindó Tocoxho. Ele vive lá, eu no Monte do Fortim, o mais próximo do Nindó Tocoxho, quer dizer que somos vizinhos. O Chicon Nindó tinha vindo porque, em minha sábia linguagem, eu o tinha chamado.

Entrei em casa e tive outra visão: vi que algo caía do céu com um grande estrondo, como um raio. Era um objeto luminoso que cegava. Vi que caía por um buraco que havia na parede. O objeto caído foi se transformando em uma espécie de ser vegetal, também coberto por um halo, como o Chicon Nindó. Era como uma planta, com flores de muitas cores, na cabeça tinha um grande resplendor. Seu corpo estava coberto de folhas e talos. Ficou parado ali, no centro da choça, olhei-o de frente. Seus braços e pernas eram como ramos, e estava empapado de frescor, e por trás dele apareceu um fundo avermelhado. O ser vegetal foi se perdendo nesse fundo avermelhado até desaparecer completamente. Ao esfumar-se a visão eu suava, suava. Meu suor não era morno, mas fresco. Dei-me conta de que eu chorava e minhas lágrimas eram de cristal, e quando caíam no chão, tilintavam. Continuei chorando, mas assobiei e aplaudi, toquei e dancei. Dancei porque sabia que era a Polichinela grandiosa e a Polichinela Suprema... De madrugada, dormi placidamente. Dormi, mas não um sono profundo, eu sentia que me movia num sonho... Como se meu corpo se movesse numa rede gigante, pendurada no céu, que oscilava de uma montanha a outra.

Despertei quando o mundo já estava ensolarado. Era de manhã. Lancei meu corpo no chão para ter certeza que já tinha voltado ao mundo dos humanos. Já não estava perto dos Seres Principais... ao ver o que me cercava, procurei

minha irmã María Ana. Estava dormindo, não quis acordá-la. Também vi que uma parte das paredes da chocinha estava derrubada, outra estava para cair. Agora acho que enquanto os *meninos santos* estavam trabalhando em meu corpo, eu mesma derrubei as paredes com o peso de meu corpo. Suponho que enquanto eu dançava choquei-me contra a parede e derrubei-a. Nos dias seguintes, as pessoas que passavam perguntavam o que tinha acontecido na casa. Limitava-me a dizer-lhes que as chuvas e vendavais dos últimos dias tinham conseguido afrouxar as paredes de barro e canabrava, acabando por destruí-las.

E María Ana sarou. Sarou para sempre. Atualmente vive bem, com seu marido e seus filhos, perto de Santa Cruz de Juárez.

A partir daquela cura, tive fé nos *meninos santos.* As pessoas se deram conta do quanto era difícil curar minha irmã. Muita gente ficou sabendo, e dentro de poucos dias vieram procurar-me. Traziam seus doentes. Vinham de lugares muito afastados. Eu os curava com a Linguagem dos *meninos*. As pessoas vinham de Tenango, Río Santiago ou San Juan Coatzospan[30]. Os doentes chegavam pálidos. Mas os cogumelos diziam-me qual era o remédio. Diziam-me o que fazer para curar. As pessoas continuaram a me procurar. E desde que recebi o Livro, passei a fazer parte dos Seres Principais. Se eles aparecem, sento-me com eles e tomamos cerveja ou aguardente. Estou entre eles desde a vez em que, agrupados atrás de uma mesa com papéis importantes, entregaram-me a sabedoria, a palavra perfeita: A Linguagem de Deus.

A Linguagem faz com que os moribundos voltem à vida. Os doentes recuperam a saúde quando escutam as palavras ensinadas pelos *meninos santos*. Não há mortal que possa ensinar essa Linguagem.

---

[30] San Juan Coatzospan, povoado de raça míxteca incrustado em plena região mazateca.

Depois que curei minha irmã María Ana, compreendi que tinha encontrado o meu caminho. As pessoas sabiam disso, e vinham a mim para que eu curasse os seus doentes. Vinham em busca de cura aqueles que tinham sido encantados por duendes, os que tinham perdido o espírito por um susto no monte, no rio ou na estrada. Alguns não tinham remédio e morriam. Eu curo com a Linguagem, a Linguagem dos *meninos santos.* Quando eles aconselham sacrificar franguinhos, estes são colocados em cima das partes onde dói. O resto é da Linguagem. Mas meu caminho em direção a sabedoria em breve será interrompido...

VII

Doze anos depois de ficar viúva, um homem chamado Marcial Carrera começou a me pretender. Na verdade, eu não precisava ter um homem, pois sabia cuidar de mim mesma sozinha. Eu sabia trabalhar; minha família, pelo menos, não sofria tanto quanto eu tinha sofrido. Havia fome, sim, mas não era tão lancinante quanto a que María Ana e eu tivemos. Meu trabalho contribuía para que cada um tivesse algo para comer e algo para vestir.

Marcial Carrera insistiu. Segundo o costume, trouxe seus pais para falar com minha mãe. Minha mãe tentava convencer-me a aceitar esse homem. Dizia que um homem na casa ajudaria a tornar meu trabalho menos pesado. Passaram-se os dias e eu pensava nisso, pois meu pretendente não parecia ser homem de trabalhar. E mais, tinha fama de preguiçoso e beberrão.

Mas no fim concordei. Impus minhas condições: se Marcial queria uma mulher, teria de vir morar em minha casa porque eu não iria mudar minha mãe, meus filhos, minha esteira, minhas panelas, minhas enxadas e meu machetes para a casa dele. Achava que minha casa era melhor do que a do pobre Marcial.

Marcial aceitou minhas condições e veio morar em minha casa. Com o tempo comprovou-se que Marcial bebia muita

aguardente. Era curandeiro. Usava ovos de peru e penas de arara para fazer suas feitiçarias[31].

Batia em mim frequentemente e me fazia chorar. Não gostava de trabalhar no campo e nem sabia usar a enxada com destreza.

Como vi que Marcial ganhava pouco dinheiro, que não conseguia cobrir os pequenos gastos da casa, vi-me obrigada a voltar a trabalhar. Voltei a revender pães e vela.

Nos treze anos que vivi com Marcial tive seis filhos. Morreram todos, somente minha filha Aurora sobreviveu. Meus filhos morreram por doença ou assassinados. Enquanto vivi com Marcial nunca tomei os *meninos*. Temia que ele não compreendesse e destruísse a minha limpeza corporal de sábia.

Marcial, como meu primeiro marido, Serapio, gostava de ter outras mulheres. Os filhos de uma senhora com quem tinha relações deram-lhe um golpe e feriram-no com um machete. Esvaindo-se em sangue, morreu estirado na estrada.

---

[31] Os objetos usados na feitiçaria (tema que não é tratado com a devida amplitude neste volume) incluem penas de arara, cacau (grão considerado moeda), ovos de peru ("porque têm mais força que os de galinha"), vela de cera, *copal*, braseiros e tabaco (São Pedro). Num próximo volume, trataremos dos rituais da feitiçaria e do curandeirismo, assim como das plantas utilizadas na medicina mazateca.

VIII

O fato de ter ficado viúva pela segunda vez de certo modo me ajudou a tomar a decisão de me entregar ao meu destino. O destino que já estava fixado desde antes de eu nascer: ser sábia. Meu destino era curar. Curar com a Linguagem dos *meninos santos*. Tomei a decisão, mas também tinha de continuar a trabalhar duro para manter minha família, não tanto quanto antes, porque meu filho Catarino já começava a trabalhar. Comerciava com fios, que revendia em Tierra Caliente, percorrendo os caminhos de seu finado pai[32].

Não tenho certeza, mas creio que eu tinha mais de quarenta anos de idade. Já não me sentia em condições de viajar para revender pão e velas nas fazendas. No tempo em que meu marido Marcial era vivo, com minhas economias consegui construir uma casa de sete braças, com paredes de madeira e teto de sapé. A casa ficava à beira da estrada que vai para San Miguel. Nessa casa montei uma vendinha em que vendi aguardente e cigarros. Em seguida passei a vender comida para os viajantes.

Nos dias seguintes à minha segunda viuvez, eu quis praticar o curandeirismo, como Marcial. Eu sentia que devia curar. E que devia curar com os *meninos santos*, mas algo me

---

[32] A Tierra Caliente mazateca compreende a zona baixa da região, com povoados em sua maioria ribeirinhos – situados à margem ou nas ilhotas da represa Miguel Alemán –, cujos habitantes trabalham como pescadores, cafeiculturoes ou coletores de timbó. Nesses povoados falam-se dialetos mazatecos.

impedia. Algo como o medo que se tem de se entregar a algo que lhe foi dado, àquilo a que se está destinado.

Pratiquei o curandeirismo, sim, mas isso não me satisfez. Eu sentia que estava fazendo o que não devia, pensava que a mulher limpa, a mulher de Cristo, a mulher estrela da manhã, não devia praticar o curandeirismo. Eu estava destinada a algo superior. No curandeirismo eu enterrava ovos como oferenda aos Senhores dos Montes, enterrava-os nos cantos de fora da casa, ou dentro dela, mas vi que brotavam vermes onde tinham sido enterrados e isso me dava nojo e pavor. Achei que esse não era o caminho do destino.

Lembrei-me de meus ascendentes: meu bisavô Juan Feliciano, meu avô Pedro Feliciano, minha tia-avó María Ana Jesús e meu tio-avô Antonio Justo tinham sido sábios de prestígio.

IX

Para mim, a bruxaria e o curandeirismo são tarefas inferiores. Os bruxos e curandeiros também têm sua Linguagem, mas é diferente da minha. Eles pedem favores ao Chicon Nindó. Eu peço a Jesus Cristo, a São Pedro, a Madalena e a Guadalupe.

Em mim não há bruxaria, não há raiva, não há mentira. Porque não tenho sujeira, não tenho pó. A doença sai se os doentes vomitam. Vomitam a doença. Vomitam porque os cogumelos querem que o façam. Se os doentes não vomitam, eu vomito. Vomito por eles, e desta maneira o mal é expulso. Os cogumelos têm poder porque são a carne de Deus. E os que crêem saram. Os que não crêem não saram.

As pessoas que se deram conta de que eu tinha curado María Ana trouxeram seus filhos doentes. Um, dois, dez, muitos. Curei muitas crianças. Às vezes, dou às crianças um pedacinho de *pequeno que brota*. Vomito pelas crianças se elas não o fizerem. Antes de iniciar a velada, pergunta o nome do doente. Assim procuro a doença e assim curo. Se o doente não me diz a causa de seu mal, eu adivinho. Quando o doente sua, isto revela que vai sarar. O suor tira a febre, que é conseqüência da doença. Minhas palavras obrigam a maldade a sair.

Para uma forte dor de dentes comem-se sete ou oito pares, isso basta. Os *meninos* devem ser tomados de noite;

para isso, celebra-se a velada, diante de imagens de santos da igreja. Os *meninos santos* curam as chagas, as feridas do espírito. É o espírito que adoece. Os curandeiros não sabem que as visões que os *meninos* mostram revelam a origem do mal. Os curandeiros não sabem usá-los. Os feiticeiros também não. Os feiticeiros temem os sábios como eu, porque sabem que posso *descobrir* se eles causaram um encantamento, se roubaram sub-repticiamente o espírito de uma criança, de um homem ou de uma mulher. Os cogumelos me dão o poder da contemplação universal. Posso ver desde a origem. E posso chegar até onde nasce o mundo.

O doente sara e os familiares vêm me visitar, depois, para dizer que estão aliviados. Agradecem com aguardente. cigarros, ou algumas moedas. Não sou curandeira porque não uso ovos para curar. Não peço força aos donos dos montes. Não sou curandeira porque não dou água de ervas estranhas para ninguém tomar. Curo com Linguagem. Só isso. Não sou feiticeira porque não faço maldade. Sou sábia Só isso.

Também vêm homens pedir-me para ajudar suas mulheres a parir. Sou parteira, mas esse não é o meu trabalho. Eu sou aquela que fala com Deus e com Benito Juárez, sou sábia desde o próprio ventre de minha mãe, sou mulher dos ventos, da água, dos caminhos, sou conhecida no céu, sou mulher doutora.

Tomo *pequeno que brota* e vejo Deus. Vejo-o brotar da terra. Cresce e cresce, grande como uma árvore, como um monte. Seu rosto é plácido, formoso, sereno, como nos templos. Outras vezes. Deus não é como um homem: é o Livro. Um Livro que nasce da terra. Livro sagrado, que ao ser parido faz a terra tremer. E o Livro de Deus, que fala para mim, para que eu fale. Me aconselha, me ensina, me diz o que tenho de dizer aos homens, aos doentes, à vida. O Livro aparece e eu aprendo novas palavras.

Sou filha de Deus e eleita para ser sábia. No altar que tenho em casa estão as imagens de Nossa Senhora de Guadalupe, num nicho. Também tenho São Marcos, São Martinho e Santa Madalena. Eles me ajudam a curar e a falar. Nas veladas, bato palmas e assobio, nesse momento me transformo em Deus...

X

Um dia veio um casal até minha casa. Eu estava dentro de casa, perto do fogão, esquentando minhas *tortillas*. Um cachorro latiu e eu saí para ver o que era. Convidei os visitantes a entrar. Interrompi minha refeição e os atendi.

— Somos parentes do velho Francisco Garcia — disse o homem.

— Francisco, o que vive no bairro Espinha de Cão?[33] — perguntei. — O que os traz aqui?

— Temos um problema, por isso viemos vê-la — disse a mulher. — Meu pai, Francisco, está doente.

— Qual foi a causa da doença?

— Não sabemos — prosseguiu o homem —, tudo o que podemos dizer é que um dia de madrugada foi, para o campo, mas voltou logo, antes do amanhecer. Tinha um ferimento na canela da perna direita. Disse que estava lavrando a terra com a enxada quando uma forte dor na canela o fez cair e perder

---

[33] Os bairros de Huautla, até hoje, são designados por alguma característica do lugar, que pode ser a forma de um morro vizinho, o nome da árvore vistosa que está perto ou um acidente do lugar. A pessoa mais velha ou mais influente no bairro tem a palavra que designa o lugar acrescentada a seu nome, como sobrenome. Exemplo: há nome como *Nzión-Ya-loxáa*, que significa literalmente, Fidencio-Laranja, ou *Chafáa-Ya-Mangóo*, que quer dizer João-Mangueiral, porque na casa de Fidencio (García) há uma laranjeira, ou na casa de João há uma mangueira. A pessoa – já falecida – a que se refere María Sabina era conhecida pelo nome de *Zco-Yátzim-leñáa*, isto é, Francisco Espinha de Cão, pois vivia muito perto do bairro Espinha de Cão, cuja designação se deve a um morro próximo que se assemelha às vértebras de um cão famélico.

os sentidos. Ao recuperar-se, voltou para casa com dificuldade. Ele supõe que golpeou a si mesmo com a enxada. Contratamos o jovem médico que acaba de chegar a Huautla, vindo da cidade, para tratá-lo?[34] É um sábio em medicina que cura feridas que sangram. Há dias cuida do velho Francisco, mas ele não parece melhorar. Decidimos que você, sim, pode curá-lo; você pode contribuir muito com a medicina do jovem médico. As *coisinhas* darão força ao velho Francisco e ele sarará logo... Você é uma mulher que sabe, María Sabina...

— Quando vocês querem que se faça a velada? — perguntei.

— O mais rápido possível... — disse o homem.

O casal foi embora, eu disse que naquela mesma noite iria ter com o velho Francisco Garcia.

Ao anoitecer cheguei à cabana. Trataram-me com muito respeito. Levaram-me até o velho Francisco, que jazia sobre uma esteira e queixava-se de dor. O velho me viu e fez um esforço para sorrir. Tinha olheiras. Examinei a suposta ferida na canela. Parecia mais um hematoma sem graves consequências.

Iniciei a cerimônia diante das imagens que a família tinha. Dei seis pares de cogumelos ao velho Francisco. Eu tomei *treze* pares. Outras pessoas que estavam presentes também tomaram seus pares.[35] Deixei-me levar, não opus resistência e caí num poço profundo, interminável. Sentia uma espécie de vertigem. Lentamente, foi passando o mal-estar. Tive uma visão: vi um tigre que se preparava para atacar uma das reses de um curral. Era de noite. O animal, agachado, com o peito encostado na terra, preparava-se para

[34] Em Huautla, os médicos são designados como *Tchinéex-kíi* (sábio em medicina). Nesse caso, a senhora se refere ao médico Salvador Guerra, nascido em Jalapa, Veracruz, em 1925, e que ficou em Huautla durante nove anos (1951-1960). Atualmente, Salvador Guerra trabalha num respeitado hospital da Cidade do México, exercendo sua especialidade, a cardiologia.

[35] Os cogumelos, segundo a tradição, são comidos aos pares. Diz-se que vão “casados”, ou em casais. Um é homem, o outro é mulher.

tomar impulso e lançar-se sobre sua presa, quando foi impedido por uma forte pedrada na perna direita. A pedra tinha sido atirada por um homem trepado numa árvore próxima. O tigre fugiu, sem conseguir o que queria, ferido e assustado.

Em seguida, apareceu uma mulher que cobria o rosto com o antebraço, para que não se visse que ela sorria. Era um sorriso de satisfação. Reconheci a mulher. Era a mulher de Faustino Méndez, uma feiticeira... A voz dos cogumelos disse: "Ela enfeitiçou o velho Francisco. transformou seu espírito em tigre... Ela é..."

Depois da meia-noite, o velho Francisco começou a recuperar as forças, pouco a pouco. Sozinho, sem ajuda. Finalmente, se pôs completamente de pé. Erguido, permaneceu perto do altar onde estavam as imagens dos santos. Fez alguns movimentos, para se relaxar. Então pedi que lhe trouxessem roupa limpa. A roupa que vestia estava contaminada. Devia trocar-se, porque a cura se aproximava, e tudo o que está sujo deve ser afastado...

Mandei o velho Francisco sentar-se numa cadeira e perguntei:

— O dia em que você se feriu, onde foi? O que aconteceu? Você não sentia que seu corpo não tinha espírito, que seu corpo estava vazio? Ou, nos seus sonhos, a que lugares você chega?

— Sim, senhora — respondeu olhando para o chão, como se sentisse vergonha. — Regularmente, de um tempo para cá, meus sonhos se repetem. Logo que adormeço, sonho que chego a um curral, onde vejo touros. Quero atacar os animais, para comê-los...

— A que lugares você chegou...?

— Sonho que estou em Ojitlán. Lá quero atacar as reses...

— Não se envergonhe — eu disse — isso não é mau. Não é mentira. Quando dormimos, o espírito saí do corpo e vaga. Vai

onde quer ir. O espírito volta se acordarmos. Mas algumas pessoas nascem com sua "sorte". Seu espírito se transforma em gambá, em tigre ou em urubu. Transformados em animais, viajam para lugares distantes... se você tem "sorte", não se preocupe. Não é pecado nem vergonha. Certas pessoas nascem assim, outras podem chegar a ter "sorte" pelos artifícios da feitiçaria...[36]

— Sim — continuou, — sonho que espreito as reses, ouço seus sinos... acontece todas as noites...

As *coisinhas* me mandaram acender uma vela. Peguei com os dedos um pouco de São Pedro, mandei o velho Francisco mastigá-lo. Assim fez. Engoliu o São Pedro. Pedi às pessoas que me rodeavam que trouxessem um balde. Trouxeram-no. Em seguida pedi que apertassem o estômago do velho Francisco, para que vomitasse. Vomitou, graças ao

---

[36] Maria Sabina chama de "soerte" (deformação da palavra castelhana "suerte") àquilo que os estudiosos do México pré-hispanico e colonial chamam de nagual (ou um "fenômeno aparentado ao nagualismo"): Tona: Ao que parece, a palavra usada por María Sabina deriva do dito popular mexicano de que "cada um nasce com sua sorte", expressão que dá a entender que a sorte — signo congênito — é determinante na vida de cada pessoa. Se ela obtiver tranquilidade e felicidade, ou, ao contrário, viver na miséria e cru constante tristeza devido aos acontecimentos desgraçados de sua vida, é porque a *sorte* assim o predeterminou.

Para María Sabina, a *sorte* é o espírito da pessoa, capaz de abandonar o corpo humano para transformar-se num animal, de preferência em tigre. Nagualismo: "A transfiguração do nagual (espécie de mago) em animal quase sempre tem por objeto fazer mal." "O nagual só tem o poder da metamorfose durante a noite. Se for capturado na forma animal e mantido assim até a aurora, morre." Tonalismo: "Em certos grupos étnicos indígenas, entre os quais encontram-se mazatecas, zapotecas e maias, existiu — em algumas comunidades, existe — uma representação que liga misticamente uma pessoa a um animal. A ligação mística é de tal natureza que o que ocorre com o indivíduo ou com o animal repercute em ambos: se um deles morre, morrem ambos. Esse animal, guarda e protetor, recebe o nome de *tona*..." Aguirre Beltrán, Medicina e Magia, Nagualismo e complexos afins, México, INI, 1963. pp. 101-106.

Entre os mazatecos. diz-se que as pessoas cujo espírito entra no corpo de um animal sonham que chegam a lugares distantes. *Nan-tzia-nga* (Florencia, "a alta"), anciã de Huautla, disse-nos que em sus juventude sonhava todas as noites que chegava a uma estrada onde havia muitas pedra. Um parente seu, chamado Calixto, disse-lhe então: "Ora! O seu espírito se converte em urubu à noite. O lugar onde você chega e a estrada de Tenango."

Aguirre Beltrán diz ainda: "No nagualismo, o sacerdote se transforma, transfigura ou metamorfoseia em outro ser, perde sua forma humana e adquire uma forma animal; no *tonalismo*, o animal e o indivíduo coexistem separadamente — vidas paralelas — (e) só estão unidos por um destino comum."

São Pedro. O tabaco se chama São Pedro porque foi criado pelo santo.

Mandei o velho Francisco trocar de roupa quando parasse de vomitar.

Ao amanhecer, o doente falou: "Agradeço sua cura, María Sabina. Sinto-me. melhor. Tenho fome. Muita..." Serviram-lhe café, um pouco de carne assada, feijão e molho. Comeu bem e bastante.

Falei com ele novamente:

— Os *meninos santos* revelaram que uma feiticeira transformou o seu espírito em tigre. À noite, enquanto você dorme, sua "sorte" vai atacar os touros de Ojitlán... Não se preocupe mais. Os cogumelos curaram-no. Você vomitou.

Apesar de saber que o jovem sábio em medicina continuou vendo o paciente, tinha certeza de que os cogumelos curariam seu mal. Um mês depois, comunicaram-me que o velho Francisco estava completamente recuperado.

A mulher de Faustino Méndez, a feiticeira, começou a enlouquecer a partir do momento em que Francisco vomitou. Assim, a "sorte" saiu e Francisco recuperou seu espírito. A feiticeira, enlouquecida, se despia e saía pela rua... seu marido e filhos, com vergonha e medo, abandonaram-na. A família caiu em desgraça. Finalmente, a senhora morreu de loucura... Sua maldade voltou-se contra ela...

XI

No ano seguinte, uma filha do velho Francisco veio ver-me. Já dentro de minha casa„ disse: "Toda a minha família lhe envia saudações. As pessoas que visitam meu pai perguntam quem o curou. Ele responde que tem uma doutora, insignificante na aparência, e chamada María Sabina...

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntei.

— A senhora sabe como é a vida. Doenças vão e vêm. Crianças e adultos ficam igualmente doentes. E sempre a mesma coisa. Vim porque meu sobrinho Rodrigo está doente. O jovem sábio em medicina, que veio da cidade, tem cuidado dele, mas não consegue curá-lo completamente. Achamos que a senhora vai curá-lo de uma vez.

— O que ele tem? — interroguei.

— O padre Alfonso[37] pediu-o para coroinha na última Semana Santa. Seu pai, Ezequiel, aceitou, porque gostou da ideia do filho Rodrigo ser coroinha. Na Semana Santa, as pessoas e os coroinhas faziam uma procissão; mas Rodrigo tropeçou à porta da igreja e caiu. Já faz dois meses que o menino não pode levantar-se, os feiticeiros já foram pagar

---

[37] O padre Alfonso Aragón Robles, originário de Sola de Vega, Oaxaca, chegou a Huautla aproximadamente em 1943 para cuidar da paróquia. Grande orador e homem enérgico, mas com certo senso de humor, deu impulso ao catolicismo na região. Voltou à sua terra natal em fins de 1960. Sua recente morte fez com que não se possa saber sua opinião acerca dos sábios indígenas. Mas, pelo que sabemos, nunca criou conflito entre a Igreja e os médicos nativos; ao contrário, mantinha um certo contato com eles.

com cacau e ovos nos lugares onde o menino costumava brincar. Achamos que foi encantado pelo *dono* de algum lugar sagrado e agora não tem sossego.

— Não se preocupe, mulher — eu disse —, irei amanhã mesmo.

Na noite seguinte apresentei-me na casa de Ezequiel levando *meninos santos* em quantidade suficiente para seis pessoas.

Examinei o corpo do menino à luz de uma vela. Não tinha nenhuma ferida, mas pouco depois eu conheceria a verdadeira doença.

As pessoas da casa comeram comigo o *pequeno que brota*... e quando já estava trabalhando, tive uma visão: vi Rodrigo andando, numa multidão. Usava um hábito. Um hábito roxo como o dos coroinhas. O menino andava solene. Mas seu espírito não estava com ele, estava em outro lugar, isso me dizia a voz e assim eu soube que um espírito que carregava um rifle disparou uma bala e acidentalmente atingiu o espírito de Rodrigo. Nesse momento o menino caiu à porta da igreja. Seu espírito estava ferido, mas seu corpo não.

Passada a visão acendi um círio, levantei a camisinha do doente e vi em seu peito, sobre a região do coração, *um buraco do tamanho de um punho. Era uma ferida sem sangue, apesar de profunda*. E ao ver a cara de Rodrigo, parecia morto. Então, pedi treze grãos de cacau moídos e misturados com água.

Pedi treze grãos de cacau porque assim ordenava *meu pensamento*. Também pedi um franguinho de poucos dias e um pedaço de pano para usar como atadura. Sacrifiquei o franguinho e, enquanto ele estava com o corpo ainda quente, banhei-o em água de cacau e coloquei-o sobre o peito de Rodrigo, e por cima pus a atadura, em volta do corpo de Rodrigo. O menino não tomou *pequeno que brota*. Ao amanhecer, o efeito tinha passado, e eu tirei a atadura com o franguinho à luz do dia. Não vi mais a ferida que tinha visto

no peito do doente enquanto os *meninos santos* trabalhavam dentro de mim.

O franguinho foi enterrado perto da casa, para não ser comido por aves de rapina ou cães. O que é usado numa velada é sagrado e não deve ser desfeito ao ser comido por outro animal.

Dormi na mesma casa. Quando acordei, deram-me comida e eu me pus a conversar com a mãe do menino doente. Alguém veio e avisou que o jovem sábio em medicina, aquele que tinha tentado curar o velho Francisco, avô de Rodrigo, estava esperando lá fora para ser recebido e ver seu doente.

Vi o sábio em medicina entrar, eu estava sentada no chão, com as pernas dobradas e apoiada numa parede. Ele vestia roupa branca e limpa. Disse a saudação mazateca a todos: "*Ináa-Tindali*" (Deus te saúde). Nós respondemos o mesmo.

Ficamos todos em silêncio enquanto ele examinava o menino doente com seus ferros. Ninguém lhe disse que naquela noite tinha-se feito uma velada para que eu curasse o menino. Falou em castelhano com Ezequiel, o pai de Rodrigo; não entendi nada. Deu-lhe umas caixinhas e um papel.[38]

O jovem sábio tinha a cara branca e os olhos azuis. Despediu-se de todos: "*Xtalungá*...", disse a cada um. Tinha aprendido a saudar como os mazatecos: apenas tocava a palma da outra pessoa com seus dedos, como nós fazemos.

No fundo, eu não sabia o que pensar sobre a eficácia dos remédios do sábio em medicina. Mas de uma coisa eu tinha

---

[38] O doutor Guerra nos disse recentemente: "Cuidei de tanta gente, que não me lembro que doença tinha Francisco Garcia e nem do que sofria seu sobrinho Rodrigo. Naqueles tempos, os medicas da cidade que se estabeleciam em Hoautla ficavam pouco tempo. Eu sabia que as famílias mazatecas que tinham um doente em casa faziam suas veladas ao mesmo tempo que contratavam meus serviços para cuidar do doente. O que eu tenho a dizer acerca do fato de María Sabina "ver" a causa das doenças, no transe provocado pelos cogumelos? Eu também podia ver o interior dos corpos. Com meu aparelho de Raio-X, é claro."

certeza: de que ele, com toda a sua sabedoria, ignorava o verdadeiro motivo da doença do menino Rodrigo.

Despedi-me dos pais do doente. Disse-lhes que o menino já estava curado. Que após alguns dias ele estaria completamente são. Como pagamento, deram-me um maço de cigarros, um pouco de aguardente e cinco pesos.

Um sábio como eu não deve cobrar por seus serviços. Não deve lucrar com sua sabedoria. Quem cobra é um mentiroso. O sábio nasce para curar e não para fazer comércio de seu saber... Recebem-se com humildade dois ou três pesos que sejam colocados em nossa mão. Isso sim... com as *coisinhas* não se deve negociar...

Passado algum tempo, um dia desci ao mercado de Huautla. Cumprimentei o pai de Rodrigo. Saudou-me com um sorriso. Muito contente

— Como está o menino? — perguntei a Ezequiel.

— Já sarou. Brinca de novo com os amiguinhos. Obrigado por tê-lo curado. Porque você sabe, você pode... Obrigado. Tome dois pesos para comprar pão.

— Não diga isso. Ezequiel respondi porque quem curou o seu filho foi o Deus que nos criou.

A partir de então, o velho Francisco e Ezequiel, seu filho, tiveram muita fé e, sempre que tinham um doente grave em casa, vinham chamar-me para curá-lo.

XII

Durante minhas veladas falo com os santos; São Tiago, São José e Maria. Digo o nome de cada um conforme vai aparecendo.

Sei que Deus é formado por todos os santos. Assim como nós, juntos, formamos a humanidade, Deus é formado por todos os santos. Por isso não tenho preferência por nenhum santo. Todos os santos são iguais, têm a mesma força, nenhum deles tem mais poder do que outro.

Sei de outros sábios que, como eu, usam os *meninos santos*. Lembro-me de Toribío Garcia, que vivia nesse mesmo bairro, estrada abaixo. Ele procurava a luz nos *meninos*, mas também procurava a resposta em treze grãos de milho que jogava no chão. A posição final de cada grão tem um significado. Assim adivinhava o que queria. Eu não pratico esse tipo de coisa, confio unicamente naquilo que os *meninos* me dizem, para mim isso basta; minha única força é minha Linguagem. Toribio era outro tipo de sábio. jogava os grãos de milho durante a velada. Ao amanhecer, voltava a repetir a sorte...

No tempo em que estive casada não utilizei os serviços de Toribio. Os filhos de meu primeiro casamento cresceram sadios.

E se fico doente, atualmente. curo a mim mesma. Os *meninos* me curam. já vivi muitos anos... muitos... não sei quantos...

Em minhas veladas, posso ver o que nosso *cristinho* tem. Contemplo-o. Posso tê-lo bem perto de mim, mas não tocá-lo. Às vezes quero pegar com as mãos o que vejo, mas não há nada, e isso me faz rir, ocasionalmente. Entro num outro mundo, diferente do que conhecemos à luz do dia. É um mundo bonito, mas inatingível. É como ver um filme. Conheço o cinema porque um dia veio um senhor que me levou ao centro de Huautla para ver um filme em que eu apareço. No cinema se pode ver, de longe, mas não adianta tentar tocar o que se está vendo. Como no cinema, depois de uma imagem vem outra. Sai uma coisa, e em seguida outra. Assim sinto o efeito das *coisinhas*.

Desse modo vejo os santos, um aparece e eu pronuncio seu nome, se aparece outro, pronuncio seu nome. Se aparece Bonito Juárez pronuncio seu nome. Às vezes aparecem os Seres Principais, e então vejo-me tomando cerveja com eles; outras vezes, tomamos aguardente. Vejo animais, como serpentes gigantescas, mas não os temo. Não os temo porque também são criaturas de Deus. Aparecem animais estranhos, nunca vistos no mundo cotidiano. Nada daquilo que os cogumelinhos ensinam deve ser temido.

E toda a minha Linguagem está no livro que me deram. Sou a que lê, a intérprete. Esse é meu privilégio. Mas a Linguagem muda de acordo com o caso. Se estou curando um doente, uso um tipo dc Linguagem. Se o único objetivo de comer as *coisinhas* é "encontrar Deus", uso outra Linguagem. Agora, acordada, posso lembrar um pouco de minha Linguagem:

Sou mulher que nasceu sozinha, diz[39]

Sou mulher que caiu sozinha, diz

Porque existe seu Livro,[40] diz

Seu Livro de Sabedoria, diz

---

[39] Acrescenta-se a palavra diz porque "quem fala é o cogumelo". É uma linguagem impessoal, segundo o xamã.

[40] As palavras não grifadas na linguagem xamânica são ditas em castelhano mal pronunciado.

Sua linguagem sagrada. diz
Sua hóstia que me é dada, díz.
Sua hóstia que compartilho, diz

Em que número descansas. Pai amado?
Pai cheio de vida
Pai cheio de frescor

Sou mulher de batalhas
Porque sou mulher general, diz
Porque sou mulher cabo, diz
Sou mulher sargento. diz
Sou mulher comandante, diz

Você Jesus Cristo
Você María
Você, pai Santíssimo
Mulher santo
Mulher santa
Mulher espírito
Sou mulher que olha para dentro, diz
Sou mulher luz do dia, diz
Sou mulher lua, diz
Sou mulher estrela da manhã
Sou mulher estrela Deus

Sou a mulher constelação sandália, diz
Sou a mulher constelação bastão,[41] *diz*
Aqui trago meu orvalho
Meu orvalho fresco, diz
Aqui trago meu orvalho
Meu orvalho transparente, diz
Porque sou mulher orvalho fresco, diz
Sou mulher orvalho úmido. diz
Sou mulher da alva diz

---

[41] Os mazatecos formaram suas próprias constelações com as estrelas. As mais conhecidas são as chamadas cavalo, sandália (*huarache*), bastão e cruz.

Sou a mulher dia, diz
Sou a mulher santo, diz
Sou a mulher espírito, diz
Sou a mulher que trabalha, diz
Sou a mulher que está debaixo da árvore que goteja, diz
Sou a mulher crepúsculo, diz
Sou a mulher do huipil limpo, diz
Sou a mulher rodamoinho, diz
Sou a mulher que olha para dentro, diz
Porque posso falar com Benito Juárez
Porque me acompanha nossa formosa Virgem
Porque podemos subir ao céu
Sou a mulher que vê Benito Iuárez
Porque sou a mulher licenciada
Porque sou a mulher pura
Sou a mulher de bem
Porque posso entrar e posso sair
No reino da morte
Porque venho procurando por debaixo d'água
Desde a margem oposta
Porque sou a mulher que brota
Sou a mulher que pode ser arrancada, diz
Sou a mulher doutora, diz
Sou a mulher ervatária, diz
E nossa formosa Virgem de Guadalupe
E nossa mãe Madalena
Porque sou filha de Deus
Sou filha de Cristo
Sou filha de María
Sou filha de São José e de Candelária

Isso faz parte de minha linguagem. Os ignorantes nunca poderão cantar como os sábios. Os *meninos santos* me ditam, eu sou a intérprete. Aparece o Livro e aí começo a ler. Leio sem hesitar. O Livro nem sempre aparece, porque na memória guardo o que nele está escrito.

Para os doentes há um tipo de Linguagem, para os que procuram Deus, há outro. Para os doentes, a Linguagem aparece quando estou perto deles. Sempre fico junto do doente, fico atenta para ver se vomita ou o que acontece com ele. Os doentes saram logo se mastigarem São Pedro. Se os doentes mastigam São Pedro, eu digo:

Sou mulher São Pedro, diz
Sou mulher São Paulo, diz
Sou mulher que procura debaixo d'água, diz
Sou mulher que limpa com erva, diz
Sou a mulher que limpa, diz
Sou a mulher que arruma, diz
Sou a mulher que nada, diz
Sou a nadadora sagrada, diz
Sou a nadadora suprema, diz
Sou a maior nadadora, diz
Sou a mulher lancha, diz
Sou a mulher estrela da manhã, diz

São as coisinhas que falam. Quando digo: sou mulher que caiu sozinha, sou mulher que nasceu sozinha, são os *meninos santos* que falam. E dizem isso porque brotam por si sós. Ninguém os planta. Brotam porque Deus quer assim. Por isso digo: sou a mulher que pode ser arrancada, porque os *meninos* podem ser arrancados... e comidos. Devem ser comidos tal como são arrancados... Não devem ser fervidos nem nada. Não é preciso fazer nada. Devem ser desenterrados e comidos do jeito que estão... com terra e tudo. Devem ser comidos inteiros, porque se por descuido se tira um pedaço, ao trabalharem os *meninos* perguntam: "Onde estão meus pés? Por que você não me comeu todo?" E ordenam: "Procure o resto de meu corpo e coma-me." Deve-se obedecer às palavras dos *meninos*. Será preciso procurar e comer as partículas que não foram comidas antes de começar a velada.

XIII

Meu segundo marido, Marcial, morreu, e eu me dediquei ao trabalho. Vendia comida em minha casa de sete braças situada à beira da estrada. Ia a San Miguel ou a Tenango para vender velas e pão nos dias de mercado ou de festa. Vivia tranquila com meus filhos. Apesar de casadas, minhas filhas Viviana e Apolonia me visitavam com frequência.

Um mês após a morte de Marcial, comecei a comer as *coisinhas*. Como eu já disse, não é bom usar os *meninos* quando se tem marido. Quando uma mulher se deita com o homem, desfaz a limpeza deles. Se um homem comê-los e, nos dois ou três dias seguintes, fizer uso de uma mulher, os testículos dele apodrecem. Se uma mulher fizer isso, ela enlouquece[42].

Não faltaram problemas. Um dia, um bêbado entrou em minha vendinha. Vinha a cavalo. Entrou com a montaria. Dentro da venda, desmontou e pediu uma cerveja. Servi a

---

[42] Minha mãe, Maximina Pineda, de 65 anos, diz: "As mulheres que têm relações sexuais na serra são castigadas, porque os *lugares* da serra têm seus donos. Uma encosta, um barranco ou uma fonte, cada qual em seu dono. Cada dono é um duende, ou um grupo de duendes. É por isso que os *lugares* da serra são sagrados. A finada Aniceta, do povoado próximo de Mazatlán, copulou com vários homens na serra. Por fim, em consequência de seu atrevimento, Aniceta ficou com o ventre inchado, como se estivesse grávida. Um dia comeu os cogumelinhos para curar-se, mas nos momentos do efeito sentiu que jorrava lodo de seu sexo e, em seguida, que estava parindo ratazanas. Ela via e sentia que saiam lodo e ratazanas de sua vagina. As mulheres que não respeitam o jejum sexual antes e depois de comer os cogumelinhos são castigadas do mesmo modo. Só depois de comer os cogumelinhos Aniceta sarou de seu mal."

cerveja. Meu filho Catarino, que já era um homem feito, estava dentro da casa. O bêbado avistou-o: "Ah, você está aqui. Catarino?" perguntou. "Sim, Crescencio...", disse meu filho. Trouxe alguma mercadoria para minha mãe vender na sua vendinha. Venho de Tierra Caliente, do povoado de Río Sapo. Trouxe dois quintais de peixe seco e feijão.

— Gostaria de tomar um trago? — perguntou o bêbado.

— Aceito — respondeu Catarino —, pois sabemos beber.

— Sirva, senhora — ordenou-me o bêbado —, sirva um copo de aguardente para Catarino.

Antes que eu pudesse servir, Catarino falou:

— Não. Crescencio, não vou tomar aguardente. Se não houvesse cerveja, eu tomaria aguardente... mas há cerveja. Não vou tomar a aguardente que você me oferece. Abra duas cervejas, mamãe — ordenou meu filho.

Nesse momento, o bêbado sacou uma pistola da cinta. Temi por meu filho. O bêbado falou:

— É verdade o que você está dizendo. Catarino? — perguntou, com a pistola na mão.

Aparentemente colérico, foi-se aproximando de meu filho.

— Sabe Deus se você é um bandido — disse.

— Não blasfeme, Crescencio — disse meu filho, mantendo a calma —, sou um homem trabalhador. Ganho a vida trazendo mercadoria de Puebla e da Cidade do México. Parece-me que o bandido é você.

Continuaram falando, xingando-se mais e mais.

O bêbado cambaleava, com a pistola na mão. Atrás dele pude ver um crucifixo; então, me enchi de coragem e me coloquei entre o bêbado e meu filho, que se encontrava atrás de mim, do lado esquerdo. Aproximei-me com cuidado; o bêbado continuava dizendo insultos. Num momento de descuido do homem, tomei-lhe a pistola.

— Por que você veio brigar aqui? — perguntei —, você não deve fazer isso aqui. porque Deus está presente, aqui em minha casa.

O bêbado não disse mais nenhuma palavra. Guardei a pistola num caixote debaixo da mesa sobre a qual punha as cervejas. Irritada, aproximei-me do bêbado e comecei a empurrá-lo para fora. Mas ele fez um esforço e me jogou no chão, aproveitou para correr até o caixote e pegar a pistola. Eu corri e me pus no meio, para proteger meu filho. O bêbado, decidido, aproximou-se de mim: “Pare, que o Sagrado Coração está em minhas mãos”, gritei. Dali a pouco, senti que estava estirada no solo e sangrando na altura da cintura: ele tinha acertado dois tiros na nádega direita e mais um no quadril, do mesmo lado.

Fui levada de maca ao centro de Huautla. Levaram-me até o jovem sábio em medicina. Fiquei sabendo que seu nome era Salvador Guerra. Ele tirou as balas. Foi nessa ocasião que o médico me conheceu. Pela primeira vez na vida. eu estava sendo curada por um sábio em medicina, E fiquei assombrada. Antes dc lazer suas operações, injetou uma substância na região onde estavam as feridas e minhas dores desapareceram[43]. Enquanto ele fazia os curativos, eu não sentia nenhuma dor; assim que terminou, mostrou-me as balas. Agradecida e espantada, eu lhe disse: "Médico, você é tão grande quanto eu. Você faz desaparecer a dor, tirou as balas e eu não senti nada.

Três dias depois voltei para casa. Eu queria tomar café, comer *tortillas* e molho. Queria sentir o sabor de minha comida. Era difícil engolir os alimentos que os ajudantes do sábio em medicina me davam.

Certa tarde, estando eu em casa, chegou um homem para me dizer que naquela mesma noite o próprio Salvador Guerra

---

[43] O médico aplicou anestesia local.

viria ter comigo, acompanhado de uma mulher estrangeíra que desejava conhecer-me. Preparei-me para uma velada.[44]

A noite, o jovem sábio chegou em seu ferro[45] trazendo uma mulher loura. Um tradutor me disse que somente a senhora comeria os *santinhos*. Não fiz caso disso e preparei uns pares de "passarinhos" para o sábio em medicina. Chegado o momento, falei com ele em mazateco, dizendo-lhe que tomasse comigo os *meninos*. Estendi a mão para entregá-los a ele. Com gestos bruscos, negou-se a comê-los. Então eu lhe disse: "Você me deu a medicina com que cura os feridos. Me curou. Tirou as balas de dentro de mim. Agora eu lhe ofereço minha medicina. Coma esses pares como retribuição por seus serviços." A mulher loura apoiou minhas palavras. Finalmente, o jovem sábio comeu os seus pares de "derrumbe".

A partir de então. Salvador Guerra e eu nos tornamos amigos. Mais tarde, nossa amizade tornou-se mais forte, e, no dia em que ele saiu de Huautla (em 1960), o padre Alfonso Aragón rezou uma missa para que todos nós continuássemos vivendo bem. Salvador Guerra e eu nos colocamos diante do altar. Quando a missa acabou, eu lhe ofereci minha mão e disse: "Doutor!" Ele correspondeu, estendendo-me a sua e dizendo: "Doutora!"

E agora, quando vejo aquele bêbado que me feriu cruzar o meu caminho, cumprimento-o. Coitado, está acabado... é um homem imprestável. Sua bebedeira acabou com ele.

---

[44] María Sahina refere-se à pintora Lady Abdy, que chegou a Huautla em 1958, recomendada pelo escritor Gutierre Tibón. Lembro que a pintora tinha um grande guarda-chuva azul. Vários mazatecos aproximaram-se dela para dizer: “Senhora, venda-me o seu guarda-chuva.” “No dia em que fomos à casa de María Sabina, chegamos lá pelas nove da noite. Terminada a velada, voltamos, às cinco horas da madrugada. Não sei como cheguei à minha casa depois de deixar a pintora em seu hotel. Ao sair do jipe, vi que as árvores frondosas do parque vizinho mexiam-se como frágeis palmeiras atacadas por um furacão. Naquela noite tive visões tão ligadas à minha vida privada, que por enquanto prefeiro não falar.”

[45] Jipe.

XIV

Poucos anos antes de chegarem a Huautla os primeiros estrangeiros que conheci, a vizinha Guadalupe, mulher de Cayetano García, veio até minha casa[46].

— Tive um sonho horrível — disse —, quero que você venha até minha casa para ver-nos. Não me sinto bem. Faça-me esse favor. E possível que surjam problemas para meu marido, porque o cargo de delegado municipal é difícil. Você bem sabe, há violência no povoado. Existe inveja. Por qualquer bobagem as pessoas se ferem e se matam. Há discórdias.

— Irei com você agora mesmo — disse-lhe.

Ao chegar à sua casa, Cayetano convidou-me a sentar. Sentou-se em outra cadeira. Sua mulher fez o mesmo. Em voz baixa, o delegado falou:

— Sei quem você é, María Sabina. Por isso mandei buscá-la. Acreditamos em você. Você curou os doentes que houve nesta casa; mas agora vou lhe pedir algo especial: quero que você seja minha conselheira. O povo me elegeu para um cargo municipal. Sabemos que ser membro da autoridade exige muita responsabilidade. Devo tomar decisões, e posso me enganar; assim, peço-lhe que me aconselhe e me guie, porque você tem poder, você sabe, você pode chegar à verdade, por mais escondida que esteja, porque as *coisinhas* lhe indicam o caminho. Se houver problema de litígio no município, você me

[46] Cayetano García foi delegado entre 1913 e 1955, na época em que Erasto Pineda era prefeito. Cayetano diz: "Wasson nos solicitou um sábio e eu me comprometi a leva-lo até María Sabina. Depois, foi preciso ir a Río Santiago para conseguir cogumelos bons, porque em Huautla andavam escassos, para que os visitantes estrangeiros conhecessem nossos costumes.

dirá quem é culpado e eu, como delegado, direi o que deve ser feito.

— Não tema — respondi —, faremos o que você pede. Não posso negar-me porque somos velhos amigos e porque obedeço às autoridades: além disso, sei que você é um homem bom, não tenho dúvidas. Serei sua conselheira. Consultaremos os *meninos santos* quando for preciso.

Assim, Cayetano Garcia foi delegado municipal durante três anos; durante esse tempo, não houve nenhum problema grave e nenhuma situação que as autoridades pudessem lamentar.

Mas devo mencionar o fato que antecedeu a chegada dos primeiros estrangeiros. Mais ou menos quinze dias depois de eu ter sido ferida pelo bêbado. Guadalupe, a mulher de Cayetano, outras pessoas e eu, comemos as *coisinhas*. Naquela vez, vi seres estranhos. Pareciam pessoas, mas não eram familiares, nem mesmo pareciam ser camponeses mazatecos.

— Não sei o que está acontecendo. Estou vendo gente estranha — disse a Guadalupe.

Pedi-lhe que rezasse, porque fiquei um tanto inquieta diante da visão. Guadalupe rezou para me ajudar. Rezou para Deus Cristo.

Tive a explicação daquela visão alguns dias depois, quando Cayetano chegou à minha casa, de manhã. Suas palavras me espantaram:

— María Sabina — disse ainda ofegante, devido à caminhada —, chegaram uns homens loiros, vieram falar comigo na prefeitura. Vieram de longe para encontrar um sábio. Vieram atrás do *pequeno que brota*. Não sei se lhe desagrada sabê-lo, mas prometi trazê-los para conhecê-la. Disse a eles que eu conhecia uma verdadeira sabia. E um deles, muito sério, aproximou-se de mim e disse baixinho: "Procuro o *Ndi-xi-tjo*." Não podia acreditar no que estava ouvindo, por um momento duvidei; mas o homem loiro parecia saber demais

sobre o assunto, deu-me essa impressão. O homem parece ser sincero e bom. Acabei prometendo que os traria à sua casa.

— Se você quer assim, não posso negar-me. Você é uma autoridade e somos amigos — respondi.

No dia seguinte, alguém trouxe à minha casa três homens loiros. Um deles era o senhor Wasson[47]. Tinham dito a eles que eu estava doente, mas não precisamente que um bêbado tinha me ferido com uma pistola. Um dos visitantes escutou meu peito. Pós a cabeça sobre o meu peito para escutar as batidas de meu coração, pôs a mão em minha testa e voltou a colocar a cabeça nas minhas costas. O homem fazia gestos enquanto me tocava. Por fim, disse palavras que eu não entendi. Falavam uma língua que não era o castelhano. Eu não entendo nem o castelhano.

Logo depois, numa noite, os estrangeiros presenciaram minha velada. Soube depois que Wasson tinha ficado maravilhado; e chegou a dizer que uma outra pessoa, que se dizia um sábio, em Huautla, não passava de um impostor. Na verdade, tratava-se do bruxo Venegas...

Quando os estrangeiros comeram os *meninos santos* comigo, não senti nada ruim. A velada foi boa. Tive visões diferentes. Cheguei a ver lugares que eu nunca imaginei que existissem. Cheguei ao lugar de origem dos estrangeiros. Vi cidades. Cidades grandes. Muitas casas grandes.

Wasson veio outras vezes. Trouxe a mulher e a filha. Também vieram outras pessoas com ele.

Um dia Wasson chegou com um grupo de pessoas. Entre elas estavam camponeses mazatecos que traziam um doente envolto numa esteira. Disseram-me que era um órfão de nome Perfecto[48] e que tinha sido criado por Aurelio-Camino[49]. Esse Aurelio também era um sábio e tinha tratado de curar o menino.

---

[47] María Sabina chama Robert Gordon Wasson de Basson.
[48] María Sabina chama-o de Perfeto.
[49] Trata-se de Aurélio Carrera, morto com a idade aproximada de 90 anos. O povo de Huautla chamava esse sábio de *Lio-Ndiáa* (Aurélio-Estrada, porque sua casa estava situada á beira de uma estrada real (caminho real)

Mas ele não tinha cura. Sua morte se aproximava. Logo que ví o semblante de Perfecto disse a Aurelio: "Este menino está muito mal. Requer muito cuidado."

Comi os *meninos* e comecei a trabalhar. Foi assim que soube que Perfecto tinha o espírito espantado. Seu espírito tinha sido agarrado por um ser maligno.

Deixei-me levar pela Linguagem que brotava em mim e, embora Perfecto não tivesse comido os cogumelinhos, minhas palavras fizeram com que se levantasse e conseguisse ficar de pé, e falar. Disse então que enquanto descansava à sombra de uns cafezais em Cañada Mamey "sentiu algo" atrás de si.

— Pressenti que atrás de mim havia... — disse — como um animal, um burro. Escutei claramente que lambia o focinho. Virei-me depressa, mas não vi nada. Isso me assustou muito, e desde então me senti doente. Se você cuidar de mim, papai Aurelio, certamente sararei. É o que diz María Sabina.

Durante a velada o doente ficou de pé, porque a Linguagem lhe deu forças. Também esfreguei São Pedro em seus braços.

Passaram-se as semanas e alguém me avisou que Perfecto tinha morrido. Não cuidaram dele como deviam. Se tivessem sido feitas várias veladas teria sarado, com certeza. Não fizeram isso.

Wasson, sua família e amigos se foram e não voltaram mais. Há anos que não os vejo; mas sei que a esposa dele faleceu. Wasson voltou sozinho uma vez, não faz muitos anos. Da última vez que o vi, disse-me: "María Sabina, você e eu ainda viveremos muitos anos."

Depois das primeiras visitas de Wasson, vieram muitas pessoas estrangeiras para pedir que eu fizesse veladas para elas. Eu lhes perguntava se estavam doentes, mas diziam que não. Que vinham somente para "conhecer Deus"[50].

---

[50] María Sabina diz que os estrangeiros comem os cogumelos unicamente para "procurar e encontrar-se com Deus": *Ninda Bá-zée* (em mazateco)

Traziam vários objetos com os quais tiravam o que chamam de fotografias e gravavam minha voz. Depois me traziam papéis[51] nos quais eu aparecia. Tenho ainda alguns papéis onde eu estou. Conservo-os, embora não saiba o que dizem de mim.

Wasson e seus amigos foram os primeiros estrangeiros que vieram ao nosso povo em busca dos *meninos santos* e que os comiam não por terem alguma doença. A razão de sua vinda era encontrar Deus.

Antes de Wasson ninguém comia os cogumelinhos simplesmente para encontrar Deus. Sempre foram comidos para que os doentes sarassem.

[51] Jornais e revistas.

XV

Pertenço às irmandades há 30 anos. Agora pertenço à irmandade do Sagrado Coração de Jesus. A irmandade é composta por dez mulheres. Se a sociedade for composta por homens, chama-se confraria. Cada sócia é chamada de madre. Nossa tarefa consiste em fazer velas e juntar dinheiro para pagar a missa que se faz mensalmente em ação de graças ao Sagrado Coração de Jesus. Cada sócia entrega à *madre* principal cinquenta centavos. Juntas, completamos cinco pesos. Mas se a missa for para o dia da festa do Sagrado Coração de Jesus, ou de algum outro santo, damos três pesos. Juntamos trinta pesos no total. Damos três pesos no dia da Virgem da Natividade, que é 8 de setembro, também damos três pesos na terceira sexta-feira de março, que são os dias de festa para nós. Na Semana Santa, quando se crucifica nosso Pai, também damos três pesos.

O padre tem uma lista, onde anota o nome e a contribuição de cada sócia. Isso também é comunicado ao bispo.

Quinze dias antes da festa do patrono, os confrades e as sócias da irmandade buscam um crucifixo emprestado na igreja. O crucifixo é carregado pelo confrade principal.

Com flores doadas pelas sócias, enfeita-se um altar na casa do confrade principal. E no caminho que leva a essa casa, faz-se um arco de carriço, enfeitado com flores. Recebe-se a comitiva que segue o crucifixo debaixo do arco. Soltam-se foguetes e atiram-se flores por onde passa o crucifixo. A comitiva é acompanhada de música e nela há madres e

confrades. As madres defumam a comitiva do crucifixo com *copal* e todas carregam velas e flores. À frente, um confrade vai tocando um sininho.

Ao chegar à casa do confrade principal, cada sócia deve entregar uma libra de cera pura. Toda a cera reunida é fundida e moldada diante do crucifixo. As velas resultantes são enfeitadas com papel e um enfeite da mesma cor que a roupa do santo patrono. Depois de moldada a cera, as sócias entregam três pesos cada uma para pagar a missa. Esse é um dia de festa. Os músicos tocam e toma-se aguardente, fuma-se e queimam-se mais fogos de artifício. As velas tornam-se benditas assim. São sagradas a partir desse momento, e só podem ser acesas em cerimônias religiosas. Nunca para dar luz na escuridão.

Na véspera da festa, os confrades vão às casas dos vizinhos para pedir doações. Depois do meio-dia, os músicos chegam à casa da madre principal. Lá, toma-se aguardente e repartem-se cigarros. Matam um carneiro, que é comido ensopado, com *tamales* amargos. Chegam então os confrades com suas mulheres, que trazem treze velas de meia libra cada. As sócias trazem flores de todos os tipos.

Os músicos tocam *Flor de Naranjo*[52] e a madre principal dança com o confrade principal. A segunda madre dança com o segundo confrade, a terceira com o terceiro.

Ao entardecer, as madres e os confrades levam as treze velas para a igreja, para acendê-las no altar do Santo Patrono, enquanto o padre diz o Rosário.

Na manhã seguinte, o dia da festa do patrono, os confrades e as madres saem da casa do confrade principal e, em procissão, dirigem-se à igreja para ouvir a missa, durante a qual as velas que estão nas mãos das madres são acesas de novo. Terminada a missa, as velas são apagadas, e as madres levam-nas consigo. As madres e os confrades reúnem-se de

---

[52] Flor de Naranjo é a única peça musical mazateca.

novo na casa do confrade principal, onde os violões e o saltério tocam música. Lá, tomam novamente caldo de carneiro com *tamales* amargos, fumam e dançam. Os confrades e algumas madres tomam aguardente.

Terminada a festa, os confrades vão à prefeitura e devolvem às autoridades o dinheiro que emprestaram no início para os gastos da festa.

Cada dois, quatro ou seis anos, as madres se alternam para que todas sejam, alguma vez, a madre principal.

Nunca se deixa de ser madre. Quando uma morre, as velas sagradas que são de sua propriedade e que não foram queimadas são postas no caixão, junto ao cadáver.

Soube das irmandades há trinta anos. Saíram da igreja, creio. Desde o princípio participei das irmandades com entusiasmo, porque sempre respeitei tudo quanto é assunto de Deus. Obedeço aos sacerdotes. Também obedeço às palavras das autoridades municipais. Eles são as cabeças. Eles nos governam.

Quando as irmandades começaram, há uns trinta anos. conheci Apolonio Terán, na igreja. Juntos, fomos às casas dos vizinhos para convidá-los a formar a primeira irmandade e a primeira confraria. Eu sabia que Apolonio era um grande sábio, que tinha o poder de curar. Sabia falar com os Donos dos Montes. Os dois sábios, ele e eu, empreendemos juntos essa tarefa, sem nunca falar de nossas sabedorias. Falávamos somente de questões das irmandades e das confrarias. Naquela época, eu não me revelava. Os sábios não devem andar fazendo alarde do que são, porque é um assunto delicado. Apolonio era um homem ativo, formava as irmandades e as confrarias. Ele dava os nomes das pessoas às autoridades municipais, que se encarregavam de comunicar, por escrito, às pessoas escolhidas. O papel era a nomeação das pessoas, que eram citadas num dia determinado. Depois de formada a sociedade, as autoridades emprestavam dinheiro para iniciar as atividades das madres e dos confrades. O

dinheiro era gasto com a cera para fazer as velas. Mais tarde, o dinheiro emprestado era devolvido.

Apolonio e eu levávamos em conta a opinião do marido, dos pais, dos irmãos ou dos filhos da pessoa que iria pertencer, como sócia, à irmandade ou à confraria[53].

---

[53] A propósito, extraímos de nosso arquivo a entrevista que fizemos, em agosto dc 1970, com o sacerdote Antonio Reyes Hernández, encarregado da paróquia de Huautla: "Vivi na serra mazateca durante 21 anos. Estive em Chiquihitlán durante 20 anos. Agora faz um ano que estou em Huautla, em cuja paróquia existem Livros de Batismo que datam de 1866. Os sinos foram fundidos em 1863, aqui mesmo. A igreja foi construída pelos dominicanos em 1777. Preocupa-me saber que as pessoas que vivem do outro lado dessa cadeia de montanhas pensam que Huautla é um centro de vício. Na verdade, não há nenhuma casa de prostituição e os habitantes dedicam-se ao trabalho, na plantação de café, para a sua subsistência." Perguntamos se as autoridades eclesiásticas não se opunham as cerimônias "pagãs'', herança pré-hispânica, que são comumente praticadas na zona mazateca, por feiticeiros, curandeiros e sábios. "A Igreja — respondeu o presbítero — não é contra esses ritos pagãos, se é que podem ser chamados assim; leva a palavra de Deus a todos os ouvidos. e convence da verdade cristã os poucos que ainda misturam as crenças locais com a religião católica. Isso não acontece muito; a própria María Sabina é membro da Associação do Apostolado da Oração, e vem à missa todas as primeiras sexta-feiras de cada mês. Usa seu escapulário. É uma pessoa humilde, pelo que me consta, e não prejudica ninguém Em compensação, a escandalosa publicidade em torno dela a prejudica e a compromete com as autoridades. Devem deixa-la em paz. Quem chamou os jornalistas? Para que eles vêm? Digo isso Álvaro, porque é perigoso falar com pessoas que escrevem nos jornais." Perguntamos: "E os sábios, e curandeiros?" "Os sábios e curandeiros não competem com a nossa religião, nem mesmos os feiticeiros. Todos eles são muito religiosos e vêm à missa. Não fazem proselitismo e, portanto, não são considerados hereges, e é remota a possibilidade de lhes serem lançados anátemas, nem em pensamento!

XVI

Sofri. E contínuo sofrendo. Aqui, abaixo do quadril direito, no lugar onde recebi a bala que o bêbado disparou, apareceu um tumor, cresceu aos poucos e dói quando faz frio. Vai fazer cinco anos que vieram umas pessoas da cidade e quiseram levar-me. Disseram que os sábios em medicina de lá me cortariam para o tumor desaparecer. Antes de me decidir, consultei o prefeito municipal, Valeríano Garcia; ele se opôs à minha ida à Cidade do México para que me curassem.

— Você pode morrer no momento em que estiverem cortando o seu tumor — disse podemos ficar sem María Sabina, e isso nos deixaria muito tristes.

Como obedeço à autoridade, neguei-me a acompanhar os senhores.

Sofri por ser pobre. Minhas mãos ficaram calejadas pelo trabalho duro. Meus pés também têm calos. Nunca usei sapatos, mas conheço os caminhos. Os caminhos barrentos, empoeirados ou pedregosos curtiram as plantas de meus pés.

Nunca saiu maldade de mim, tampouco mentira. Sempre fui pobre, vivi pobre e pobre morrerei. Padeci. Meus dois maridos morreram. Vários de meus filhos morreram, por doença ou tragédia. Alguns filhos faleceram quando eram muito pequenos; outros, nasceram sem vida. Não curava os pequeninos com meu poder porque naquela época tinha marido; as relações com os homens invalidam o poder dos *meninos*.

Tem havido tristeza em meu coração. Tive de criar alguns de meus netos órfãos. Um de meus netos morreu recentemente com a cara inchada. Trabalhava como peão, abrindo os caminhos onde passam os trens, mas tomava muita aguardente: coitado, tinha só vinte anos. Agora estou criando outro pequenininho. Gosto de crianças. Gosto de acariciá-las e de conversar com elas... Deve-se cuidar bem das crianças. Devem ser batizadas assim que nascem, porque as crianças que não estão batizadas morrem se vier uma tempestade. Os raios da tormenta levam o espírito das crianças que não foram batizadas. Ontem mesmo, à tarde, escutei o estrondo produzido por um raio que caiu aqui por perto, e hoje me avisaram que uma criança amanheceu morta na casa de uma vizinha[54].

Catarino, Viviana e Apolonia, filhos de meu primeiro marido, estão vivos, todos têm filhos, e se afastaram de mim: os afazeres familiares os mantêm ocupados. De meu segundo marido, vive somente minha filha Aurora.

Um de meus filhos, irmão de Aurora e chamado Aurelio, foi assassinado. Antes que acontecesse a tragédia, os *meninos santos* me preveniram. Era o tempo em que Wasson vinha a Huautla. Foi uma quinta-feira, durante uma velada, tive uma visão: apareceu uma pele de gado pintada, estendida no chão à direita do lugar onde eu estava parada. Fiquei calada ao ver aquilo, mas não me intimidei, embora fosse um couro podre de animal. *Cheirava* mal. Logo apareceu um homem, vestido de camponês, perto da pele, e gritou: "Eu sou. Eu sou. Com este serão cinco. Com este serão cinco que eu assassino." Um

---

54 "Se a criatura morre porque foi levada pela tempestade, fica roxa. Vi uma morte assim numa comunidade próxima de Río Santiago", disse-nos a senhorita Fortunata García de Huautla.
Apesar de não sermos uma autoridade em matéria médica, atrevemo-nos a dizer que nesse caso os mazatecos se referem àquilo que é popularmente chamado de "pneumonomia fulminante". O fato de o cadáver ficar roxo e de acontecer quando há tempestade, isto é, em momentos de extrema umidade, faz supor que esta seja a causa da morte das crianças que não foram devidamente tratadas com as precauções necessárias. Evaristo G. Estrada diz algo mais sobre as crianças não batizadas: "Se há tempestade, coloca-se uma cruz com água de cal ou uma cruz de palma benta sobre suas testas."

vizinho chamado Agustín tinha tomado os cogumelinhos comigo, para curar-se das dores que sentia na cintura. Dirigi-me a ele para perguntar: "Você viu esse homem? Ouviu o que ele disse?" Agustín respondeu: "Sim, vi. É filho da dona Dolores.”

Achei muito estranho, não compreendi as palavras do homem que apareceu em minha visão. No dia seguinte, continuei pensando naquilo, sem encontrar explicação.

Meu filho Aurelio se encontrava em Teotitlán del Camino na noite dc quinta-feira.

Três dias depois de ter *visto* a pele pintada, exatamente no domingo, ao meio-dia, chegaram à minha vendinha três homens, e um deles perguntou por meu filho Aurelio, de 19 anos. Meu filho acabara de chegar de Teotitlán e estava num quarto contíguo tocando o violão recém-comprado. Um dos homens era filho da vizinha Dolores, o mesmo que tinha aparecido em minha visão da quinta-feira anterior. Meu filho Aurelio convidou-os a entrar onde ele se encontrava e lhes ofereceu aguardente.

Mais tarde, os visitantes e meu filho, sob o efeito da aguardente, cantavam com acompanhamento de violão.

Depois de terem cantado várias canções, houve uma breve pausa e, de repente, o filho de Dolores insultou meu filho. Ao entrar, vi que esse homem levantou a camisa e tirou da cintura um punhal, que cravou imediatamente na garganta dc meu filho. Gritei desesperada ao ver que meu Aurelio caia de bruços perto da porta que ligava com a vendinha.

O assassino, levando seu punhal, fugiu pela estrada, rumo a San Miguel, seguido de seus acompanhantes.

Eu me joguei, enlouquecida de dor e de angústia, o corpo ensangüentado de meu filho, enquanto outro de meus filhos e alguns amigos saíram atrás do assassino, que não conseguiram alcançar.

Meu pobre Aurelio morreu ali mesmo onde caiu. No dia seguinte o enterramos. Os vizinhos vieram ao velório. Tomaram aguardente e jogaram baralho. Dei-lhes café, pão e cigarros. Eles puseram dinheiro perto do cadáver: com isso paguei o enterro. Foi enterrado com música, como é costume.

Quando meu filho estava sendo enterrado, lembrei-me da visão horrível da quinta-feira anterior. Então compreendi o que as *coisinhas* tinham tentado dizer-me. A pele, o filho de Dolores gritando: "Com este serão cinco...", eram avisos da pena que se aproximava.

Os homens que assassinaram meu Aurelio agora também estão mortos. Eram gente má. A violência com que agiam voltou-se contra eles. Um por um, foram assassinados por pessoas que, elas sim, puderam defender suas vidas a tempo. Devem ter tido uma razão para assassinar meu filho. Eu nunca soube qual era. Meu Aurelio bebia aguardente, mas não era um homem violento. Durante vários meses chorei a morte de meu filho.

E embora eu seja a mulher limpa, a Polichinela principal, a maldade existiu contra mim. Certa vez, queimaram minha casa de sete braças de comprimento. Era feita de madeira, com cobertura de palha. Ignoro o motivo pelo qual fizeram isso. Algumas pessoas pensaram que era porque eu tinha revelado o segredo ancestral de nossa medicina nativa aos estrangeiros.

É verdade que antes de Wasson ninguém falava com tanta desenvoltura acerca dos *meninos*. Nenhum mazateco revelava o que sabia sobre esse assunto. Mas eu obedeci ao delegado municipal; no entanto, agora penso que, se os estrangeiros tivessem chegado sem nenhuma recomendação, eu também teria mostrado a eles minha sabedoria, porque não há nada dc mau nisso. Os *meninos* são o sangue de Cristo. Quando nós, mazatecos, falamos das veladas, fazemos isso em voz baixa e para não pronunciar o nome que têm em mazateco (*Ndi-xi-tjo*) dizemos *coisinhas* ou *santinhos*. Assim eram chamados por nossos antepassados.

Outras pessoas acharam que o motivo de lerem queimado minha casa foi que o incendiário tinha pensado que eu o tinha enfeitiçado. Já disse, não sou bruxa. Sou sábia.

Outros ainda disseram que era a inveja que as pessoas malvadas tinham de meu poder. Nunca soube o verdadeiro motivo que os levou a me prejudicar, e nem sei o nome do incendiário, porque não me interessei em perguntá-lo às *coisinhas*.

Com a casa, ardeu minha vendinha, o milho, as cervejas, a aguardente, as sementes e cigarros que eu vendia, meus *huipiles,* meus xales... Cristo! Tudo se foi. Nesse dia eu não estava em casa. Estava vazia, meus filhos e eu tínhamos ido a San Miguel, à festa de San Miguel, para vender pão e velas; ao voltarmos, encontramos pura cinza. Sem saber a quem recorrer, fui para as montanhas com meus filhos. Para sobreviver comemos batatas silvestres. Para não sentirmos tanto frio, fazíamos chá de folhas de limão ou laranja. Dona Rosaura Garcia, vizinha de Huautla que conheci numa das visitas do senhor Wasson, deu-me uma tigela de estanho. Outra pessoa, não me lembro quem, me deu uma xícara. Isso me ajudou.

No fim, fomos morar na casa de uns familiares. E era preciso começar de novo. Trabalhei muito para levantar outra casa. Esta sim, de adobe e com telhado de zinco, e atualmente vivo nela.

Mas nem tudo foi sofrimento. Me alegra escutar o som do saltério. Gosto de música. Os Seres Principais também gostam; agora me lembro que, quando eles me entregaram o Livro, havia música. Soavam o tambor, a trombeta, o violino e o saltério. É por isso que canto:

Sou a mulher tamborileira
Sou a mulher tronzbeteira
Sou a mulher violinista

Eu mesma tive um saltério. Comprei-o e guardei-o em minha casa. Comprei-o porque numa velada os *meninos* me perguntaram: "Você tem saltério?" e eu dizia: "Não. Não tenho." Assim que comprei meu saltério respondi: "Sim, eu tenho um saltério."

Os que sabiam tocar saltério vinham à minha casa para tocá-lo. Às vezes eu o emprestava, mas um dia, passando necessidade, vendi-o: agora sei que o saltério está em Santa Cruz de Juárez.

E gosto de dançar o *jarabe*[55] mazateco. Danço o jarabe em minhas visões, com os Seres Principais. Um Ser Principal é meu par. Em seguida, tomamos cerveja e conversamos. Mas também danço nas festas da confraria. Numa ocasião dancei para o jovem sábio [Guerra] Flor de Naranjo, o jarabe mazateco, na casa de dona Rosaura García, para que vissem que sou mulher de gosto. Mas eu não danço somente; também cozinho. Certa vez, preparei cogumelos comestíveis para os estrangeiros. Creio que foi na casa da professora Herlinda Martínez. Numa panela grande cozinhamos *Tjain T'xua* (cogumelos brancos), os que nascem nos jonotes[56]. Fizemos um caldo apimentado que temperamos com cebola. Os estrangeiros comeram até sentirem seus estômagos cheios.

---

[55] Dança popular. (N. da T.)
[56] Gênero de árvores tiliáceas mexicanas; grifado no original. (N. da T.)

XVII

As pessoas loiras, homens e mulheres, chegam à minha porta. Dizem "vovozinha" ou "Sabininha" lá fora, e então eu saio e as convido a entrar. Dou café para quem gosta, só tenho isso para oferecer. Acho que alguns loiros sentem-se bem em minha casa, como se fosse a sua, porque estendem seus cobertores e esteiras no chão e descansam[57]. Nessa época do ano os estrangeiros me visitam, mas nem todos querem veladas, vêm também no tempo da seca, quando os *meninos* não brotam. Os estrangeiros tiram fotografias de mim em qualquer lugar onde me encontrem. Tiram fotos quando ando pela estrada carregando milho nas costas, ou quando estou descansando sobre uma pedra no mercado. Já estou acostumada a isso tudo. Agora me lembro de que em alguma parle da cidade de Oaxaca há uma fotografia enorme, onde apareço arando a terra com uma enxada. As pessoas que tiraram aquela foto compraram a minha enxada e levaram-na embora. Gosto que me presenteiem fotografias da minha imagem.

Muita gente vem me visitar. Uns dizem ser licenciados. outros dizem ter cargos importantes na cidade; pegam minha imagem com seus objetos, ficam parados perto de mim e me dão algumas moedas quando vão embora. Vêm as pessoas que fazem papéis, trazem seus intérpretes mazatecos e fazem perguntas sobre a minha vida. Lamento não saber castelhano e

[57] María Sabina refere-se a pessoas de países estrangeiros (Estados Unidos, Itália, Argentina, França ou Japão) ou do México.

não saber escrever; se soubesse, eu mesma diria nos papéis o que sei.

Sei que o senhor Wasson fez discos e livros de minha Linguagem.

Há anos, estive em Tehuacán durante um mês. Herlinda, a professora huauteca, acompanhou-me. Minha estada em Tehuacán foi para que se corrigisse a tradução que dois missionários estrangeiros, chamados Florencia e Jorge tinham feito de minha Linguagem. Esses missionários falavam bem a nossa língua mazateca, mas não sei se entenderam exatamente minha Linguagem. Se pudesse ler o que escreveram, saberia... Notei que tinham uma certa dificuldade para me entender.

Tenho uma grande amizade pelo padre Alfonso Aragón, o que ficou muitos anos em Huautla. Ele tinha um disco onde minha Linguagem estava gravada: soube disso no dia em que me convidou para escutá-lo. Disse-me que o disco valia muito, que tinha um preço incalculável. Agradeci suas palavras[58].

Eu mesma tive esse disco, acho que foi o próprio Wasson que o enviou para que eu pudesse escutá-lo. Deu-me também um aparelho toca-discos. Mas vieram umas pessoas da cidade que se diziam autoridades e levaram tudo.

No tempo das chuvas os *santinhos* brotam em nossa terra úmida, e então mais estrangeiros vêm à minha casa. Continuam a procurar-me, mas eu não os recebo mais, porque já estou velha. Meu corpo fica cada dia mais fraco; respiro com dificuldade, e já não vou com tanta freqüência ao mercado de Huautla, porque me canso muito. Às vezes, meu corpo fica tão mole que eu caio na estrada ou dentro de casa. Tropeço facilmente pelas veredas, e já não posso erguer o machado com o qual cortava lenha antigamente.

---

[58] Folkway Records Album n° FR 8975. Copyright © 1957 by F. Records Service Corpç. 165 W 46 St. NYC. U.S.A. "MUSHROOM CEREMONY OF THE MAZATEC INDIANS OF MEXICO". Recorded by V.P. & R.G. Wasson at Huautla de Jiménez, Oax.

Agora, quando junto algum dinheiro, compro lenha e revendo aos vizinhos. Meu maior sonho nesses últimos anos foi ter uma vendinha onde eu pudesse voltar a vender sabão, cigarros e refrescos aos viajantes; mas nunca tive dinheiro suficiente.

Há mais ou menos uns sete anos, veio um bispo que queria comer *meninos santos*. Eu os teria dado ao bispo, porque sei que os bispos também são grandes, mas não era época. Era março, e os *meninos* brotam lá por junho, julho, agosto e setembro, embora em algumas zonas frias possam ser encontrados em novembro ou dezembro, mas dificilmente podem ser obtidos em abril ou março. Se tenho um doente no tempo em que não se conseguem cogumelos, recorro às folhas da Pastora. Moídas e tomadas, trabalham como os *meninos*. Mas a Pastora não tem a força suficiente. Existem outras plantas, chamadas sementes da Virgem. Essas sementes foram criadas pela Virgem. Eu não uso as sementes, mas alguns sábios, sim.

O bispo aconselhou-me a iniciar meus filhos na sabedoria que eu tenho; disse-lhe que se pode herdar a cor da pele ou dos olhos, e até o modo de chorar ou de sorrir, mas com a sabedoria não se pode fazer o mesmo. A sabedoria está dentro da pessoa desde o nascimento. Minha sabedoria não pode ser ensinada, é por isso que digo que ninguém me ensinou minha Linguagem, porque é a Linguagem que os *meninos santos* falam ao entrarem no meu corpo. Quem não nasce para ser sábio não pode alcançar a Linguagem, mesmo que faça muitas veladas. Quem poderia ensinar uma Linguagem assim? Minha filha Apolonia apenas me ajuda a rezar ou a repetir minha Linguagem durante as veladas. Diz o que eu peço, mas ela não e sábia, não nasceu com esse destino. Apolonia dedica-se a criar seus filhos e cuidar de seu marido, ela tem filhos grandes, que vivem na Cidade do México, trabalham lá e mandam dinheiro para a mãe. Apolonia e Víviana, minhas duas filhas, nunca serão sábias. Elas não receberão o Livro das mãos dos Seres Principais.

Eu, ao contrário, sou conhecida no céu, e até o Santo Papa sabe que eu existo[59]. As pessoas importantes sabem que eu nasci. Nas veladas, ouço que sou a mulherzinha aquática do Livro, que sou a mulher de água rasa[60]. É verdade, por Isso sou humilde, mas também sou a mulher que ascende.

Não é qualquer um que pode ser sábio e eu digo isso às pessoas. Um dia, irritei-me com uma professora de escola. Irritei-me com ela porque ela não queria dar-me um dinheiro que devia dar-me. Ela afirmou que não tinha nenhum dinheiro para mim. Eu disse a ela: "Você é professora, e supõe-se que ensine as crianças, mas você quer me enganar, e se acha superior porque sabe ler e escrever. Fique sabendo que eu não me sinto insignificante diante de ninguém, porque se você sabe ler e escrever, é graças aos seus pais, que a mandaram para a escola, para aprender. Você teve de ir muitos dias à escola para saber o que sabe... mas você deve entender que eu, para ser sábia, não precisei ir a nenhuma escola. Nós, sábios, não precisamos aprender o que sabemos numa escola. A sabedoria está em nós desde que nascemos. E vem junto com a pessoa desde que ela está sendo parida, como se fosse a placenta." Os cogumelinhos me revelaram como eu era nos dias em que me encontrava no ventre de minha mãe. É uma visão na qual me vejo transformada em feto. Um feto iluminado. E sei que, no momento em que nasci, os Seres Principais estavam presentes. Também estava lá o coração de Cristo.

Os estrangeiros trouxeram diante de mim um estrangeiro de corpo grande e gordo. Era bobo. Não dizia uma palavra. Fiz uma velada, porque aquelas pessoas que estavam com ele queriam ver se os meninos tinham a capacidade de curar os doentes que há na cidade onde eles vivem. A velada foi feita na casa de Cayetano García.

---

[59] Devido ao seu longo contato com a Igreja, María Sabina conhece bem as hierarquias eclesiásticas.

[60] A mulher de água rasa (*Chon-da-je*) é uma personagem da mitologia mazateca. Diz-se que é a mulher do Chicon Nindó.

A reação do estrangeiro bobo foi a seguinte: depois da meia-noite, começou a rugir como um leão. Aí! Tive medo por um momento, mas a Linguagem me deu forças. Guadalupe, a mulher de Cayetano, ao escutar o rugido, levou seu filho recém-nascido, afastou-o do local onde fazíamos a velada, para que o estrangeiro que rugia não capturasse o espírito da criança. Às vezes acontece da "sorte" de uma pessoa sair; ao ficar livre, pode entrar no corpo de outra pessoa próxima. Uma sara, a outra fica doente... O homem que rugia poderia ter transferido a sua "sorte" para o recém-nascido. O estrangeiro bobo foi para o seu país, e até hoje não sei o que aconteceu com ele.

Mais recentemente, um casal de estrangeiros pediu-me que lhes desse *coisinhas*, porque tinham um filho de cinco anos que sofria de caroços na cabeça. A mãe do menino e eu comemos os *meninos*. Durante a velada, o menino começou a chorar. Chorou muito. Então, me foi revelado que a própria mãe era a causadora da doença do menino. Cristo! Fiquei com medo por estar perto daquela senhora, mas enchi-me de coragem e peguei-a pelos cabelos. "Entregue o espírito do menino", eu disse, em mazateco. Gritei várias vezes nos ouvidos da senhora: "Dê-me o espírito. Dê...", enquanto puxava com força a sua cabeleira.

O menino parou de chorar, pouco a pouco, conforme a senhora ia me devolvendo o seu espírito. Na verdade, ela tinha dentro de si um ser maligno que encantava o espírito de seu próprio filho.

Ao amanhecer, o casal foi-se com a criança. Disseram que estavam agradecidos pela cura. Embora o menino ainda tivesse caroços na cabeça, seu aspecto era melhor do que no dia anterior à velada. A senhora despediu-se amavelmente de mim... mas nunca soube que ela mesma tinha capturado o espírito de seu filho, e provocado o aparecimento dos caroços na sua cabeça.

XVIII

Numa certa época vieram jovens de ambos os sexos, de cabelos compridos, com roupas estranhas. Vestiam camisas de várias cores e usavam colares[61], Vieram muitos. Alguns desses jovens me procuravam para que eu fizesse veladas com o *pequeno que brota*. "Viemos à procura de Deus", diziam. Para mim, era difícil explicar-lhes que as veladas não eram feitas com a simples intenção de encontrar Deus, e sim com o propósito único de curar as doenças de que padece nossa gente.

Soube mais tarde que os jovens de cabelos compridos não precisavam de mim para comer *coisinhas*.

Não faltaram camponeses mazatecos que, a fim de obter alguns centavos para comer, venderam *meninos santos* aos jovens. Estes, por sua vez, comiam-nos onde queriam; para eles, tanto fazia mastigá-los sentados à sombra de um cafezal como sobre um penhasco ou numa vereda das montanhas.

Estes jovens, loiros e morenos, não respeitaram nossos costumes. Nunca, que eu me lembre, os *meninos santos* foram comidos com tanta falta de respeito. Para mim, fazer veladas não é um brinquedo. Quem faz isso simplesmente para sentir os efeitos pode enlouquecer, e ficar assim por

---

[61] Refere-se aos jovens de fim da década de sessenta que a imprensa qualificou de *hippies*.

algum tempo[62]. Nossos antepassados sempre comeram os *meninos santos* em veladas presididas por sábios.

O uso indevido que os jovens fizeram das *coisinhas* foi escandaloso. Obrigaram as autoridades de Oaxaca a intervir em Huautla. É claro que nem todos os estrangeiros são maus[63].

Naquela época, chegaram à minha casa algumas pessoas que falavam castelhano e se vestiam como gente da cidade. Um intérprete mazateco veio com eles[64].

Entraram na minha casa sem que eu os convidasse a entrar. Viram uns *meninos santos* que eu tinha sobre uma mesinha. Um deles, apontando-os, perguntou: "Se eu lhe pedisse os cogumelos, você os daria?"

— Sim, porque creio que você veio em busca de Deus — eu disse.

Um outro, com uma voz autoritária, ordenou: "Você virá conosco a San Andrés Hidalgo. Iremos procurar uma pessoa que, como você, dedica-se a enlouquecer as pessoas."

Enquanto isso, as outras pessoas que estavam no grupo revistavam minha casa por todos os lados. Um deles mostrou aos demais uma garrafa que continha São Pedro. Com decisão, eu disse: "É tabaco moído misturado com cal e alho. Nós o chamamos São Pedro. Serve para proteger os espíritos da maldade."

---

[62] Sabe-se de alguns mazatecos que ficaram traumatizados por muito tempo, dois anos, por exemplo, por causa de um “castigo” dos cogumelos.

[63] O exército e agentes federais intervieram em Huautla a partir do verão de 1969, para expulsar os jovens, estrangeiros e mexicanos, que tinham transformado o lugar num centro de *alucinogenação* desenfreada. O comportamento dos jovens mexicanos, entre os quais se encontravam delinquentes e muitos "meninos ricos" em busca de aventura, foi lamentável. Essa irresponsável irrupção dos jovens em Huautla levou as autoridades mexicanas a proibir o tráfico e o uso de alucinógenos, o que foi incluído no Código Sanitário vigente na Republica Mexicana, em janeiro de 1971, por iniciativa do presidente Gustavo Díaz Ordaz. A vigilância federal prolongou-se até o momento em que diminuiu o número de jovens. Então, as autoridades municipais encarregaram-se de velar pela tranquilidade do local. A fama de Huautla, que se espalhou por todo o mundo ocidental, atrai, todos os anos, um turismo incipiente, mas constante. O bordado, trabalho das mulheres, é um atrativo que os turistas apreciam. A presença de jovens estrangeiros (hippies) em Huautla (1969) não foi escandalosa, e sim notória.

[64] Agentes federais do estado de Oaxaca.

— Para fumar? — perguntou com voz forte um dos homens.

— Não — respondi —, é um tabaco que se esfrega nos braços dos doentes e também se pode colocar um pouco dentro da boca... meus antepassados o utilizavam, e deram-lhe o nome de São Pedro. O São Pedro tem muita força... ajuda a tirar a doença.

Um outro veio trazendo os papéis que falavam de mim. Também mostrou aos outros o disco e o toca-discos que Wasson me dera. Todos se voltaram para mim, e eu disse a mim mesma: "Não posso falar castelhano com eles, mas eles podem ver nesses papéis o que sou..." Em seguida, fizeram-me subir, com certa suavidade, numa caminhonete, e eu não opus resistência. Fiquei sentada entre o homem que dirigia e um outro, que se sentou junto à porta. Este último continuava a folhear os papéis onde apareciam fotografias de minha imagem. Notei que de tempos cru tempos me olhava de soslaio.

Não senti medo em momento algum, apesar de compreender que aquelas pessoas eram autoridades e que tratavam de me fazer mal. Chegamos a San Andrés e lá prenderam o agente municipal. Finalmente, soube que acusavam a esse homem e a mim de vender um tabaco que enlouquecia os jovens.

Então, levaram-nos à Prefeitura Municipal. Um médico do Instituto Indigenista falou com os senhores. Falaram durante muito tempo. Por fim, o médico me disse: “Não se preocupe, María Sabina, nada vai lhe acontecer. Estamos aqui para defendê-la." Os senhores que me prenderam disseram: "Desculpe. Vá para casa e descanse..." Mas levaram meu tabaco São Pedro, os papéis, meu disco e o objeto que o fazia soar. Libertaram também o agente municipal de San Andrés.

Genaro Terán era o prefeito municipal de Huautla. Ele me disse que um camponês mazateco, que a polícia andava

procurando, tinha me acusado de vender um tabaco aos jovens, que enlouqueciam ao fumá-lo. O prefeito revelou-me o nome do acusador.

— Prefeito — eu disse a Genaro Terán você sabe que nossa gente não usa o tabaco que esse infeliz afirma que eu vendo. Acusam-me de trazer gringos à minha casa. Eles me vêm procurar. Tiram fotografias de mim, falam comigo. Fazem perguntas, as mesmas que eu já respondi muitas vezes... e vão embora depois de participarem de uma velada. Nenhum desses jovens ficou louco na minha casa. Mas o que é isso? Que mal eu fiz a esse senhor que me acusa? Nunca tratei dele na vida. Conheço-o, sei que é filho da finada Josefina, gente nossa, mas nunca fiz mal a esse indivíduo. Essa situação me irrita. Estou disposta a brigar com esse homem. E se ele quiser brigar com faca, eu tenho a minha. E se quiser brigar com revólver, arranjarei um meio de conseguir um... Se, depois, o juiz me condenar a vários anos de prisão, isso será o de menos, terei saciado minha coragem. Não gosto que as pessoas brinquem comigo.

— Não se preocupe — disse Genaro Terão —, o assunto já foi resolvido. Você não é culpada de nada. Vá para casa, María Sabina...

Foi uma infâmia. Aquele senhor não deveria usar calças. Sua mentira me machucou, e por isso eu estava disposta a ir para a cadeia ou morrer, para provar que eu não era culpada. Aquele homem, talvez para conseguir algum dinheiro, vendia os *meninos santos* e o tabaco que enlouquecia os jovens.

Finalmente, as autoridades puseram esse senhor na cadeia, porque sua maldade ficou comprovada.

As autoridades de Huautla me explicaram também que alguns estrangeiros eram maus, que vinham para desvirtuar nossos costumes...

Dois anos depois, o senhor Felícitos Pineda, prefeito municipal, enviou-me um ofício em que pedia meu

comparecimento diante das autoridades de Teotitlán del Camino. Foi então que você, Álvaro, me levou para a Cidade do México. Fiquei na casa de seus parentes. E você me levou até um senhor que escreve nos papéis e que, como tantos outros, me fez perguntas para depois pedir às autoridades de Oaxaca que me deixassem em paz[65]. Você também me levou a uma casa muito grande onde havia objetos de nossos antepassados[66]. Havia pedras trabalhadas há centenas de anos por mãos indígenas. Lá também havia fotografias de mazatecos. O que mais me agraciou foi ouvir a minha voz, que ali soava sem parar. Minha Linguagem sábia naquele lugar; mal podia crer. Lembro-me que as pessoas se aproximavam para cumprimentar-me. Elas me reconheceram. Também lembro de ter visto um desenho numa parede, no qual me pareceu ver seres malignos. Seres com asas negras. Acho que os demônios são assim, embora nós, mazatecos, não tenhamos imagem do demônio; para nós, o demônio não tem cara nem forma.

Voltando a Huautla, Felícitos Pineda insistiu que eu fosse ter com as autoridades de Oaxaca, que estavam me requisitando. Poucos dias depois me apresentei naquela cidade; acompanhava-me uma pessoa da autoridade municipal que explicou que iria levar-me até um personagem, um Principal, um personagem que representava grande autoridade em Oaxaca. Com coragem, sem ter medo de nada, deixei-me levar ao lugar marcado. No momento em que o personagem me viu, gritou meu nome e se pôs de pé. Aproximou-se de mim sorrindo. Sua atitude era oposta à que eu esperava. Abraçou-me, acariciou meus cabelos e disse: "Eu quis que você viesse para comunicar-lhe que não há nada contra você."

[65] Entrevista de María Sabina a José Natividad Rosales (tradutor: Álvaro Estrada. Revista Siempre!, nº 830, 1969), pedindo ao professor Víctor Bravo Ahuja — governador do estado de Oaxaca — que deixassem em paz a "xamã mais famosa do mundo, arruinada pela antropologia e pelo escapismo."

[66] María Sabina refere-se ao Museu de Antropologia da Cidade do México. No stand dedicado aos mazatecos de Oaxaca, reproduz-se, de vez em quando, a gravação da Folkway Record, referida em nota no capítulo anterior.

Conversamos um pouco. Na despedida, agradeci as palavras do personagem e voltei imediatamente para Huautla.

Já fui à cidade várias vezes. As autoridades de Huautla me levam a Oaxaca na primeira semana de julho, à Guelaguetza. Ponho meu melhor *huipil* e sento-me junto com as autoridades. As freiras que estão em Huautla me levaram à Cidade do México, e fui com elas a várias igrejas; entre elas, visitamos a igreja onde está possa Virgem de Guadalupe.

XIX

Durante as veladas, devem ser apagadas as velas de cera pura que se usam nas veladas, porque a obscuridade serve de fundo para as imagens que a pessoa está *vendo*. Não é preciso fechar os olhos, hasta olhar para o fundo infinito da escuridão: lá aparecem os Seres Principais, sentados em volta da mesa, sobre a qual estão todas as coisas do mundo. Em cima da mesa estão o relógio, a águia e o gambá...

Há diversos tipos de *meninos*; os que brotam no bagaço da cana, os que brotam no excremento do gado (também chamados San Isidro), os que brotam nas árvores mofadas (também chamados "pajaritos") e os que nascem na terra úmida (também chamados "derrumbe"). Os da cana e os "derrumbe" têm mais força do que os "pajaritos" e os San Isidro.

No dia em que, pela primeira vez, fiz uma velada diante dos estrangeiros, não pensei que algo mau pudesse acontecer, pois a ordem de receber os loiros vinha diretamente da autoridade municipal, com a recomendação do delegado Cayetano García, amigo meu. Mas o que aconteceu? Muita gente veio *em busca de Deus*; vieram pessoas de todas as cores e de todas as idades. Os jovens foram os mais desrespeitosos; sabe, eles comem *meninos* a qualquer hora e em qualquer lugar. Não fazem isso durante a noite, nem segundo as indicações dos sábios, e tampouco utilizam-nos para curar doenças.

Mas, desde o momento em que os estrangeiros chegaram, para procurar Deus, os *meninos santos* perderam a pureza. Perderam a força, se estragaram. De agora em diante, não servirão mais. Não tem remédio?[67] Antes de Wasson, eu sentia

---

[67] Aguirre Beltrán escreveu que o médico indígena não procurava especificamente conhecer as propriedades farmacológicas das plantas alucinógenas, mas os aspectos que produziam um impacto na mentalidade mágica do indígena: 1. a força mística provocada pelas plantas mágicas na mente do médico nativo e 2. o poder diagnóstico, mais do que as supostas virtudes terapêuticas contidas nos alucinógenos.

Alguns estudiosos afirmaram que na Antiguidade, os feiticeiros curavam o corpo doente através da mente. Sem dúvida, o uso dos alucinógenos, considerados medicinais e sagrados pelos antigos mexicanos, podia curar certos tipos de doença, mas são os investigadores deste tipo de fenômeno que podem ilustrar melhor esse aspecto. "Uma outra circunstância, de grande importância, deve ser considerada. As ervas sagradas, divindades em si, atuam em, virtude de suas propriedades místicas; isto é, *não é a erva propriamente que cura, mas a divindade, parte da divindade, o poder mágico nela contido*. Para que esse poder permaneça na planta, é indispensável todo um complicado ritual, tanto na colheita quanto na preparação e uso; se não for observado, seu uso não faz efeito. já que não são as propriedades farmacológicas das ervas que curam, mas as propriedades místicas." A. Beltrão, *op. cit.,* p. 123.

Certamente, Maria Sabina refere-se a essa força mística quando diz que os cogumelos “perderam a força". O misticismo que envolveu, durante séculos, a ingestão dos cogumelos, na região mazateca, “agora se perdeu”.

Uma entrevista inédita, feita pelo autor deste livro com o ancião Apolonio Terán, considerado pela comunidade como um sábio poderoso, dava, em 1969, uma ideia semelhante à que nos deu María Sabina.

COGUMELOS QUE FALAM

Existem, na zona mazateca, sábios de ambos os sexos, que se destacam na comunidade por sua grande habilidade.

Numa manhã de outubro de 1969, foi procurar um sábio que tinha alcançado enorme prestígio na região. Encontrei-o sentado num banquinho de madeira, no centro do pátio de sua casa. Ao sentir minha presença, levantou os olhos anciões, tristes, sem brilho.

— Quem é você? — perguntou sem dificuldade.

—Sou filho de Evaristo Estrada — respondi com calma e precisão.

— O que você deseja?

— Falar com você sobre os cogumelos. Sobre a sua sabedoria, mas, antes, o que faz você sentado aqui?

— Estou tomando sol, dentro de casa faz frio.

— Quantos anos você?

— Cabró veri! (Cabrones) faz muito tempo que vivo. Sabe, faltam dois anos para eu completar cem...

que os *meninos santos* me elevavam, já não sinto isso. A força diminuiu. Se Cayetano não tivesse trazido os estrangeiros... os *meninos santos* conservariam seu poder. Há muitos anos, quando eu era menina, brotavam por toda a parte, nasciam em volta da casa; esses não eram usados, porque se os olhos humanos pousarem neles, invalidam seu poder e forca. Era preciso ir a lugares distantes para buscá-los, onde a vista humana não pudesse alcançá-los. A pessoa indicada para recolhê-los devia guardar abstinência sexual nos

---

— Como você começou, para chegar à sabedoria?

— Iniciei-me só, quando tinha vinte anos...

— Seus pais ou tios foram sábios como você?

— Não, minha sabedoria não é hereditária, embora seja em outros.

— As pessoas que o conhecem, em Huautla, dizem que a sua Linguagem ritual é muito elevada. Como você aprendeu?

— Não há mortal que saiba ou possa ensinar tanta sabedoria. Minha Linguagem me foi ensinada pelo cogumelinho.

— Você poderia falar- agora um pouco de sua Linguagem?

— Não, a Linguagem só vem se o cogumelo está dentro do corpo. Um sábio não aprende de cor o que deve dizer nas suas cerimônias. O sagrado cogumelo e quem fala, o sábio somente dá à voz

— Você conhece alguém que tenha enlouquecido por comer cogumelos?

— Não. não, o cogumelo não enlouquece, mas castiga os malvados, fazendo-os vomitar sapos, cobras, baratas ou vermes...

— Os curandeiros são ricos em dinheiro?

— Sim, são ricos, mas em sabedoria. e pobres em bens materiais. Os comerciantes, como os daí de cima, do centro de Huautla, vivem em casas grandes e bonitas; os curandeiros moram em choças, como seus antepassados.

— Por que o cogumelo é sagrado?

— Porque cura as chagas do corvo e do espirito, porque nele mora Deus.

— Com a sua idade, poderia reativar uma cerimônia (velada)?

— Não mais. Porém, não pela idade, que parece ter vencido minha força física e que provavelmente não pode mais resistir à atividade ritual, que pode durar de quatro a cinco horas. O terrível, ouça, é que o cogumelo divino já não nos pertence. Sua Linguagem sagrada foi profanada. À Linguagem foi estragada, e é indecifrável para nós...

— Como é essa nova Linguagem?

— Agora os cogumelos falam *nguilé* (inglês)! Sim, é a língua que falam os estrangeiros...

— Qual é a razão dessa mudança de Linguagem?

— Os cogumelos têm um espírito divino. Sempre tiveram, para nós, mas o estrangeiro chegou e afugentou-o...

— Onde ficou esse espírito afugentado?

— Vaga sem rumo pela atmosfera, anda pelo meio das nuvens. E não somente o espírito divino foi profanado, mas também o nosso (dos mazatecos).

quatro dias anteriores. Nesses quatro dias, estava proibida de assistir a velórios, para evitar o ar contaminado dos defuntos.

O ar em volta dos defuntos é impuro; se algum estiver ferido e se aproximar de um velório, pode contrair gangrena. Outra recomendação ao enviado para colher os *meninos santos* era que, de preferência, fizesse-o depois de ter tomado banho. Nestes últimos anos, qualquer um pode vê-los, e não se toma nenhum cuidado para colhê-los.

Os cadáveres de animais também produzem gangrena. O decomposto é impuro.

Uns estrangeiros dizem que vêm para curar-se, muitos afirmam que já foram operados, sem encontrar remédio. Depois de terem participado de uma velada comigo, agradecem e dizem sentir-se melhor. Dizem que têm açúcar no sangue. Não conheço essa doença. Só sei que é o espírito que adoece. E o espírito é que enriquece: as pessoas que fizeram fortuna, é porque seus espíritos viajaram ao reino espiritual da riqueza. Esse é o lugar onde está a fortuna, o grandioso, e a felicidade. O espírito chega a esse reino e rouba o que pode. Se conseguir pegar alguma riqueza, a pessoa chegará a ter dinheiro ou alcançará cargos importantes em sua vida. Mas o espírito deve ter cuidado, para não ser surpreendido pelos guardas do reino da riqueza. Se um guarda surpreende um espírito roubando riquezas, fere-o com um revólver. Assim, os espíritos recebe») o impacto de uma bala. O espírito viaja, e a pessoa sonha com isso.

Para curar as pessoas que têm febre, sacrifico um franguinho, abrindo-lhe o peito com meus polegares. Tiro o coração e o dou, ainda pulsando, ú pessoa doente, para que o coma. O cadáver do franguinho pode ser deixado na parte mais alta de uma arvorezinha. Assim não apodrece, simplesmente seca.

Mas já estou velha e doente. A vida obviamente acaba. E não somente eu trato de curar as doenças de alguns estrangeiros, como eles, também, tentaram curar meus achaques.

Dão-me remédios, ou recebo a visita de pessoas que dizem ser sábios em medicina da cidade, e querem cortar meu tumor. Não lhes dou muita atenção. Algo sempre me impede de tomar os remédios ou aceitar que cortem meu tumor. É que, na verdade, eu não quero tomar os remédios dos estrangeiros, porque tenho meu remédio úmido. Um dia, um médico auscultou meu corpo e deixou-me remédios para tomar, mas eu não os tomei, porque por aqueles dias morreram muitas crianças em meu bairro. A causa dessas mortes foi que os donos — duendes — dos lugares por onde abriram a estrada que vai para San Miguel, e que passa perto da minha casa, cobraram a profanação que se fez, destruindo a calma de seus lugares, levando muitas crianças. Não tomei os remédios porque quem faz isso pode piorar sua doença se, ao mesmo tempo, assistir a um velório ou se houver um defunto na casa vizinha. Os que sabem que tenho dor nas costas, e que lenho dificuldade em engolir, fazem massagens. Primeiro um homem, e depois uma mulher estrangeira, me fizeram massagens[68]. Sinto que são especialistas, porque depois sinto-me aliviada das dores no corpo. Nem todos os estrangeiros são maus. Alguns me trazem comida ou frutas, e eu agradeço. Peço desculpas aos que preparam comida em meu fogão, para mim, porque não tenho colheres. Sabem que sou pobre e que vivo só, às vezes com um neto órfão...

As pessoas que chegam à minha porta sempre me trazem presentes. O governador de Caxaca, Zárate Aquino[69], deu-me dois colchões. Disse que uma canta macia dava mais conforto ao corpo do que o chão duro onde se estendem as esteiras. Para usar os colchões, mandei comprar duas camas de madeira.

Um jovem estrangeiro, vestindo roupas coloridas e sandálias, quis me dar um cão grande e bonito. Eu lhe disse que

---

[68] Lisa Loh, de Santa Fé, Novo México, fez massagens em María Sabina. S. Grossman, amiga da sábia, cozinhou em seu próprio fogão fígado de boi acebolado.

[69] Chegou a Huautla, durante sua campanha, como candidato pelo Partido Revolucionário Institucional.

não queria um cão, que não tinha dinheiro para alimentá-lo. O que o animal ia comer? Merda, por acaso? O jovem estrangeiro compreendeu minha situação e levou seu cão embora.

Gosto de passarinhos. Há dois anos, comprei uma *chachalaca*[70], trazida de Cañada Mamey. Paguei oitenta pesos por ela. Eu sabia que a tempestade se aproximava, quando a *chachalaca* começava a grasnar: era como uma companheira para mim, mas, meu Deus, foi roubada. Agora já não tenho nenhuma *chachalaca* para me distrair.

[70] Ave Galinácea do México, também chamada de pavão-da-montanha.

XX

Mas eu nunca vi os demônios, embora passe, pelos domínios da morte para chegar onde devo. Afundo e caminho por baixo. Posso procurar pelas sombras e pelo silêncio. Assim chego onde as doenças estão escondidas. Lá no fundo. Abaixo das raízes e da água, do barro e das pedras. Às vezes subo, bem alto, acima das montanhas e das nuvens. Ao chegar onde devo, olho para Deus e para Benito Juárez. Lá vejo as pessoas boas. Lá se sabe tudo. De tudo e de todos, Porque lá tudo está claro. Ouço vozes. Falam comigo. É a voz do *pequeno que brota*. O Deus que vive neles entra em meu corpo. Cedo meu corpo e minha voz os *meninos santos*. São eles que falam, durante as veladas, trabalham em meu corpo, e eu digo:

Porque me deste teu relógio
Porque me deste teu pensamento
Porque sou mulher limpa
Porque sou mulher estrela cruz
Porque sou mulher que voa

Sou a mulher águia sagrada. diz
Sou a mulher águia suprema. diz
Sou a senhora que nada. diz

Porque posso nadar no grandioso
Porque posso nadar em todas as formas

Porque sou a mulher lancha
Porque sou a gambá sagrada
Porque sou a gambá suprema

Posso ser águia, gambá ou mulher relógio. Se os vejo. pronuncio seus nomes.

Os *meninos* se convertem em Seres Principais. Os Seres Principais também aparecem nas visões dos iniciados Põem sobre sua mesa sagrada relógios, papéis, livros, hóstias, estrelas, orvalho ou águias... Os Seres Principais perguntam aos iniciados:

— Que tipo de sábio você quer ser? Quer ser guiado pelos Senhores das Montanhas, os donos dos lugares, ou quer ser guiado por Jesus Cristo?

Então o iniciado escolhe e diz aos Seres Principais o que prefere. Nesse momento, o iniciado recebe uni livro que contém a Linguagem que escolheu[71].

Eu escolhi Jesus Cristo. Disse isso aos Seres Principais. O reino dos Seres Principais é o reino da abundância. Lá há cerveja e música. Quando estou nesse reino, peço que sirvam cervejas para todos. Um Ser Principal serve as cervejas e então brindamos todos juntos. Há vezes em que não é necessário pedir as cervejas, estão ao alcance da mão. Quando há música, eu danço aos pares com os Seres Principais e também *vejo* que a Linguagem cai, vem de cima, como se fossem pequenos objetos luminosos que caem do céu. A Linguagem cai sobre a mesa sagrada, cai sobre meu

---

[71] Anexamos a tradução que fizemos da Linguagem do sábio mazateco Román Estrada, de 60 anos, cuja iniciação foi feita por um sábio, natural de San Lucas, chamado Juan Manuel que viveu 122 anos. Seu pai tinha vivido mais de 130.
A Linguagem de Román, de acordo com os conceitos de María Sabina, é dedicada aos Senhores das Montanhas, embora a inclusão de divindades cristãs seja inevitável, por influência da Igreja. (A igreja de Huautla foi fundada em 1777, pelos dominicanos). Estes dois aspectos não desmerecem, de maneira alguma, a curiosa linguagem de Román (da gravação e anotações feitas no outono de 1969). O sábio canta nas horas de transe (transe que pode durar quatro, cinco ou seis horas).

corpo. Então pego com as mãos palavra por palavra. Isso me acontece quando não vejo o Livro... E eu canto:

Com a Virgem Madalena
Com a Virgem Guadalupe
Com o Senhor Santiago

Porque sou a água que olha, diz
Porque sou a mulher sábia em medicina, diz
Porque sou a mulher ervanária, diz
Porque sou a mulher da medicina, diz

Porque sou a mulher da brisa, diz
Porque sou a mulher do orvalho, diz.

Se durante a velada os *santinhos* mandam chupar a doença, eu sugo de onde estou, não é necessário que eu encoste minha boca na parte doente. E minha linguagem diz:

Venho com meus treze colibris
Porque sou o colibri sagrado, diz
Porque sou o colibri supremo, diz
Porque trago meu chupador limpo, diz
Porque trago meu chupador são, diz
Porque trago meu carriço, diz
Porque trago meu carriço com sereno, diz
Meu carriço fresco, diz

E...

Sou a mulher-livro que está debaixo d'agua, diz
Sou a mulher do povoado grande, diz
Sou a pastora que está debaixo d'água, diz
Sou a mulher que pastoreia o grandioso, diz
Sou pastora e venho com meu pastor, diz
Porque tudo tem uma origem
E eu venho percorrendo os lugares desde a origem...

Se ponho tabaco nos braços de um doente, então digo:

E trago meu São Pedro

Só com São Pedro

Só com São Paulo

Com que trabalho

E com que aprecio

Com que trabalho

E com que aprecio

Nosso pais cúmulo de nuvem

Nosso pai Arosio[72]

Pai meu! Pai do orvalho!

Pai lavrador

Pai rico

Os *santinhos* me dizem que sou a mulher do dono de todas as serras. Por isso digo:

Sou a mulher de água rasa...

Dizem que sou a mulher dos oceanos, que trago a sabedoria em minhas mãos. Que sou a mulher de São Pedro e São Paulo. Que sou mulher menina mas posso falar com os heróis. Às vezes choro, mas quando assobio ninguém me assusta.

No meio está a Linguagem. Nesta margem, no meio e na outra margem está a Linguagem. Com os cogumelos vejo Deus, então canto:

Porque sou a mulher estrela Deus

A mulher estrela cruz

Porque posso nadar, no grandioso

---

[72] Arosio, palavra indecifrável. María Sabina diz que é “nome de um lugar na serra”.

Porque sou mulher disposta
Porque tenho curado minha gente
Porque tenho curado meu padre
E tenho curado meu bispo
Meu bispo está puro
Porque nossa gente é grandiosa
Porque nossa gente é excelente
Pai santíssimo Eis tua casa que é grande
Eis tua casa que é casa de autoridade
Nosso bispo
Gente de nosso coração
Sacerdote bom e limpo
Bispo bom e limpo
Círio bom e limpo
Freira boa e limpa
Porque existe o teu Livro
Teu livro que eu trago

Pois...

Sou a mulher pedra do sol sagrada, diz
Sou a mulher pedra do sol suprema, diz
Sou a mulher aerólito, diz
Sou a mulher aerólito que está debaixo d'água. diz
Sou a boneca suprema, diz
Sou a polichinelo sagrado, diz
Sou a polichinelo suprema, diz
Porque posso nadar
Porque posso voar
Porque posso rastrear...

Os *meninos santos* curam, curam a febre, os resfriados, a pele amarela ou a dor de dentes. Tiram os maus espíritos do corpo, ou resgatam o espírito aprisionado por um encantamento dos donos de mananciais ou montanhas. Curam os

que têm "sorte" por feitiçaria. Comem-se os *meninos* e em seguida vomita-se o espírito maligno.

Se vejo papéis sobre a mesa rica dos Seres Principais, eu digo:

Sou a mulher que escreve...

A Linguagem pertence aos *meninos santos*. Eles falam e eu tenho o poder para traduzir. Se digo que sou a mulherzinha de livro, isso quer dizer que um *pequeno que brota* é mulher e que ela é a mulherzinha de livro, assim me transformo. durante a velada, em cogumelo-mulherzinha-de-livro...

Se estou à beira d'água, digo:

Sou a mulher que está parada na areia...

Porque a sabedoria vem do lugar onde nasce a areia.

XXI

Gosto de fumar cigarros e tomar um pouco de aguardente mas nunca me embebedo e já estou velha e me canso logo. Sinto dores nas costas e no peito quando engulo minha comida. Não falo muito, porque minha boca perdeu alguns dentes, tenho vergonha de ser desdentada, comer carne dura é difícil para mim. Prefiro tomar líquidos.

Faz tempo que vivo só, meus filhos se afastaram de mim. Cada um deles se dedica à sua família. Fiquei só, meus filhos quase não me visitam, os estrangeiros que vêm me procurar me distraem e me fazem companhia.

Minha mãe. María Concepción, morreu há menos de dez anos. Era uma velhinha. Ela adoeceu e eu tentei curá-la. Fiz três veladas para dar-lhe força, mas ela mesma compreendeu que seu fim estava próximo, e que não havia remédio.

Pouco antes de morrer, disse-me: "Conforme-se. Bi" assim me chamava —, "agradeço pelo que você tem feito por mim, mas devo morrer. Não tenho queixas de você. Ao contrário, estou contente pelas atenções que você me dispensou durante a vida. Embora sinta deixá-la. Que vai ser de você depois de minha morte? Sei que Deus saberá cuidar dc você..."

E eu também já estou velha. Por isso peço a Deus que me abençoe. Sempre peço benevolência, todos os dias... Peço benevolência para com o mundo e para comigo.

Sei que vou morrer logo. Mas estou resignada. Morrerei no momento em que Deus quiser. Enquanto isso, que a vida siga seu curso, que continuemos vivendo nosso tempo nesse mundo que é de Cristo. Este mundo de cristãos onde também há maldade e discórdia, neste mundo onde as pessoas brigam por qualquer coisa.

Conheço o reino da morte, porque já estive lá. É um lugar onde não há nenhum ruído, porque o ruído, por menor que seja, perturba. Na paz desse reino vejo Benito Juárez.

No dia em que eu morrer, será feito segundo o nosso costume; torcerão o pescoço de um galo, que deverá morrer junto ao meu cadáver. O espírito do galo acompanhará o meu. O galo cantará quatro dias depois de meu enterro, e então meu espírito despertará, e irá embora para sempre, para o reino da morte. Durante o velório, meus familiares colocarão jarrinhas de água perto de minha cabeça sem vida. Será a água que levarei comigo, para que eu não sinta sede durante a viagem para o reino da morte. Dentro de meu caixão porão sete sementes de cabaça, *quintoniles* e bolas de morto[73], tudo dentro de uma bolsinha de pano. Será esse o alimento que levarei para matar a fome no caminho.

As mulheres que estarão em meu velório farão *tezmole* com a carne do galo sacrificado. O *tezmole* só será comido pelo rezador e pelas pessoas que cavarem a minha cova. Se eu tiver velas sagradas, que sobraram de minhas andanças de sócia da irmandade, serão postas junto ao meu cadáver. Serei vestida com um *huipil* limpo e meu melhor xale. Em minhas mãos colocarão uma cruz de palma benta.

Nós mazatecos respeitamos os mortos. No dia de Finados, no início de novembro. oferecemos flores, cravos, colocados em arcos de carriço, e pomos frutas e comida sobre a mesa. *Tamales*, com carne de porco. café e pão.

---

[73] Fruto abundante na serra mazateca. Por sua função na tradição mazateca, é chamado de *to-le-kl-éen* (bola de morto).

Um grupo de pessoas formam um bloco, são chamados de *umbigo saltado* Fantasiam-se com máscaras e roupas de homem ou de mulher, fazem música com violinos, violões e um tambor estrondoso. Visitam as casas dos vizinhos cantando:

Umbigo saltado
Fruta de lima
Um favor eu lhes peço
Apenas um favor:
Dê-me um pouco de limonada

Nas casas, dançam aos pares e comem *tamales*, tomam café ou aguardente.

Os *umbigos saltados* representam as almas que, segundo dizem, voltam para comer e saciar sua fome de comida terrena.

Desde há muitos anos, as pessoas que querem fantasiar-se de *umbigo saltado* vêm à minha casa. Aqui se transformam. Eu lhes empresto chapéus com abas de uma braça de largura e tecidos que meus netos fazem especialmente para esse fim. Durante o resto do ano, guardo esses chapéus, pendurados no teto da minha casa.

Setembro de 1975 – Agosto de 1976.

CANTOS XAMÁNICOS DE MARÍA SABINA[74]

Sou mulher que chora, diz

Sou mulher que assobia, diz

Sou mulher que faz trovejar, diz

Sou mulher que faz soar[75], diz

Sou mulher espírito. diz

Sou mulher que chora, diz

Ah, nosso Jesus Cristo

Ah, nosso Jesus

Nossa mulher São Pedro. diz

Nossa mulher São Pedro, diz

---

[74] Anexamos a tradução dos cantos xamânicos de María Sabina, gravados durante uma velada, por R. Gordon Wasson e sua esposa, a doutora Valentina Pavlovna, em 1957 (Mushroom Ceremony of the Mazatec Indians of Mexico, Recorded by V.P. & R, G, Wasson at Huautla de Jiménez, Iax, Fikkway Records and servisse Corporation, NYC. FR 8975).
As missionárias protestantes Eunice V. Pike e Sarah C. Gudschinsfy, norte-americanas, fizeram inicialmente a tradução (do mazateco para o inglês) que acompanha a gravação. Infelizmente, o trabalho apresenta lacunas e confusões nas palavras da sábia mazateca; apesar disso, consegue dar ao leitor uma ideia aproximada da linguagem de María Sabina.
A presente gravação é composta por 17 fitas nas quais estão representadas as diversas fases (desde o canto lamentoso até a linguagem do êxtase) que a xamã adquire no estado de onisciência atingido nas horas de transe.
Essa edição da Folkway Records foi a primeira tentativa de divulgar os cantos de María Sabina feita por R. G. Wasson; no entanto, deve também ser mencionada sua obra monumental *Maria Sabina and her Mazatec mushroom velada*, publicado em 1974 por Harcout Brace Jovanich (Nova Iorque e Londres).
[75] Um instrumento musical.

Nossa mulher Ustandi[76]*, diz*
Nossa mulher aerólito, diz
Nossa mulher aerólito, diz
Nossa mulher rodamoinho, diz
Nossa mulher
Ah, nosso Jesus Cristo
Nossa mulher santo, diz
Nossa mulher santo, diz
Nossa mulher santa, diz
Nossa mulher das alturas, diz
Nossa mulher santo, diz
Nossa mulher espírito, diz
Ah, nosso Jesus
Nossa mulher espírito, diz
Nossa mulher que dá luz, diz
Sou mulher espírito, diz
Sou mulher de luz, diz
Sou mulher espírito, diz
Sou mulher de luz, diz
Sou mulher dia, diz
Sou mulher limpa, diz
Sou mulher águia suprema, diz
Ah, nosso Jesus Cristo, diz
Sou mulher sagrada, diz
Sou mulher importante, diz
Sou mulher de luz, diz
Sou mulher espírito, diz
Sou a mulher que se veste bem, diz
Sou a mulher altiva, diz
Ah, nosso Jesus Cristo
Sou mulher rodamoinho, diz
Ah, nosso Jesus Cristo
É a mulher relógio, diz
É a mulher limpa, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz

---

[76] Outro nome que María Sabina dá a São Pedro.

É a mulher limpa. diz
É a mulher arrumada, diz
E amanhecer limpo, diz
É amanhecer arrumado, diz
É amanhecer arrumado, diz
É amanhecer arrumado, diz
É amanhecer arrumado, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Ah, é Jesus, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Ah, é Jesus, diz
Tu, nosso Pai Santíssimo, diz
Tu és o santo, diz
Tu és a santa, diz
A-hum, hum, hum, hum[77]*, diz*
Santo, diz
Santa, diz
Santo, o que é santo, o que é santo
e o que é santa, santo, santo, santa
O que é chamado santo
e o que é chamada santa
O que é chamado santo
e o que é chamada santa
Sou mulher que fez parir
Sou mulher que ganhou
Sou mulher de assuntos de autoridade
Sou mulher de pensamento
Mulher de sentar
Mulher de ficar em pé[78]
O coração de Cristo trago eu
O coração de nossa virgem trago eu
O coração de nosso pai trago eu
O coração de Cristo trago eu

---

[77] Ritmo.
[78] Sentar e ficar em pé, movimentos significativos de quem tem vida.

O coração do pai trago eu
O coração do tata[79] *trago eu*
É por isso que digo que trago esse coração
Santo trago eu, santa trago eu
Tu mãe pastora, diz
Tu és a mãe, diz
Mãe que tem vida
Mãe que se mexe, diz
Mãe de brisa
Mãe de orvalho, diz
Mãe que pare
Mãe que se põe em pé, diz
Mãe de leite
Mãe com peitos, diz
Tu, mãe de leite
Mãe de peitos, diz
Mãe fresca
Mãe terna, diz
Mãe que cresce
Mãe verde, diz
Mãe fresca
Mãe terna, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Ah, é Jesus, diz
Nosso pai fresco, diz
Nosso pai terno, diz
Mãe que cresce, mãe verde, diz
Mãe fresca, mãe terna, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Nossa mulher santo, diz
Nossa mulher sarna, diz
Nossa mulher espírito, diz
Nossa mulher de luz, diz
É mulher dia, diz
É mulher dia, diz

---

[79] Papai. (N. da T.)

Nossa mulher de luz, diz
É mulher dia, diz
Nossa mulher espírito, diz
Ah, é Jesus, diz
É mulher de luz, diz
É mulher dia, diz
Sou mulher que olha para dentro[80]*, diz*
Sou mulher que examina, diz
Sou mulher que chora, diz
Sou mulher que assobia, diz
Sou mulher que troveja, diz
Sou mulher que é arrancada, diz
Sou mulher que é arrancada, diz
Sou mulher sábia em medicina, diz
Sou mulher sábia em ervas, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Sou mulher labó [?]
Sou mulher sábia em medicina, diz
Sou mulher sábia em linguagem, diz
Sou mulher de sabedoria, diz
Sou mulher colibri. diz
Sou mulher colibri, diz
Sou mulher que chupa, diz
Sou mulher que chupa, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Sou mulher limpa, diz
Sou mulher arrumada, diz
Sou mulher São Pedro, diz
Sou mulher São Pedro, diz
Sou mulher Ustandí
Sou mulher Ustandi
Sou mulher aerólito
Sou mulher aerólito
Cayetano!
[Cayetano responde: "Sim. Trabalhe. trabalhe.”]

---

[80] Ausculta.

Sou mulher limpa, diz
Sou mulher ou mulher arrumada, diz
Sou mulher que olha para dentro, diz
Sou mulher que olha para dentro, diz
Sou mulher que olha para dentro, diz
Sou mulher que olha para dentro, diz
Sou mulher que olha para dentro, diz
Sou mulher de luz, diz
Sou mulher de luz, diz
Sou mulher de luz, diz
Sou mulher dia, diz
Sou mulher que troveja, diz
Sou mulher sábia em linguagem, diz
Sou mulher Cristo, diz
Sou mulher estrela grande, diz
Sou mulher estrela Deus, diz
Sou mulher estrela cruz, diz,
Sou mulher Lua, diz
Sou mulher Labó, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Sou mulher do céu, diz
Sou mulher do céu, diz
Ah, é Jesus Cristo, diz
Sou a mulher que sabe nadar, diz
Sou a mulher que sabe nadar no sagrado, diz
Porque posso ir ao céu, diz
Porque porque posso ir nadar sobre a água do mar, diz
Aquilo é muito suave, diz
Aquilo é como terra, diz
É como a brisa, diz
É como o orvalho, diz
Santo, santo, santo, santo, santo,
Santo, santo, santo, santo, santo,
santo, san, santo,
na, na, mai

mama, mama, mama, mama, mama, mama,
Que estás, estás, estás, no céu.
Cristo, tu és o pai, tu és o Cristo
Kisosososo sososi[81]
Tu és nosso pai, tu és o tata
Mãe pastora, mãe concepção, mãe padroeira
Mãe María Mercena[82]
Mãe María Concesa[83]
Tu és mãe María padroeira
Tu és mãe todos os santos
Todos os santos
Mãe Ususná[84]
Mãe santuário[85]
Tu és mãe Ususná
Pai do santuário[86]
Mãe que está sobre a mesa perto de Ojitlán
Como nossa Virgem água pequena
Nossa Virgem todos os pais[87]
Pa, pa, po pai, papai
Kisosososo si[88]
Tu, mãe que estás, estás, estás, no céu
Num céu bonito, diz
Um céu que está no alto, diz
Um céu de claridade, diz
Porque lá vou comer, diz
E porque vou pela sombra, diz
Porque há pegadas
Porque tenho minhas mãos, diz
Porque tenho minha língua, diz
E porque tenho minha boca. diz

---

[81] Jesus.
[82] Suposto nome de santa.
[83] Suposto nome de santa.
[84] María Sabina diz que é a Virgem do povoado de Mazatlán.
[85] Otatitlán, Oaxaca.
[86] Senhor de Otatitlán, Oaxaca.
[87] Todos os santos.
[88] Jesus.

Porque minhas pegadas
Porque tenho minhas mãos
Porque tenho minha língua, diz
Porque estou falando com humildade, diz
Porque estou falando sem mais[89]
Nga kgo, nga tí[90]
Falando com humildade
Falando sem mais
Mãe que estás no céu
Pai que estás no céu
Para lá me dirijo
Para lá vou
Pois lá estou falando com meu livro
Pois lá estou falando, diz
Com minha língua e com minha boca, diz
Porque lá o ponho, diz
Tão grande e tão limpo é, diz
Sou mulher São Pedro, diz
Sou mulher São Pedro, diz
Sou mulher Ustandí, diz
Sou mulher aerólito, diz
É pai, diz
É santo, diz
É santa, diz
É santo, diz
É santa, diz
Ah, que caro é, diz
Ah, que homem é, diz
Porque olho para dentro, diz
Porque examino, diz
Meu livro limpo, diz
Meu livro arruinado, diz
Meu Deus limpo, diz
Meu Deus bem feito, diz

---

[89] Sem que seja pago.
[90] Signos de articulação.

Minha ave limpa, diz
Minha ave arrumada, diz
Ah, que caro é, diz
É pai, diz
Cayetanínho García, diz
Tu, homem forte, diz
Porque é pai, diz
E porque é mãe, diz
Jesus, diz
Tu, homem forte, diz
Tu, homem grandioso, diz
É homem poderoso, diz
E homem altivo, diz
Que sabe fazer dançar, diz
Que chora, diz
Este Cayetano García
Que caro é...
Que homem é...
Santo, kisosososi[91]
Tu, mãe, tu, mãe
Jesus mãe pastora
Tu, mãe Concesa
Mãe padroeira
Mãe Madalena
Tu, boneca Virgem do Rosário
E tu, pai do santuário
Nosso pai
Pai fresco, pai terno
Tu, mãe Ususná
Jesus Cristo
Tu, mãe que estás sobre a mesa perto de Ojitlán
Mãe padroeira
Jesus
Mãe Concesa
Tu, boneca Virgem de Guadalupe

[91] Santo Jesus.

De México de Oaxaca
Aí, Jesus Cristo
Porque são papéis de juiz
É o livro da lei
É o livro do teu governo
Pois posso falar com a tua águia
Pois o juiz nos conhece
Pois o governo nos conhece
Pois o juiz nos conhece
Pois Deus nos conhece
É certo, assim está[92]
É certo, assim é[93]
Porque sou mulher justiça
Porque sou mulher com autoridade
Não é nada inventado
Não é nada mentira
Jesus Cristo...
Sou mulher que chora
Sou mulher que assobia
Sou mulher que faz girar
Ah, Jesus Cristo
Ah, Jesus
Ah, Jesus
Ei, Cayetano García
[Convidando-o a escutar]
[Cayetano responde: "Sim. Trabalhe. Trabalhe."]
Ah, Jesus
Mulher santa, ah, Jesus
Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
Hum, hum, hum, hum
So, so, so. si. hum, hum, hum, hum
Hum, hum, hum, hum
Mulher que troveja
Mulher que é arrancada

---

[92] Aonde chego.
[93] É a verdade.

Mulher doce suprema
Mulher doce sagrada
Ah, Jesus
Mulher que procura
Mulher que toma entre as mãos
Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
Hum, hum, hum, hum
Mulher de cabeça altiva, hum, hum, hum, hum
Que murcha, que cresce
Um espírito, alguém que é luz, alguém que é dia
Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
Cayetano García!
[Convidando-o a escutar]
[Cayetano responde: "Sim..."]
Não é assim?
[María Sabina pergunta]
[Cayetano responde: "Sim... é assim.”]
Não é assim? Assim! Ouça!
Mulher que troveja, mulher que é arrancada
Ah, Jesus, ah. Jesus, ah. Jesus, ah, Jesus
[Cayetano ri, extasiado]
Ah, Jesus. Hum, hum, hum, hum
So, so. so, so, mulher justiça
Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum,
[Cayetano: "Muno obrigado!"]
Mulher São Pedro, mulher São Paulo
Ah, Jesus
Mulher livro
Mulher livro
Hum, hum, hum, hum
Mulher estrela grande[94]
Mulher estrela cruz
Mulher estrela Deus
Ah, Jesus
Mulher Lua, mulher Lua, mulher Lua

---

[94] Estrela da manhã.

Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
Mulher brisa, mulher orvalho

[Cayetano diz: “Trabalhe. Trabalhe. Trabalhe você."]

Hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
Mulher livro
Ah, Jesus, hum, hum, hum, hum
So, so, so, so, hum, hum, hum, hum

Mulher polichinelo suprema
Mulher polichinelo que está debaixo do sagrado
Mulher polichinelo. vem

Ah, Jesus. Hum. hum, hum, hum, hum, hum, hum, hum
So, so, so, so, mulher que troveja
Mulher que é arrancada, hum, hum, hum, hum
Mulher Cristo, mulher Cristo, hum, hum, hum, hum
So, so, so, so, so, so. so. so. so, so, so, so

Mulher rodamoinho, mulher rodamoinho
Mulher de povoado grande, mulher de povoado grande
Mulher águia suprema, mulher águia suprema
Hum, hum, hum, hum. So, so, so, so
So, so, so, so. So, so, so, so. Hum, hum, hum, hum
Hum, hum, hum, hum. Hum, hum, hum, hum

[Cayetano: "Trabalhe, trabalhe, é o seu trabalho..." Outras palavras indecifráveis]

So, so, so, so. So, so, so, so
Si, si, si, si, si, si, si, si si,
si, si, si, si, to, to, ta, ta
Si, si, si, si, so, so, ta, ta
Humhumhumhumhumhumhumhum
Hum, humhumhum. Sisososooooooiiii

[Aplaude junto com o fim da nota]

Cayetano García!

[Cayetano: 'Trabalhe, trabalhe, não se preocupe.”]

Fiiiiiiii
Hai, hai, hi Sisoui

Hinoi...
Tu és o papai
Tu és o Cristo
Tu és o Cristo
O caminho dos teus passos
O caminho dos teus pés
Onde deixas o teu sangue. Cristo
Onde está a tua saliva
Onde está o teu suor, Cristo
É por isso que vou ao caminho
dos teus passos
Assim como tu te situaste, Cristo
Assim como tu te situaste, pai
Assim como tu te situaste, tata
Porque és pai bonito
e pai altivo
Porque és pai sagrado
e pai altivo
Porque és pai fresco e pai terno
Pai fresco e pai terno
Pai fresco que cresce e pai verde[95]
Pai fresco c pai terno
Jesus Cristo
Porque lá entregamos
Estamos falando humildemente
Estamos falando sem mais
Está estendida a pegada
Está estendida a nossa mão
[Cayetano: "Trabalhe, trabalhe."]
Assim como todos os santos
Assim como todas as santas
Sempre houve santos
Sempre houve santas
Sempre houve santos
Sempre houve santas

---

[95] Não maduro

Sempre houve santos
Sempre houve santas
Sempre houve espírito limpo
Sempre houve semblante que é bom
E é semblante limpo
E é semblante que está em ordem
E é semblante que está em ordem
É semblante sagrado
É semblante importante
Fresco, cheio de brisa
Flor cheio de orvalho
Ou, é flor que cresce?
Ou, é flor macia?
Ah, Jesus
[Cayetano: "É tão Fresco e tão importante quando está em sua casa."]
É flor de água fresca
É flor de água macia
É flor fresca, é flor macia
Porque há flores limpas onde vou
Porque há água limpa onde vou
[Cayetano: "Aqui acontece o mesmo."]
Flor que é limpa, água que é limpa
Flor fresca, flor que se eleva
[Indecifrável]
Chamam-me a fresca
Chamam-me a que cresce
Porque não há vento
[Indecifrável]
Porque não há sujeira
Porque não há pó
Porque não há rodamoinhos de pó no espaço
Porque não há solar[96] *no espaço*
Esse é o trabalho dos meus santos
Esse é o trabalho das minhas santas

---

[96] Solar: terreno em que se junta e se forma o pó.

É Jesus Cristo
É Jesus Cristo
É Jesus Cristo
É Jesus Cristo
É santo, é santa
É santo, é santa
É espírito, é espírito
É luz, é orvalho, é brisa
É fresco
É Jesus Cristo, é Jesus Cristo, é Jesus Cristo
Porque não há dor
Porque não há tristeza
Porque não há guerra
Porque não há coragem
Não há nada inventado
Não há mentiras
Porque só com "isso" vivemos
Com "isso" nos iluminamos
"Isso" que estamos levantando
Que estamos elevando
Homem de luta
Homem de virtude
Homem que troveja
Homem que é arrancado
Homem cacau
Homem dinheiro
Homem pássaro
Dá-me!
Pássaro fresco
Pássaro terno
Homem sagrado
Homem importante
Como todos os santos
Como todas as santas
Senhor de São Pedro
Senhor de São Paulo

Pedro Mara[97]
Pedro Marfim
Como todos os santos, todos os santos
Todas as santas
Cayetano García
Dá-me!
O caminho dos teus passos, o caminho dos teus pés
Teu caminho de brisa, teu raminho de orvalho
Pai santíssimo. Assim como todos os santos
Assim como todas as santas
Em nome do filho do espírito santo
Assim como todos os santos, assim como todas as santas
Dá-me...!
[María Sabina interrompe seu canto e pergunta a Cayetano:
"Já dormiram as pessoinhas?" (referindo-se possivelmente
a Wasson e seus acompanhantes).
Cayetano: “Quê?
"Já dormiram as pessoinhas?"
Cayetano: "Não, ainda estão acordadas."
"Ah, estão acordados" — continua cantando]
Como todos os santos...
[Cayetano pergunta, em espanhol, aos visitantes: "Vocês estão acordados, não é?" Alguém responde: "Sim, é claro." Cayetano: "E o outro?" Ouvem-se vozes misturadas com o canto de María Sabina.]
Assim como todos os santos, assim como todas as santas
Dá-me, pai [indecifrável]
Dá-me! [indecifrável]
Assim como todos os santos, assim como todas as santas
Assim como iodos os santos, assim como todas as santas
Todos os santos e todas as santas
Dá-me!
Prepararei treze águias supremas
Prepararei treze gambás supremos
Prepararei treze [indecifrável] *supremos*

---

[97] Os nomes são compostos por María Sabina durante o transe.

Prepararei treze senhores São Pedro
Senhores São Paulo Pedro Mara
Pedro Martinez
Como o fez a Santíssima Trindade?
Caidá caidá [palavras indecifráveis]
Caminho feito para o padre
Caminho feito para as criaturas
Caminho feito para o espírito santo
Dá-me!
Porque já fizemos o caminho
Porque já o arrumamos
Não somos limpos diante da sua consciência?
Não somos limpos diante do seu coração?
As montanhas se endureceram
As encostas se endureceram
Porque já te olhei, já te toquei
No céu, no teu mundo
Por isso vamos ao caminho dos teus passos
Caminho das tuas mãos
Cristo. Tu, pai
Tão limpo e total mãe pastora
Mãe lavradora, mãe rica
Mãe que pare, mãe que se põe em pé
Mãe terna, mãe fresca
Mãe padroeira, mãe Concesa, mãe padroeira
Jesus
Nossa boneca água da praça
Nossa boneca água nossa Virgem que está na terra
Mulher Xacama, mulher Naxacama
Mulher Xindijin, mulher Naxindijin[98]
Onde caiu? Onde nasceu?
Mulher de orvalho
Onde nasceu uma freira?, diz
Nasceu o bispo bom e limpo, diz
Nasceu o padre bom e limpo, diz

---

[98] Xacama, Naxacama, Xindijin e Naxindijin são nomes de lugares.

E lá onde está a água sagrada[99] *limpa, diz*
Pai santíssimo
E é assim que vamos entregar, e é assim que vamos entregar
Um sonho e um [indecifrável]
Dá-me!
[Cayetano: "Que tudo saia de uma vez...”]
In nome ndi filho ndi spirito santo
Dá-me, diz
Que saia, diz
A doença, diz
O solar, diz
[Indecifrável]
O pó, diz, o rodamoinho de pó, diz
O vendaval, diz
Pai santíssima, diz
Vem, diz
Vem santo, diz
Vem santa, diz
Vem senhor de São Pedro, diz
Vem senhor de São Paulo, diz
Venham treze águias supremas, diz
Venham treze águias sagradas, diz
Rodamoinhos sagrados, diz
Venham treze [indecifrável]
Venham treze [indecifrável]
Porque existem minhas treze mulheres que saltam até o fundo da água
Porque existem minhas treze mulheres que saltam até o fundo do sagrado
Pai
Porque temos treze meninos ternos que caminham no fundo aquático
Porque temos treze meninos ternos que caminham no fundo do sagrado

[99] Água sagrada é o mar.

Pai a santíssima
Como todos os santos, como todas as santas
Dá-me, diz
Como o fez o santo sábio em remédios?
Como o fez o santo sábio em ervas?
Pai a santíssima
E foste remédio e foste erva
És o curadoenças
És meninos que crescem
Porque pudemos curar
Porque pudemos usar ervas
Não é ressentimento, não é discórdia
Não é guerra, não é rancor
Caminho de luta
Caminho de bondade
Caminho de trabalho
Assim como todos os santos, assim como todas as santas
Porque assim fez o pai lavrador, o pai rico
Pai lavrador, pai rico
Porque no princípio inclinei-me diante dele
Porque no princípio inclinei-me até o chão[100]
Havia flores medicinais, flores com folhas
onde eu me inclinei, onde eu me inclinei
até o chão...
So so so so so so so so sooooooo
So so so so so so O que é limpo, vá!
[Cayetano: "Hum..."]
So so so so soooo
Kí so so so sooo
Na na na na na naiiii
Na na na na naiiii
Ki ki ki ki ko kl ki
Ko ko ka ko koi ki ki ki kikikikí
Kikikristo

---

[100] Em sinal de humilhação.

Siambre siambre
Siam siam siam siam siam
siam siam siam siam
siam siam pre siam siam siam
siam siambre siam siam siam
siam siam siam siam siam
siambre
ai ai ai kina mamaiii
Ki ki ki ki
na ma ma ma maiii
na na na nai ki sososo, so soso soiii
[Cayetano assobia baixinho a melodia do canto de María Sabina]
É a inguitação[101] *que é bem a que pedimos*
E a inguitação que amadurece, que é da terra
Que é planta cultivável, que é raiz, que é broto
Que cresce, que é pequeno e que é menino
A inguitação que está bem
E o livro da minha Linguagem
Que estás lá, no céu
Que é bom
O que é bom
O que pomos na boca
O que perguntamos, mãe pastora
Tu, mãe pastora, mãe de brisa, mãe de orvalho
Mãe de leite, mãe com peitos
Mãe lavradora, mãe rica
Mãe que pare, mãe que se põe em pé
Kristo
Tu és o pai, pai, Jesus Cristo
Pai de sombra, pai de claridade tu és
Pai de luz, pai dia tu és
Que estás em cima, que estás em cima
que pode estar acima da virtude

---

[101] Benção.

Porque posso falar
O que levam os teus passos
O que levam as tuas mãos
O que é remédio [indecifrável devido ao ruído de alguém que cospe]
O que é remédio
É o trabalho do meu carriço de brisa, do meu carriço de [orvalho
Meus meninos pequenos, meus meninos que dançam
meus meninos não maduros
Pai santíssima
Tu, pai, e tu, mãe que estás no céu
E tu, Cristo, e tu, pai
Porque vou lhe dar um remédio
Porque vou lhe dar ervas
Porque é o trabalho dos meus meninos que crescem
dos meus meninos não maduros
Porque é o trabalho do meu carriço de brisa
do meu carriço de orvalho
Porque é o trabalho do meu chupador supremo
do meu chupador sagrado
Porque é o trabalho do meu colibri
Porque é o trabalho do meu colibri
Porque é o trabalho do meu chupador
Chupador supremo, chupador sagrado
Porque está pronta a minha agulha de remédio[102]
minha agulha de erva
Folha que cresce. folha fresca
Folha de remédio, folha [indecifrável]
Porque trago meus treze médicos de debaixo d'água
Porque trago meus treze médicos de debaixo do sagrado
Meninos que trovejam, meninos que são arrancados
Pai a santíssima
Tu és o santo, tu és a santa

---

[102] Injeção

Ah! Jesus Cristo. Tu és o santo
Mulher que olha, mulher que carrega
Mulher luz, mulher dia
Como todos os santos, como todas as santas
Pai a santíssima, mãe padroeira, mãe Concesa
Dá-me, diz
E estás forte e estás grandioso, diz
Dá-me!
Mulher brisa. mulher orvalho, diz
Nossa boneca [indecifrável]
Como todos os santos [outras palavras indecifráveis]
[Outras palavras confundidas com os latidos de um cão]
Nossa boneca mãe Ususná
Como todos os dias, como tudo o que é orvalho
O senhor de São Mateus, diz
Saiu o papel! Saiu o livro!, diz
Dá-me, diz
Todos os santos, todas as santas, diz
Com santo, somente com santo, diz
Todos os santos, todas as santas, diz
Que falamos humildemente
Que falamos, sem mais
Dá-me!
Falamos debaixo da sombra
Falamos [indecifrável]
Falamos ternamente
Falamos com frescor
Falamos crescendo
[Mais latidos de cão]
Falamos humildemente
Falamos sem sermos maduros
Falamos com frio
Falamos com claridade
Porque há Linguagem
Porque há [indecifráve]
Porque há saliva
Porque a Linguagem é remédio

Porque é remédio forte, diz
Saliva limpa, saliva bem feita
Luz que vive, luz que carrega, diz
Luz de brisa, luz de orvalho, diz
Pai a santíssima
Dia de filho dia de spírito santo
Senhor de São Pedro senhor de São Paulo
Pedro Mara Pedro Martínez, diz
E diz! [Diz isso a Cayetano]
[Cayetano: "Sim. é isso."]
Tu, carriço frio, tu carriço claro, pai
Tu carriço de luz. tu carriço dia, pai
Ou, por acaso não és a criatura que se inclinou.
Que se inclinou até o solo com humildade?
Não pousaste perto da flor, não se inclinaste
Não te inclinaste até o solo?
[Palavras indecifráveis]
Que se deitou, que se deitou com humildade?
Tu és pai. Tu Cristo. Tu és o senhor São Pedro
Nosso Ustandì debaixo d'água. Nosso Ustandí debaixo do [sagrado
Nosso São Pedro, nosso São Paulo
É a nossa luta, pai
É a nossa virtude, Crivo [O que obtemos]
É o teu sangue, o que deves dar. pai
Dá-me, teu coração todo
É a tua Linguagem Cristo [o que quero]
É a tua saliva, pai
Tu que estás no céu
[Cayetano: "Trabalhe, trabalhe. Não se preocupe, que estamos para..." Escutam-se latidos de cão.]
Porque vamos ao caminho dos teus passos
Porque vamos ao caminho dos teus pés

María Sabina inicia um canto que, de acordo com a sensibilidade mazateca, é um canto triste, no qual chama

São Pedro de Ustandi (palavra sem significado em mazateco):
Nosso Ustandi debaixo d'água
Nosso Ustandí debaixo do sagrado
Nosso senhor São Pedro. nosso senhor São Paulo
É o nosso esforço, pai
É a nossa virtude, Cristo
Entrega-nos o teu sangue, pai
Entrega-nos o teu coração
Porque é a tua palavra
Porque é a tua saliva
Tu, que estás no céu
Porque vou ao caminho dos teus passos
Porque vou ao caminho dos teus pés
Porque venho com minha mulher São Pedro
Porque venho com meu homem São Paulo
Porque tenho aqui o teu pássaro limpo [colibri]
Teu pássaro fresco
Porque aqui está o bispo bom e limpo
Porque aqui está o papel, e o Livro
Porque sou conhecida no céu
Porque Deus me conhece
Jesus Cristo
É coisa terna, é coisa fresca
É coisa de sentar-se
É coisa de ficar em pé
É coisa suave, é coisa terna
Por isso tudo eu pergunto

— Agora sim, obrigado... [Cayetano diz essas palavras com uma expressão dc satisfação]

María Sabina passa então a cantar suavemente, às vezes sussurra, mas sem perder o ritmo habitual de seus cantos. De vez em quando repete "Santo-Santa."

Ao comentar esta fim, a sábia diz que perde a palavra, durante a velada, quando pressente que uma pessoa estranha,

um vizinho, por exemplo, chega até a porta da casa em que ela desperta: "És por isso" — afirma — "que não posso mais falar. Atraídos pelo barulho. os vizinhos se aproximam da casa, para escutar o canto, para saber se o sábio pronuncia os seus nomes alguma vez. Os vizinhos pensam que a velada é feita para prejudicá-los. mas eu nunca faço isso..."

Continua o mesmo canto da fita anterior, e agora Cayetano acompanha com assobios suaves. María Sabina introduz dois nomes novos: "*Tu és o Santo Menino de Atocha*" e "*Mãe Natividade*".

Nessa fita, escuta-se:

Tu, santo, tu, Cristo

Tu és o Santo Menino de Atocha

Tu, São Isidro

Pai lavrador, pai rico

Pai fresco, pai terno

Santo, santa, santo

Ainda há santos, ainda há santas

Tu és mulher Lua

Mulher estrela grande, mulher estrela cruz

Mulher estrela Deus

(e repete)

Tu és Lua

Tu és mulher estrela grande

Mulher estrela Deus

Mulher estrela cruz

Mãe Guadalupe. mãe Concesa

Mãe padroeira, mãe Natividade

Mãe Conceição...

Sou mulher águia suprema, diz

Sou mulher gambá suprema, diz

Sou mulher que examina, diz

É Jesus Cristo, diz

Sou mulher limpa, diz

Mulher que troveja, diz

Mulher que é arrancada, diz
Sou mulher Ustandí debaixo d'água, diz
Sou mulher Ustundí debaixo do sagrado, diz
Sou mulher aerólito, diz
Sou mulher labó... diz [?]

[A fila termina com esta conversa:]

— Está vendo? (María Sabina)
— Sim...! (Cayetano)
— É isso, não é? (María Sabína)
— Sim, é isso... (Cayetano)
[Um breve silêncio, e depois María Sabina termina dizendo:]
— Qual é a dificuldade em fazer isto?

CANTOS XAMÂNICOS DE ROMÁN ESTRADA

Erva medicina, erva remédio
Erva fria. Cristo senhor

Livremos esta pessoa
da sua doença

Onde está preso o seu espírito?
Está preso nas montanhas?
Está encantado em algum riacho?
Está preso em alguma cascata?

Procurarei e encontrarei o espírito perdido
Ave María Santíssima!
Seguirei suas pegadas

Sou o homem importante
Sou o homem madrugador

Sou aquele que faz soarem as montanhas
Sou aquele que faz soarem suas encostas

Sou aquele que faz soar o espírito

Sou aquele que faz soarem minhas pegadas
Sou aquele que faz soarem minhas unhas

Cristo nosso senhor
Está o senhor São Martinho

Está o senhor da árvore seca
Está o senhor da laguna

Santo María Zoquiapan

Sou o amanhecer
Sou aquele que fala com as montanhas
Sou aquele que fala com o eco

Ali entre a atmosfera
Ali entre a flora
Farei com que meti som seja ouvido

Pai São João Evangelista
Olhemos como as bonecas e as águias
Brincam nos ares
Brincam sobre as montanhas
Brincam entre os nuvens

Não fará mal quem nos maldiz
Porque sou o espírito e a imagem
Sou Cristo senhor
Sou o espírito

Está a serpente
Está enrolada
Está viva

Eu alivio
Eu dou a vida

Sou o altivo e belo
Sou Jesus Cristo

Sou o senhor São Martinho
Sou o senhor São Marcos

Em cujos domínios há tigres

Sobre nós não há influência
do que maldiz

Eu dou força ao doente
Sou o remédio
Sou a erva úmida

Volte espírito perdido

Assobiarei para guiá-lo

[assobia]

Volte!

Que com você venham
Treze veados
Treze águias
Treze cavalos brancos
Treze arco-íris
Ao passar inova treze montanhas
O grande polichinelo o chama
O polichinelo supremo o chama
Tocarei as montanhas
Tocarei seus abismos
Tocarei a aurora Tocarei o dia
Tocarei o monte cântaro
Tocarei o monte sem rabo
Tocarei o monte de pedra
Tocarei o monte pai

Sou o homem grande
O homem alívio
O homem dia

É tempo do doente se recuperar
É tempo de acontecer o milagre
O milagre da Santíssimo Trindade
Assim como o milagre da criação
Como o milagre da luz lunar
Como o milagre da luz da estrela
Da estrela da manhã
Da estrela cruz
A aurora já vem
O horizonte já está ficando vermelho
Nada de mau há lá fora
Porque sou o que dá alívio
Sou quem dá o amanhecer
Fala Santa María lxtepec
Fala Santa María Ixcatlán
Lá estão a seca e o espinho

Esta é apenas uma fração do longo canto do sábio, que nos contou que, no dia em que deixou de ser iniciado — Román explica isto em castelhano recebeu um Diploma das mãos dos Seres Principais.

APÊNDICE

BALANÇO DE UMA VIDA

María Sabína, a xamã do México,

completou 32.445 dias dc existência

Quando acabei de escrever a biografia de María Sabina, a Sábia dos Cogumelos, no final de 1976, ela ainda tinha um tumor no quadril direito. Era uma protuberância que parecia um dedo gordo inflamado, conseqüência de um tiro de revólver. Sabina acredita que tem sido perseguida pela fatalidade desde que revelou ao mundo o segredo do ritual dos cogumelos sagrados, que os mazatecos da região norte de Oaxaca herdaram de seus antepassados. Não culpa Gordon Wasson, o anglo-saxão que a descobriu e publicou, mas aceita a parte dc responsabilidade que cabe a ela nessa história que, em nossos dias, tem algo de lenda.

Entreguei o manuscrito a Siglo Veintiuno Editores em setembro de 1977. María Sabina continuava em sua casa de adobe, à mercê de sua família parasita, composta por um filho — a exceção, já que foi o único a separar-se de seu grupo familiar —, três filhas e uns dez netos. Esse quadro não se modificaria muito nos sete anos seguintes.

Enquanto se preparava a edição de *As Confissões de María Sabina*, título original do livro, que foi mudado por sugestão de Octavío Paz e do editor, Arnaldo Orfila, uma bolsa de estudos a nível de pós-graduação em engenharia levava-me para a Itália, no primeiro semestre de 1977.

Ao voltar, inteirei-me de alguns fatos ocorridos na vida da sábia mazateca.

*
*   *

Nos primeiros dias de maio de 1977, devido a uma briga em família, mais uma na vida de María Sabina, uma de suas

filhas — espero não ter de pagar por minha língua, como dizem — agarrou-a pelos cabelos c jogou-a ao chão. A velhinha, na época com uns 83 anos, muito fraca, caiu sobre o quadril doente e feriu-se gravemente.

Sem recorrer a nenhuma ajuda médica, Sabína esperou que o ferimento sarasse por si só. Mas isso não aconteceu, e a ferida começou a supurar incessantemente. A essa altura. alguns admiradores da sábia, sabendo de seu estado, solicitaram a intervenção do governador do estado de Oaxaca, o professor Zárate Aquino, no sentido de dar atendimento médico a María Sabina. Uma ambulância foi rapidamente enviada a Huautla, para levar a anciã até a capital do estado, Oaxaca. Os enfermeiros não encontraram María Sabina em repouso, convalescendo na cama de tábuas, tradicional em Huautla. Os parentes informaram que a xamã estava a caminho de Mazatlán, situada a uns sete quilómetros de Huautla. Esses povoados são ligados por um caminho sinuoso, com ladeiras extremamente íngremes, como todos os caminhos das montanhas, pelos quais o índio transita com naturalidade e agilidade, movendo com rapidez os pequenos pés descalços, de plantas curtidas e calejadas.

Os homens do governador tiveram de seguir as pegadas de María Sabina, auxiliados por uni nativo, cortando caminho, às vezes, por veredas e atalhos, enquanto a ambulância esperava na parte mais próxima da estrada. Embora pudesse ter utilizado um dos velhos ônibus que fazem a comunicação entre algumas fazendas, a anciã tinha decidido viajar a pé. Por fim, o guia avistou a xamã, que caminhava depressa, em vista da sua idade e estado, acompanhada por um seus netos (um dos que ela criou).

María Sabina explicou que estava indo levar flores e velas de cera pura para o santo padroeiro de Mazatlán. Quando era jovem, ia às festas nas fazendas, para vender café e pão. Agora, na velhice, dedicava-se com mais liberdade, ainda que com maior dificuldade, à adoração de seus santos. Os

enfermeiros explicaram que tinham sido enviados pelo governador e, vendo que a lesão era grave, puseram-na na ambulância com neto e tudo e levaram-na para Oaxaca. Lá ela foi operada, para extrair aquele velho tumor que carregava há uns vinte anos, e que arrebentaria brevemente. Outras pessoas já tinham aconselhado María Sabina a fazer essa operação, antes do incidente com a filha, mas ela tinha recusado as propostas, com medo da medicina ocidental, que lhe parecia "estranha".

Depois de oito dias de convalescença, a anciã voltou para Huautla com o neto.

*
* *

Em outra briga familiar, a filha de María Sabina — não citarei nomes — mordeu-lhe o braço direito. Ao mostrar-me a cicatriz, em forma de meia lua, c com uns oito centímetros de comprimento, a sábia disse: "Veja, ficou pior do que se eu tivesse sido mordida por um cão."

*
* *

Em 1978 eu já tinha voltado ao México, quando aconteceu outra tragédia: um vizinho, bêbado, sentiu vontade de "estrear" um rifle, Armou uma briga com o neto-acompanhante de María Sabína e assassinou-o com dois tiros. A avó, sofrida, exigiu justiça das autoridades de Huautla, mas ninguém lhe deu ouvidos. O assunto foi esquecido e engavetado como simples briga de bêbados.

*
* *

E a vida seguiu seu curso. Em 1979, a Dirección de Cinematografia, órgão do governo mexicano, ordenou a filmagem de um curta-metragem intitulado María Sabina, Mujer Espíritu. A *xamã* assistiu à estréia, no Cine Regis, na Cidade do México, vestida com seu *huipil* de Huatitla.

Sabina recebeu como pagamento por sua participação no curta-metragem uma vendinha, que foi instalada em sua própria casa, presente do diretor do filme, Nicolás Eche-varría. A vendinha durou relativamente pouco. Chegavam as vizinhas paupérrimas, vestidas com *huipiles* esfarrapados, e pediam, fiado, um quilo de feijão, de açúcar, de arroz, cigarros, cervejas, fósforos, refrigerantes, etc. E, é claro, as filhas e netos tinham prioridade para saquear. Desse modo, chegou ao fim uma das "Ilusões" da legendária María Sabina: ter uma vendinha.

Devido a esse antecedente, em vez de pagar a sábia, por sua participação no filme, em dinheiro, o governo mexicano construiu para ela uma casa de madeira, ao lado de sua velha casa de adobe e chão de barro, para que "vivesse mais decentemente". A anciã demorou anos para aceitar sua nova casa e, quando decidiu fazê-lo, encontrou defeitos: na casa não havia eletricidade nem água encanaria. Para que ter um banheiro dentro de casa, se não se pode usá-lo? Se ela diz, em seus cantos xamânicos (durante o transe), que é a Mulher Lua, Mulher Luz do Dia, Mulher Pedra de Sol, isso não quer dizer que não deseje, no fundo, manipular um interruptor que lhe permita acender e apagar as lâmpadas da sala quando quiser. Atualmente, os usuários da magia pré-colombiana também devem ter o direito de ser usuários das descobertas dos "homens brancos".

*
* *

Um fato que os jornalistas não entendem, apesar de seu "olfato inato", é o que comentarei a seguir.

Quando chegam à casa de María Sabína, a primeira coisa que "descobrem" é a sua *pobreza*. Vêem-na esfarrapada e suja, fato que por si só já constitui um bom tema para fotografias e reportagens. Esperam encontrar uma maga toda pintada, com colares e anéis de ouro, com assistentes, e um consultório com sala de espera e ar condicionado, como

alguns "bruxos" de Catemaco[103], ou farsantes com bolas de cristal ou até, quem sabe, com poções e caldeirões cheios de líqüidos em ebulição.

Não sabem reconhecer o autêntico. María Sabina anda maltrapilha porque "está em casa", mas tem *huipiles* para vestir em ocasiões especiais. No fim das contas, ela é como os profanos citadinos da classe média, que vestem em casa a pior roupa que têm. Pode ser o calção para lavar o carro. ou a calça velha e descorada. que agora sei serve para podar as plantas. María Sabina é assim em seu habitat. Se, em consequência de sua fama, tem mais dinheiro do que suas vizinhas esfarrapadas — estas, sim, naturalmente esfarrapadas — não o demonstra. Quando Wasson a descobriu, ela já tinha uns sessenta anos, e era de se esperar que não mudasse seu modo de vida. acontecesse o que acontecesse. Além disso, existe o pudor: se dermos dois mil pesos a María Sabina, ela dirá mais tarde que só recebeu quinze ou vinte pesos, porque o mundo não tem de ser informado sobre assuntos privados.

Será que Jesus Cristo teria mudado se tivesse ganho um prêmio de milhões de dinares na loteria? Aí está, o *To be or not to be!*

*
* *

A vida de María Sabina, nesses últimos sete anos, não foi mareada pela felicidade absoluta. Mas tampouco o foi pela completa infelicidade. Em 1980, decidiu casar-se com um ancião de 80 anos. Ela tinha 86. O casamento realizou-se em Huautla, com uma missa. Depois foram todos para a casa de María Sabina, o casal dançou um pouco ao compasso da *Flor de Naranjo*, e os convidados beberam, comeram e dançaram. Ela mesma contou a história: "Um dia, um velho veio me

---

103 Povoado do estado de Veracruz, México, onde se reúnem, uma vez por ano, os "bruxos" e "feiticeiros", para *exibir* suas faculdades e poderes.

visitar, disse que se chamava *Trofeto*[104] que vinha de Barranca Seca (povoado vizinho). Disse que era viúvo e que se sentia só. Que seus filhos já estavam crescidos e se dedicavam às suas próprias famílias. Visitou-me outras vezes e conversamos, até que um dia propôs que nos casássemos.

"Eu já estava achando que o fim dos meus dias se aproximava, que a cada ano que passa meu corpo vai ficando mais imobilizado, e que também me sentia só. Muito só. Fico feliz quando vocês, meus amigos, vêm me visitar, e triste quando vão embora. "Então decidi me casar com *Trofeto*, e assim compartilharíamos o resto de nossas vidas. Além disso, eu poderia encarar Deus quando, chegada a hora de eu me apresentar diante dele, me perguntasse: "Você se casou diante de mim?" Eu responderia que sim. Não me casei com os maridos anteriores. Nem diante das autoridades nem na Igreja.

"O casamento foi celebrado e vieram meus amigos e vizinhos. Eu paguei as despesas da cerimônia e da festa: a missa, os músicos e a bebida."

No entanto, esse casamento insólito mas feliz duraria poucos dias. Reapareceram as maldades em família, os netos começaram a hostilizar *Trofeto* e se recusavam a reconhecê-lo como "avô". Tacharam-no de aproveitador e jogaram-lhe na cara que era incapaz de sustentar a mulher. Aconselhados pela ambição, afugentaram-no. Se a avó morresse, quem seria o dono das casas e do terreno?

Trofeto não conseguiu suportar o assédio injurioso e cotidiano, e um belo dia pegou seus pertences e voltou para Barranca Seca. Sabina ainda sente saudades de *Trofeto*.

*
*   *

Para evitar riscos desnecessários, um neto tomou de María Sabina a escritura do terreno — o único — em que

---

[104] Deformação de Perfecto

ela vive. Aproveitou para levar também as economias da avó.

Sabina recorreu, mais uma vez, ao juiz de Huautla. O *senhor autoridade* pediu os dados do caso para mover a ação. Pediu a apresentação das *testemunhas do roubo e o comprovante da entrada do dinheiro*. "Foi ele que roubou de mim a escritura e o dinheiro. Tenho razões para dizer isso", exclamou sem forças a mulher indígena mais famosa do México. O juiz não quis levar O caso adiante. Manteve o acusado na cadeia por dois dias apenas.

“Juiz nojento!", disse Sabina, e não voltou a pedir justiça. Não recuperou nada.

*
* *

No início de março de 1983, Sabina chegou à Cidade do México. As pessoas que a trouxeram diziam que ela estava agonizante (o que não era verdade). Os jornais, o rádio e a televisão divulgaram sua "grave doença". Ao ser entrevistada, disse que, devido à sua idade, tinha parado de comer os cogumelos sagrados. O que não disse foi que parou de comê-los em quantidade cerimonial, mas comunga com um ou dois cogumelinhos, de tempos em tempos, para "fortalecer-se". A tal doença não existia, eram só achaques de velhice. Fui visitá-la e conversamos. Escutei suas palavras pausadas: "Já estou velha. É um problema para mim movimentar-me dentro de casa. Sofro até para fazer minhas necessidades. Meus familiares pouco ajudam. Mas o problema é a minha velhice. Quando torno *atole*[105], é como se bebesse urina. A comida já não tem sabor agradável para mim."

Antes de voltar para Huautla, esteve dois dias em meu velho apartamento de Itzapalapa[106], e reiterei o convite para que ficasse aqui, na Cidade do México, definitivamente. Ela

---

[105] Bebida quente e consistente, feita à base de massa de milho.
[106] Bairro da Cidade do México.

não quis. Quem cuidaria das galinhas? Quem iria revender a lenha armazenada em casa? Levou com ela algum dinheiro, contribuição de antigos e admiradores. Mas o problema persiste: seus familiares, acostumados aos presentes dos visitantes, não trabalham, e, quando falta dinheiro, acossam e maltratam a *Senhora*.

María Sabina deixou a Cidade do México no dia 15 de março de 1983. Dois dias depois, no dia 17, essa lendária nativa de Peixes completaria 89 anos ou, o que vem a ser a mesma coisa, 32.445 dias de vida, levando em conta os anos bissextos...

ÁLVARO ESTRADA
2 de junho de 1983